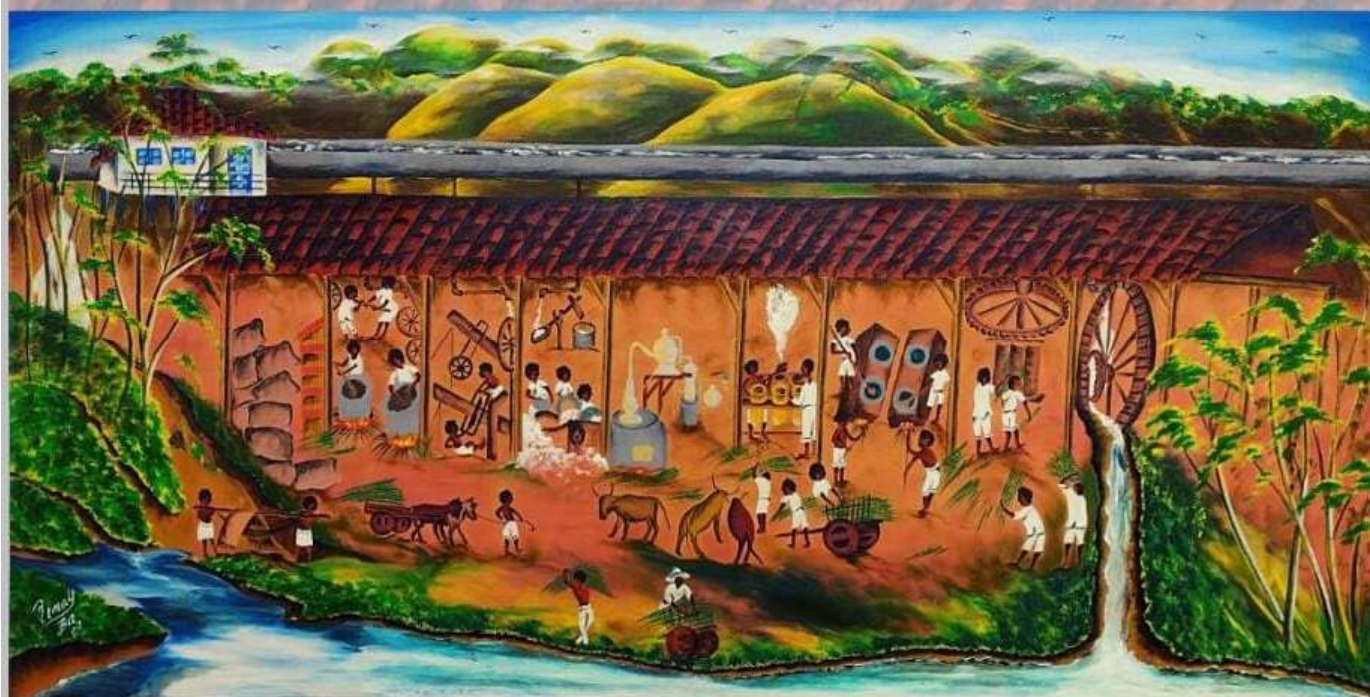


SALA  
SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

DOSSIÊ TEMPORAL DO  
ENGENHO DE  
SANTANA



ILHÉUS-BAHIA  
MAIO 2022



## **CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE OLIVENÇA E ILHÉUS – CEPOI**

### **MUSEU DA CAPITANIA DE ILHÉUS**

- **SALA SILVA CAMPOS**
- **MEMORIAL DO ENGENHO DE SANTANA**

Conselho Diretor do CEPOI – Vladimir Hughes, Bolívar Landi e Robson Moura

Representante Legal do CEPOI – Nelson Alves dos Santos Filho

Diretor Geral do Museu – Rogério Feitosa Matos

Curadoria do Museu da Capitania de Ilhéus – Vitória Bispo Carvalho



**Centro de Estudos e Pesquisas de Olivença e Ilhéus – CEPOI**

**Sala Silva Campos / Memorial do Engenho de Santana**

**Dossiê Temporal do Engenho de Santana**

Grafia de acordo com os excertos retirados de textos e fontes históricas. Fontes apontadas ao final do fragmento. Demais textos de acordo com a grafia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Organização – Geraldo Magela Ribeiro

Capa e Design – Manu Pessoa e Renato Santana

Revisão – Vladimir Hughes

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

Engenho de Santana - Instagram: @engenhodesantana e @museu\_capitaniadeilheus



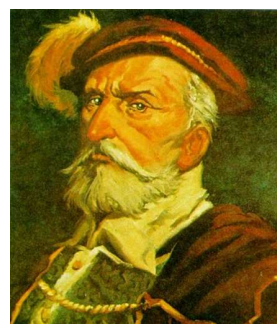
Pintura – Renato Santana Ferreira



Igreja de Santana



Tacho de Açúcar do Engenho



Mem de Sá



Gregório Luís



## 1. Introdução

O antigo Engenho de Santana, hoje vilarejo do Distrito do Rio do Engenho em Ilhéus, Bahia, tem muito a contar de sua história de glória, tortura, economia e rebeliões; onde muitos estão enterrados, que viveram, resistiram, lutaram, trabalharam, se reproduziram, desenvolveram as vidas de milhares de ilheenses, por opção ou por obrigação, temos o registro da mais selvagem forma de exploração humana - a escravidão, mas também tivemos a servidão indígena e o trabalho livre de alguns poucos. A inventividade e o trabalho desse povo, nos deixou o legado de um passado que merece ser recontado e aberto para o conhecimento do grande público, para isso necessitamos de mais pesquisas, sejam históricas, sejam arqueológicas, e esse breve texto visa aglutinar todas as citações e produções sobre o Engenho de Santana, para que novos e velhos pesquisadores possam ter maior facilidade na produção de novas obras sobre esse local. Reconhecido nacionalmente e mesmo internacionalmente, devido a seu rico passado histórico, mas ainda é pouco “explorado” positivamente pelo turismo, possibilitando a geração de emprego e renda para aquela comunidade que se estabeleceu nas terras do antigo Engenho de Santana.

Centro de desenvolvimento tecnológico, desde sua construção, o Engenho de Santana foi durante um período, o maior e mais moderno engenho de açúcar do Brasil Colônia. Construído e organizado pelo Desembargador Mem de Sá, que foi um carrasco, que escravizou índios e que também massacrou os índios tupiniquins na famosa “Batalha dos Nadadores” em 1559, quando era Governador Geral do Brasil Colônia – 1558-572; mas seu retrato não pode desaparecer da história construída no Engenho de Santana, onde o passado de servidão e escravidão, não podem ser apagados de nossa história, para que nunca mais possa ser ventilado a possibilidade de repetir, mesmo que em alguns locais do Brasil de hoje, em pleno século XXI, temos a libertação de seres humanos em situação análogas a escravidão, realidade que nos choca e entristece. Como dizia o filósofo, “A história só se repete de forma anedótica”. O Engenho de Santana deve simbolizar a história de um passado que não pode voltar, mas que temos que reconhecer o avanço tecnológico e o convívio de inúmeros seres humanos, que lutaram, sofreram e se superaram, em um pedaço de terra abençoado por Deus e pela natureza.

Tentar mostrar, e garantir elementos de pesquisas para que estudantes, professores e historiadores possam demonstrar como viveram, trabalharam, sofreram, se acasalaram, amaram, morreram, mostrando seu cotidiano, seu dia-a-dia, dos que viveram no Engenho de Santana durante seu funcionamento, é o nosso principal objetivo.

Sabemos, mais ou menos, quando o Engenho de Santana teria iniciado sua construção, por volta de 1537/38, tendo terminado por volta de 1542/43. Mas não temos quando ele encerrou suas atividades, temos uma data indicativa de 1930, por informações de 1923 do Banco do Brasil que fazia empréstimos para exportação de açúcar, mas o Engenho do Itaípe e outros ainda funcionavam em Ilhéus, o certo que em 1950 quando Othon e D.Alice Maranhão, compraram a Sesmaria, ele não estaria mais funcionando, já estaria em ruínas. Acreditamos que a partir de 1834, os Bittencourt Sá, com a aquisição do Engenho de Santana ou Santa Maria, teriam reduzido e depois, teria paralisado a produção de açúcar no engenho e substituiu pelo plantio de cacau. Precisamos pesquisar muito mais e precisamos que essa juventude que está saindo das universidades, possa ajudar a recontar melhor essa história.



Geraldo Magela Ribeiro

## Séculos em pauta

Século XVI = 16, Século XVII = 17, Século XVIII = 18, Século XIX = 19, Século XX = 20



Brasão de Jorge de Figueiredo Correia, 1º Donatário da Capitania de Ilhéus

O Engenho de Santana estava localizado a 2 léguas (12 km) da antiga vila de São Jorge dos Ilhéus, tornou-se o primeiro e maior engenho da localidade

*- Digo eu Jorge de Figueiredo Correia, por este meu assinado, que dou ao senhor Mem de Sá uma légua e mais meia de largura e uma légua de comprido na minha Capitania do Brasil, com todas as águas, que nesta terra se acharem, para ele fazer todos os engenhos de assucar que quizer; de que me pagará de cada engenho uma arroba de assucar de cinco em cada um ano... Mem de Sá (Citação em MONTEIRO, 1999, p.12). MARCIS, Teresinha, 2000,pg 34. Viagem ao Engenho de Santana.pg18*

*Estimativas que Mem de Sá Sotto Mayor, Juiz Desembargador dos Agravos da Casa de Suplicação, recebeu a doação da Sesmaria de Francisco Romero, louco tenente de Jorge de Figueiredo, por volta de 1536 ou 1537 e tentou legalizar com a doação de Jorge Figueiredo Correia, em 1547. Nota do Organizador. (N.O)*

- As confusões na doação começam no momento em que o loco-tenente Romero doa uma parte dessas terras ao então desembargador de Lisboa, Mem de Sá, correspondendo a uma légua de largura por uma de comprimento, no local denominado Ribeira Grande e, posteriormente, Ribeira de Santana. Romero fez essa doação sem consultar os demais parceiros... Logo após, Jorge de Figueiredo Correia confirmou a doação a Mem de Sá e acrescentou meia légua de largura à mesma sesmaria, autorizando o uso tanto da Ribeira de Santana como das águas do Rio da Vila (atual rio Cachoeira). Finalmente, Mem de Sá buscou



regularizar essa situação, recorrendo aos cartórios de Lisboa para conseguir as escrituras das terras doadas tanto por Jorge de Figueiredo Correia, como por Francisco Romero. A regulamentação da doação foi facilitada com a desistência de Francisco de Bitencourt da posse das terras e pela compra das partes de Duarte Alvares e Jerônimo Morel. DIAS, Marcelo Henrique, pg98.- Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***O Engenho de Santana se tornaria um dos engenhos mais produtivos na primeira fase da produção açucareira colonial, em meados do século XVI.*** Nota do Organizador (N.O).

- a doação da sesmaria a Mem de Sá, que implantou o Engenho de Santana em 1537 - MARCIS, Teresinha, 2000,pg 7. Viagem ao Engenho de Santana.

- a sesmaria cedida a Mem de Sá, que chegou a ser o terceiro Governador geral do Brasil nos anos de 1558 a 1572. Tendo uma dimensão de 10 Km de largura e 6,30 Km de comprimento, posicionado nas margens do rio Santana – o qual é conhecido hoje em dia como “rio do Engenho” –, foi nessa sesmaria específica que se edificou o engenho homônimo ao rio, com a missão de intensificar o fabrico de açúcar para exportação. Pg54- Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

- Francisco Romero afirmou que, inicialmente, foi feita uma parceria entre ele, Jorge de Figueiredo Correia, Duarte Alvares e Hyeronimo Morel em relação a uma determinada área da capitania dos Ilhéus. Essa região, correspondia precisamente a seis léguas em redondo no Rio dos Ilhéus, com suas águas, e tudo que nas ditas seis léguas de terra houvesse com suas águas, havia de ser de todo quatro igualmente segundo mais largamente se contém em uma escritura que disse foi feita (...) (Cfr. Cópia do documento em anexo nº01, p.11). Entretanto, após instalar-se no rio dos Ilhéus Francisco Romero, sem consultar Duarte Alvares e Hyeronimo Morel, ofereceu uma parte dessas terras, denominada de Ribeira Grande, a Mem de Sá. A oferta veio a ser ratificada, em 1537, apenas por Jorge Figueiredo Correia, que lhe fez, inicialmente, uma doação por escrito de uma légua de largura com uma légua de comprimento, na dita Ribeira Grande... Com o passar do tempo, após Mem de Sá ter investido vultuosa quantia na edificação de um engenho, já estão denominado de Santana, buscou regularizar em cartório sua posse naquelas terras e, a partir de então, começaram a vir a tona as diversas irregularidades que envolviam a doação daquela área. Pg11/14 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correira Cardoso

***- Na área tão questionada, Mem de Sá construiu o Engenho de Santana, que localizava-se à margem direita do rio com este mesmo nome (Santana), aproximadamente a uns 300m de distância de onde se edificou a capela, ainda hoje existente.”.*** pg 15 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correira Cardoso

***- Além de incompleta, a doação também apresentava outra irregularidade: a parte da terra que pertencia a Francisco Romero, foi doada por ele duplamente, ou seja; Romero doou a mesma área a duas pessoas: Mem de Sá e Francisco de Andrade. Jorge Figueiredo Correia, complicando ainda mais a situação, não atendia aos diversos apelos que Mem de Sá lhe fazia, a fim de que lhe enviasse a confirmação da sua doação através de sua escritura pública. Diante de tais circunstâncias, Mem de Sá não se intimidou e tomou todas as medidas cabíveis para a resolução dessas questões,***



*chegando inclusive, a interpelar judicialmente o próprio donatário da capitania de Ilhéus...19 de novembro de 1545, quando Mem de Sá comprou a parte das terras que cabia a Duarte Alorez e Hyeronimo Morel.... Com Francisco Romero a questão se resolveu em 02 de novembro de 1546...Estando ele preso em Lisboa, na cadeia da Corte, na presença de um oficial de justiça e do procurador de Mem de Sá, de nome Vasco Rodrigues, Romero confirmou a doação feita a ele...Jorge Figueiredo foi interpelado em sua casa, em Lisboa no dia 21 de janeiro de 1550...A legalização final deu-se em, 24 de janeiro de 1569, quando o escrivão da Vila dos Ilhéus, Baltazar Pires, registrou o documento assinado por Jorge Figueiredo Correia, que naquele momento se encontrava nas mãos do feito de Mem de Sá, Duarte Alorez. Pg10/11 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso*

***Temos a confirmação que em 1545, existia pelo menos 2 engenhos funcionando em Ilhéus, e 1 em construção, o primeiro a ser construído teria sido o Engenho de Santana e depois o Engenho de Taípe. Devemos observar que a construção de um engenho real, movido força d'água, à época durava em torno de 5 anos, o que coloca o início da construção do Engenho de Santana pelo menos em 1540, acreditamos que em 1543 o mesmo já teria sido concluído, o que nos indica que a construção teria iniciado por volta de 1537/1538. Nota do Organizador.***

- Ilhéus: Em 1545, existia 2 engenhos e 1 em construção – FILHO- Carlos Pereira – História e Fatos de Ilhéus, pg 04

- 1548 – Ilha de Santa Catarina sequestram índios Carijós para vender na costa. Pg 53 – CAMPOS, Silva.

***Se acredita que alguns desses índios, se não todos, foram parar no Engenho de Santana, para evitar atritos com os índios Tupiniquins da região. N.O.***

- ...inúmeros vexames dos povoadores à cata de braços, que praticavam raptos e resgates, ou melhor, resgates quando não podiam praticar raptos. Pg.161 – A Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil. Tomo I. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1945

- 1558-1572 – Mem de Sá, foi o Governador Geral do Brasil Colônia de 1558, até sua morte em 1572.

- 1570 – É liberado a compra de africanos e proibido a escravização de índios aldeados. MARCIS, Teresinha, 2000,pg 34. Viagem ao Engenho de Santana.

- O auge da atividade açucareira em Ilhéus ocorreu entre os anos de 1550 até 1559, nove anos em que foi possível sentir o doce ganho proveniente da cana de açúcar, contudo, desde o princípio sofria com ataques de grupos nativos – principalmente povos da etnia aimoré – e na década de 60 teve início surtos de epidemias e fome aos quais desencadearam o declínio da produção nos engenhos. Pg54- Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

- “1579, quando o Governador Luís de Brito determinou que trinta casais de índios tupis forros fossem cedidos pelos lavradores da Vila de Ilhéus para recomporem os quadros de trabalhadores do Conde de Linhares, defendendo a propriedade dele dos ataques dos ‘Aimorés’. PARAISO, Maria Hilda- Caminhos ao Encontro do Mundo, A Capitania, os Frutos de Ouro e a Princesa do Sul, Ilhéus 1534-1940.





***O conde de Linhares e sua esposa, a condessa D.Felipa, que era filha de Mem de Sá, controlavam o engenho de Santana, após a morte de Mem de Sá em 1572. O engenho de Santana é também conhecido com o engenho da Condessa. (N.O).***

- “Linhares ter obtido licença para trazer índios do sertão e instalá-los em aldeias sob sua proteção tornou a situação dos Engenhos Santana e Sergipe um tanto atípica” – MOTTA, tradução Laura – pg 59

- 1603 – “...os jesuítas haviam instalado uma aldeia datada de 1603” – Aldeia de Maria Jape - potiguar e tupi, para defender o Engenho de Santana – RIBEIRO, André, In Memoriam -, pg 26

## **Origens do açúcar e sua produção**

- O açúcar surge na Índia no século I, depois vai para a China séculos IX/X, na Europa século XI e no Século XVI chega ao Brasil. (N.O)

- O autor desse antigo manuscrito descreve esse processo como sendo um esmagamento entre “*millstones*”, ou seja, esmagamento por um moinho de pedra, um ponto questionado por vários pesquisadores uma vez que não se trata de moinhos de pedras, mas sim de um moinho tipo almofariz. Esse dispositivo era utilizado na Índia durante o **Século I** e foi transferido para China juntamente com outras técnicas de fabricação, como a cristalização e a clarificação do açúcar (NEEDHAM, 1996, p. 288-289). Nesse processo a cana-de-açúcar picada era depositada em um recipiente cilíndrico, inicialmente construído a partir da base de uma palmeira esculpida. Com uma haste na forma de um mastro tracionada manualmente - posteriormente foi adaptado ao emprego da tração animal - realizava-se a maceração dos colmos da cana-de-açúcar através de um movimento circular desse mastro, o caldo escorria para fora do recipiente por um pequeno canal e era retirado para tratamento. Pg 03 -OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

- Da Ásia, o emprego da moenda de almofariz (kolhu) foi levada durante o período das cruzadas para o Oriente Médio, mais especificamente para a Palestina. LIPPMAN (1941, V.1, p. 340-341) relata que viajantes, durante o século XI e XII, observaram as técnicas de produção de cana-de-açúcar e de fabricação de açúcar. A tecnologia empregada para extração de sacarose, segundo o autor, consistia em cortar a cana em pequenos pedaços de meio palmo e esmagá-los em um pilão. pg05- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

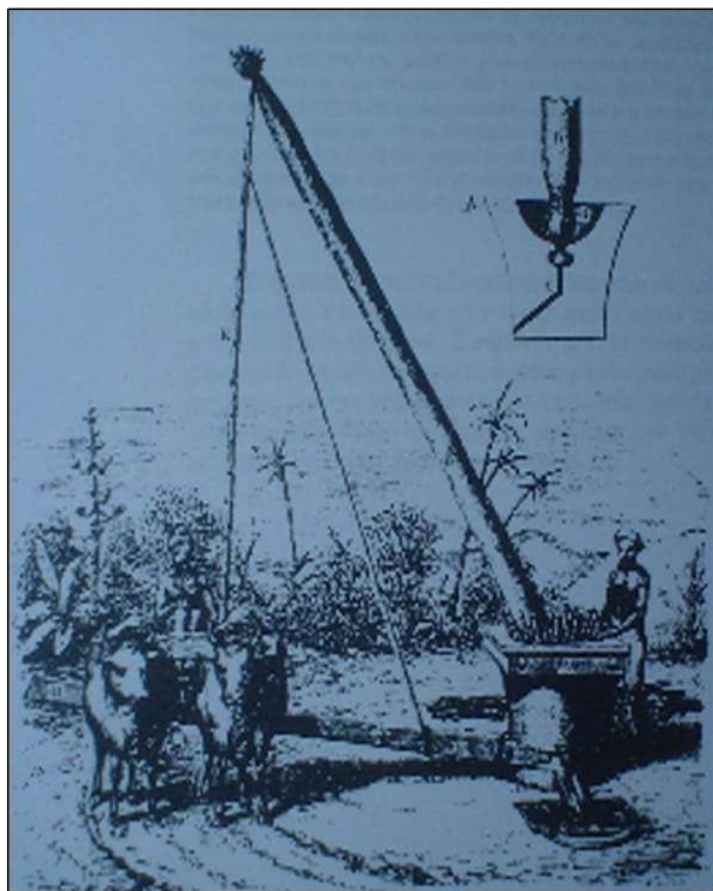


Figura1: Moenda de almofariz utilizada na Índia. Fonte: GAMA (1979, p. 86)

[https://www.abphe.org.br/arquivos/fabricio-jose-piacente\\_pedro-ramos.pdf](https://www.abphe.org.br/arquivos/fabricio-jose-piacente_pedro-ramos.pdf)

- Esse método, posteriormente foi levado até a Europa pelos cruzados durante o século XI e utilizado na produção de açúcar, na costa do Mediterrâneo, principalmente na Sicília e na Espanha. pg05- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

- Durante o século XII um novo tipo de moenda passou a substituir a almofariz, devido a sua maior capacidade produtiva e melhor eficiência de extração. A moenda de mó de pedra, conhecida como “*edge-runner mill*” passou a dominar a tecnologia de extração de óleos e posteriormente de sacarose. A origem desse tipo de equipamento não é precisa, mas segundo NEEDHAM (1996, p. 292-293) a China provavelmente é a precursora da inovação, uma vez que esse equipamento foi utilizado a partir do século V para extrair óleo de sementes e no século XII para processar cana-de-açúcar. No Oriente Médio (Persa e Palestina), vestígios arqueológicos dataram esse equipamento do século XIII. pg05/06- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

- O emprego de moinhos de pedra seguido da prensagem para o processamento da cana-de-açúcar expandiu-se rapidamente durante todo o ciclo dessa cultura no Mediterrâneo, nas colônias portuguesas do



Atlântico (Madeira, Açores, São Tomé e Cabo Verde) e posteriormente na América até início do século XVII quando foi definitivamente substituída pelas primeiras moendas de cilíndrico. Quanto ao seu emprego na América, GALLOWAY (1989, p. 37) destaca a adaptação para o emprego de força motriz animal, tanto no esmagamento de cana-de-açúcar quanto no processamento de minérios e fabricação de pólvora. pg06- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

***“Os feixes de cana são levados por jumentos ou camelos à “casa da cana”, onde se cortam as “cabeças”, que dão caldo escasso e impuro; depois lascam a cana ao meio, cortam as metades, sobre grandes mesas de madeira (...) levando-os para as moendas de mó e movidas à água, por bois jungidos a um cabrestante ou, á maneira das antigas prensas de óleo, de alavanca ou parafuso” (LIPPMANN, 1941, V.1, p. 271) .pg08***

Ainda no Egito, porém no século XV observa-se o emprego de um moinho de pedra (moinho de mó) no processo de extração de sacarose da cana-de-açúcar, LIPPMANN (1941) descreve uma passagem da viagem de um certo cavaleiro pela planície do Nilo no ano de 1496:

***“... corta-se a cana, que é doce, bem rente ao chão, a qual se reduz em pedaços pequenos de um dedo ou menos; estes são jogados a uma espécie de tanque onde há uma mó disposta de tal modo, que bois a põem em movimento sobre o fundo do tanque, e assim se opera a moagem” (LIPPMANN, 1941, V. 1, p. 390-391) pg09- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José***

- LIPPMANN (1941) aponta ainda que no ano de 1150, em Granada, existiam aproximadamente 14 fábricas de açúcar que utilizavam pilões acionados por animais de carga e pela força d'água. Para as etapas de fabricação do açúcar posteriores a extração, como o cozimento e a cristalização, utilizou-se durante muito tempo a lenha como principal matéria prima para produção do fogo, uma vez que a extração como descrita era pouco eficiente gerando um bagaço muito úmido e impróprio para a queima. Pg09/10- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

Segundo LIPPMANN (1941, p. 394) durante todo o século XV na produção açucareira de Palermo:

***“Colhe-se a cana, que é cortada em pedacinhos, e estes são levados a um moinho de pedra, em volta do qual anda um cavalo, tal como nos lagares, donde, depois de bem moídos e quebrados, são transportados para uma prensa de madeira, em que extrai o caldo...” (LIPPMANN, 1941, p. 394). Pg13- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José***

- Todos os autores são unânimes em considerar a introdução e a generalização da moenda de três rolos, primeiro posicionados na vertical e posteriormente na horizontal, como um divisor de águas para a atividade canavieira a partir do século XVII. Pg15- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

- Destaca LIPPMANN (1941, V.1, p. 394-395) que a inovação partiu de um produtor chamado Pietro Speciale, que acumulava o cargo de prefeito da Sicília, segundo esse autor:



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*“Em 1419, a universidade de Palermo compôs um guia da cultura e irrigação da cana, e em 1449, conforme Ranzani, montou Pietro Speciale, perto de Ficarazzi, ... (“o admirável aparelho que os sicilianos chama de trapetum”), para moer a cana acionada por roda d’água. Essa nova máquina, ainda hoje chamada de trapetto ou trapitto, compunha-se de dois ou três tambores em posição horizontal ou vertical, mui próximos uns dos outros e movidos por uma só engrenagem, a cana passa entre o primeiro e o segundo tambor e depois entre este e o terceiro, e assim se obtinha uma moagem simples, completa e barata” (LIPPANN, 1941, V. 1, p. 394).*

Pg16- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

*-Além da constatação documental de que a invenção da moenda de três cilindros não foi uma obra siciliana, PEREIRA (1955, p. 30) avilta a possibilidade de que essa técnica tenha sido trazida do Oriente, mais especificamente da China, por franceses e empregado originalmente no Ocidente em São Domingo, uma colônia no Atlântico. Inicialmente esse equipamento era composto de apenas dois cilindros de madeira, e já era caracterizado como mais eficiente que o “trappeto”, pela sua simplicidade, rapidez e economia. Posteriormente, para torná-lo duplamente útil foi acrescentado um terceiro cilindro, melhorando seu rendimento operacional e a qualidade do caldo: mais límpido e puro; o que impactou positivamente na etapa de clarificação, tornando-a mais rápida e barata. Logo após a introdução e melhoria tecnicamente desse equipamento pelos franceses, a inovação foi imitada pelos ingleses na Jamaica (PEREIRA, 1955, p. 30-31).*

Pg17- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

*- Os estudos recentes sobre a história do açúcar, reforçam as evidências de que o emprego de dois cilindros para processar cana-de-açúcar tenha sua origem na China, onde fora utilizado para processar algodão e papel e tenha chegado na Europa por volta do século XVI e a partir de então adaptado às necessidades da produção açucareira local. GALLOWAY (1989, p.205-206) apresenta um desenho de Sung Ying-Hsing que ilustra o processamento da cana-de-açúcar através de um moinho vertical de dois cilindros acionado por 18 tração animal. Destaca que o mesmo princípio foi inicialmente utilizado no descaroçamento de algodão, porém, neste caso os rolos eram posicionados na horizontal, diferente do emprego na cana-de-açúcar.*

Pg17/18- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

*- As primeiras moendas com dois rolos na posição vertical para processar cana-de-açúcar foram construídas na China durante o século XVI e motivada, principalmente, pela melhor adaptação do mecanismo de acionamento dos cilindros ao emprego da tração animal. Os primeiros engenhos com moendas de dois cilindros acionados por queda d’água foram construídos na América entre os anos de 1520 e 1530 a partir de modelos originados na China e Índia. Foram introduzidos no Novo Mundo pelos espanhóis e portugueses logo após os primeiros contatos marítimos entre a Europa e a Ásia no início do século 16 (NEEDHAM, 1996, p. 302- 303).*

Pg18- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José



## Tipos e custos para implantação de um Engenho

*Tínhamos dois tipos de engenho, de acordo com a força de move-los e os custos: engenho real, que utilizava a força motriz das águas, especialmente cachoeira para movimentar as rodas d'água e mover o engenho, produzindo toneladas de açúcar. Durante cerca de 200 anos os engenhos reais foram hegemônicos no Brasil Colônia, segundo Bruno Pereira Alves em sua exposição em Agroindústria Canavieira: uma análise sobre o uso da água na produção sucroalcooleira, pg.11. Por outro lado, tínhamos as chamadas engenhocas, conhecidos também como trapiches, utilizados principalmente a partir do século XVIII/XIX, para a produção especialmente de cachaça e também de açúcar, mas para pequena produção, tais engenhos eram movidos por força animal, junta de dois bois, ou mesmo através da força humana dos escravos, tais estruturas resistem no interior do Brasil até os dias de hoje em algumas poucas regiões para a produção de rapadura ou mesmo de cachaça.* Nota do Organizador.

*Os engenhos conhecidos como reais, eram movidos a força das quedas d'água, junto ao litoral brasileiro, eram muito mais caros de serem implantados e demandavam grande capital e estrutura para a implantação dos mesmos, daí o nome dos senhores de engenho, que passava a significar status e referência na sociedade colonial.* Nota do Organizador.

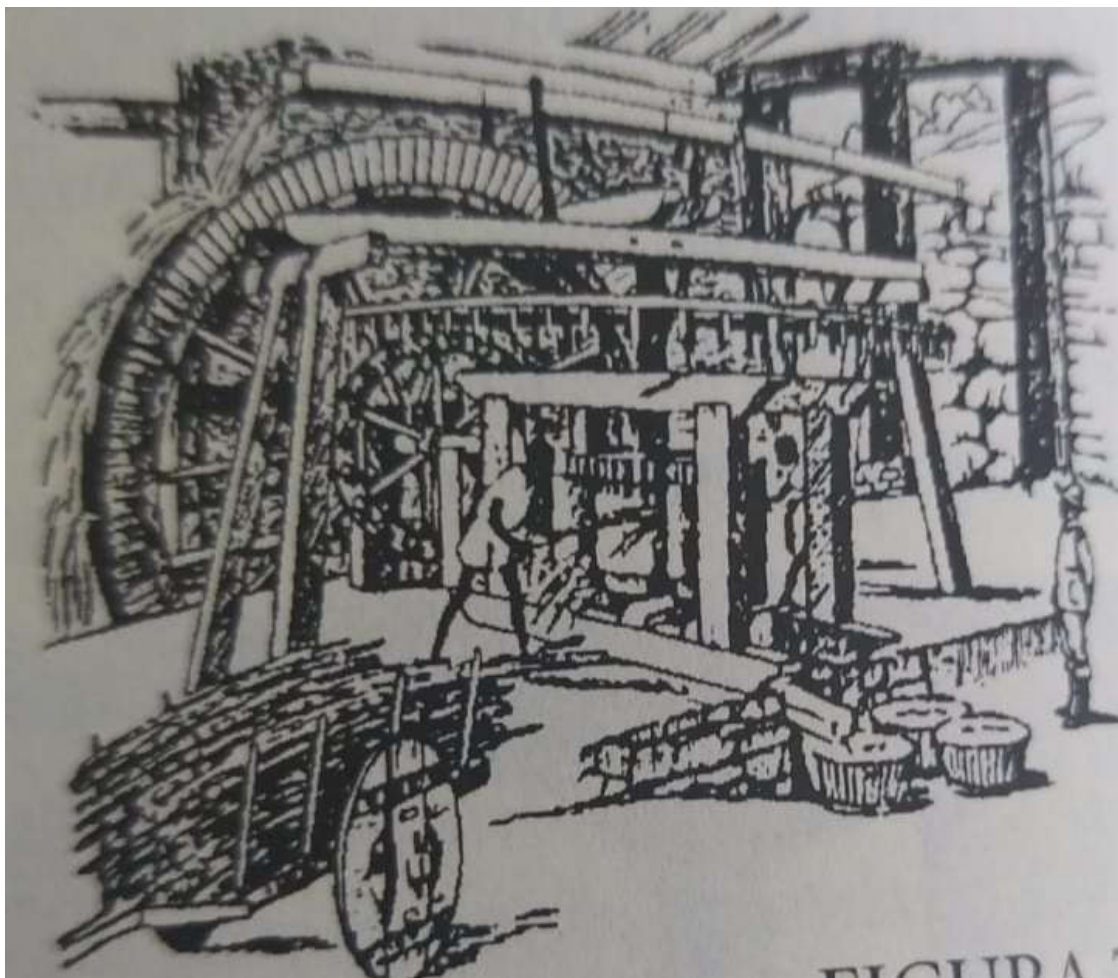
*- Um engenho Real, como o de Santana, era constituído por uma tecnologia de difícil obtenção na América lusitana desse contexto, uma peça quebrada/destruída propositalmente ou devido ao mau uso poderia acarretar a paralisação total, ou parcial, da produção do açúcar. Queimadas e incêndios nos canaviais eram frequentes e conseguiam gerar prejuízos significativos a um proprietário, ou algumas poucas gotas de limão em um caldeirão de garapa geraria a perda total do produto. Enfim, havia inúmeras maneiras de sabotar os trabalhos de um engenho.* Pg155 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*- Os engenhos reais eram movidos a força da água e os demais movido a força animal ou humana, conhecidos como trapiches. Os engenhos reais tinham condições de triturar muito mais cana e conseqüentemente, produzir mais melão e o açúcar.* Nota do Organizador.

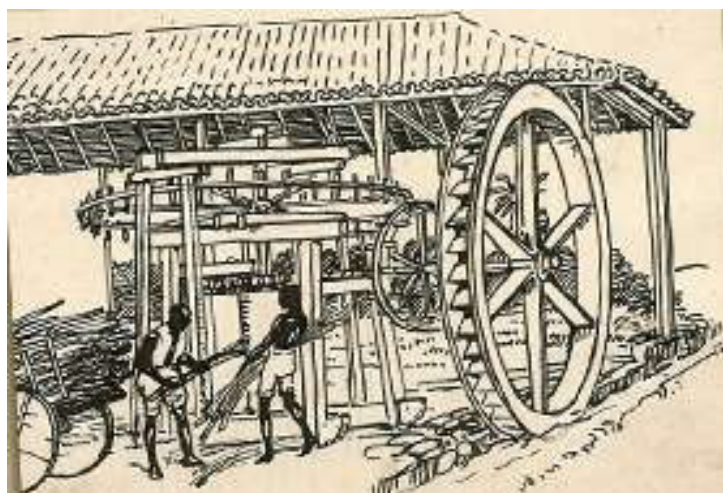
*- As Almanjarras porém, exigiam menor grau de habilidade técnica na sua construção e em seu manejo. O conjunto de almanjarra e moenda custava por volta de 6.000 cruzados, enquanto nos engenhos d'água só a roda implicava desembolso de 9.000 cruzado.* pg 159 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. Almanjarra era pau ou trave que se atrelava ao animal para movimentar as moendas.

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

Montagem de Engenhos



Engenho Real, movido pela força d'água, o mesmo tipo do Engenho de Santana . FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e poder, o mundo dos engenhos no Nordeste colonial, pg .152



# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

[http://www.mariosette.com.br/obra\\_senhoraengenho.shtml](http://www.mariosette.com.br/obra_senhoraengenho.shtml)

O Engenho São Jorge dos Erasmos foi doado à Universidade de São Paulo em 1958. Localiza-se na divisa entre os municípios de Santos e São Vicente, no estado de São Paulo. É a mais antiga evidência física preservada da colonização portuguesa em território brasileiro.



<http://www.engenho.prceu.usp.br/o-que-foi-este-lugar/>

O Engenho de Erasmo deve ter sido construído por volta de 1532-1537

<http://www.engenho.prceu.usp.br/arqueologia-das-ruinas/>



<https://imagens.usp.br/editorias/arquitetura-categorias/monumento-nacional-ruinas-engenho-sao-jorge-dos-erasmos/attachment/01032012ruinassjdoseramos074/>

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



USP - Universidade de São Paulo ...

14 h · 🌐

O Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos da USP, localizado em Santos, é a mais antiga evidência... [Ver mais](#)



JORNAL.USP.BR

**Projeto reconstrói engenho de açúcar do século 16 e mostra como ele funcionava**

O Monumento Nacional Ruínas Engenho S...



<http://schafergabriel.blogspot.com/2014/11/o-ciclo-do-acucar-e-escravidao-no-brasil.html>





## Preço de Engenhos

<b>Século XVII</b>	- Moendas, cobres, ferramentas	10.000 cruzados
	- 80 escravos dos dois sexos	8.000 cruzados
	- Bois (15 a 20 pares), carros e barcos	20.000 cruzados
	- Capital para início da operação	<u>10.000 cruzados</u>
		48.000 cruzados

- No **Século XVIII** – 150.000 cruzados - . pg 217– FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- **Século XIX** - Preço do Engenho de Santana em 1832. Na compra do engenho, tinha 183 escravos, **o valor da compra foi de 123:000\$0000.**– GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéos, 1806-1888). Pg.72

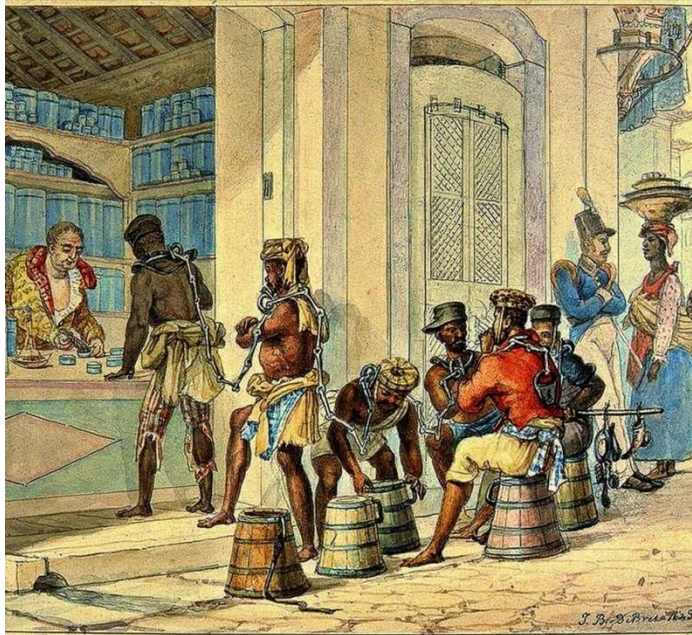
## Preço engenhos sequestrados

– Entre 1684 e 1725, os engenhos baianos de pequeno porte valiam 15.200 cruzados, sem escravos, e 20.000 cruzados, com escravos. pg 217 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial

- Entre 1724 e 1757, os valores de cinco engenhos sequestrados em ações públicas dão-nos uma média de 10.435 cruzados, sem escravos, e de 13.635, com 40 escravos. Esses preços baixos podem ser reflexo do estado de abandono das propriedades... já no final do século, o valor médio dos engenhos sequestrados era de 43.567 cruzados, embora alguns tenham alcançado valores próximos a 100.000 cruzados. pg 218 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



A aquarela "Tabacaria", de Jean-Baptiste Debret, mostra escravos no comércio

<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2019/03/08/os-escravos-que-pertenciam-ao-estado.ghtml> ou as ferramentas oferecidas na página.

## O Engenho de Santana

*Para os fornos usados na produção de açúcar e farinha não faltavam lenhas, que podiam ser tiradas na margem do rio de Santana e de seus pequenos afluentes e transportadas por um barco rústico, que era levado pelo movimento da maré. Além das culturas agrícolas, havia a atividade madeireira, cujos produtos beneficiados, como caixaria, pranchões e couçoeiras, abasteciam mercados de aquém e de além mar. Havia ainda outros recursos florestais que eram aproveitados nas oficinas, como o "timbó", espécie de cipó usado para apertar as formas de cerâmica, usadas no processo de purga, chamadas de pães-de-açúcar. Para a confecção dessas formas, havia terrenos de boa argila, matéria prima usada igualmente na produção de tijolos e telhas, itens que também aparecem na composição daqueles que contribuíam para as receitas do Santana. Também se prestavam para a confecção de utensílios domésticos, tais como potes, talhas e panelas de barro.* Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100.

*No Santana, informava o padre Pedro Teixeira (1730), a casa do engenho de cana, a das caldeiras e a de purgar eram todas contíguas. Na sequência, ficavam o engenho de serra de água e "mais na mesma casa" o pilão de apiloar arroz: "todas três moem com a mesma água, mas com diversas*

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*rodas". (ANTT, CJ, 15: 23). Todos aqueles engenhos, incluindo o engenho de cana-de-açúcar, operavam, portanto, com a força motriz da água de um único "aqueduto", ou seja, uma única canaleta de levada de água.* DIAS, Marcelo Henrique, pg.108. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

*- O Santana tornou-se, assim, "engenho e fazenda", produzindo açúcar para vender em Lisboa e arroz, farinha-de-mandioca, feijão, aguardente e pescado para suprir o mercado interno.* Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100.

*- Os elementos mais marcantes desse padrão também se repetiam no Santana, como a busca do maior nível possível de autossuficiência, cabendo aos escravizados produzir quase tudo que fosse necessário para seu próprio sustento. Além de realizarem as tarefas relacionadas à produção agrícola, madeireira e pesqueira direcionadas à obtenção de rendimentos pelos administradores, exerciam também a função de mestre de açúcar e auxiliares.* Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg102



Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana- DIAS, Marcelo Henrique, MORALES, Walter Fagundes, SANTOS, Igor Campos, pg.117

SALA  
**SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana- DIAS, Marcelo Henrique, MORALES, Walter Fagundes, SANTOS, Igor Campos. Pg.104.

SALA  
**SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Estrutura do aqueduto que captava e levava água do rio para as calhas do Engenho de Santana e suas rodas d'água

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Estruturas do aqueduto que transplantava água para o Engenho de Santana através de calhas, no fundo da atual escola



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Ruínas que serviam para abastecer de água o Engenho de Santana, através de canaletas, fundo da atual escola.

*- arquitetar um canal por onde se captava a água do rio para movimentar as rodas d'água. A posição de cada roda era pensada para aproveitar o máximo possível da força hidráulica. Provavelmente, recebendo mais*



***diretamente o fluxo da água, a primeira roda, que necessitava de maior potência, era a que movia a moenda de cana-de-açúcar. Em sequência teríamos as demais.*** pg109. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

- ***"O engenho representava uma verdadeira povoação, obrigando a utilização não só de muitos braços, como as necessárias terras de canaviais, de mato, de pasto e de mantimentos. Com efeito, da casa de engenho, da de moradia, senzala e enfermarias, havia que contar com uns cem colonos ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas tarefas de massapé (de novecentas braças quadradas), além de pastos, cercas, vasilhames, utensílios, ferro, cobre, juntas de bois e outros animais."*** (Vitor Viana - *Formação Econômica do Brasil, citação em SIMONSEN, 1977, p. 98*). MARCIS, Teresinha, 2000. Viagem ao Engenho de Santana.pg25

- ***Para proteger os engenhos, foram deslocados enormes contingentes de índios Tapuia e Potiguar, sendo que muitos ficaram no aldeamento do conde de Linhares, então proprietário do Engenho de Santana , como atestam os documentos a seguir (SCHWARTZ, 1988, p. 53).*** MARCIS, Teresinha, 2000,pg 34. Viagem ao Engenho de Santana.pg35

- ***O Engenho de Santana, assim como os demais engenhos do período colonial, utilizou mão-de-obra indígena. O autor Stuart Schwartz (1988, p. 59) em seu livro Segredos Internos apresenta os seguintes dados: (...) em 1572, registra-se número de 109 índios escravos, sendo 65 homens e 44 mulheres (...) Em 1599, um grupo de Tapuia impelidos pela fome apareceu no Engenho Santana, em Ilhéus, e foi usado como mão-de-obra. (...)Em 1603, novamente havendo escassez de braços, um grupo de dezoito índios foi trazido do sertão, foi também nessa época que os Potiguar de Pernambuco foram levados para Ilhéus. (SCHWARTZ, 1998, p.59)*** MARCIS, Teresinha, 2000,pg 34. Viagem ao Engenho de Santana.pg35/36



# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana- DIAS, Marcelo Henrique; MORALES, Walter Fagundes; SANTOS, Igor Campos. pg.101.

**- Nas encostas onde o solo é melhor drenado, as áreas de plantio, no caso os canaviais, encontravam ambiente propício onde predominavam as chuvas, constantes em todas as estações do ano. Nas áreas mais baixas, chamadas “várzeas”, a formação dos brejos acabou por facilitar a produção de arroz, uma cultura mercantil de grande demanda interna e no tráfico negreiro.** Nota do Organizador.

**- Por conta dessa propriedade, em Ilhéus, onde as chuvas eram predominantes em todo o ano, os terrenos mais adequados para lavoura de cana-de-açúcar situavam-se nos morros ou outeiros melhor drenados.** DIAS, Marcelo Henrique, pg101. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**- a implantação da lavoura de cana-de-açúcar. Primeiramente, situam-se próximas a um rio, facilitando assim a locomoção dos escravizados e o escoamento da produção até o engenho, haja vista que, “depois de cortadas, elas precisavam ser processadas em no máximo 48 horas, sob pena de seu suco azedar” (CABRAL, 2014, p. 143-144). A segunda característica é que estão situadas em áreas elevadas, acima da linha do vale onde se situa o rio, locais preferíveis para a plantação da cana-de-açúcar, pois são terras melhor drenadas.** Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100/101

**- Portanto, se plantada em baixadas, torna-se “aguacenta”, pouco doce, aumentando o tempo de cozimento e de purgação do caldo (ANTONIL, 2001, p.110). Por conta dessa propriedade, em Ilhéus, onde as chuvas eram**



***predominantes em todo o ano, os terrenos mais adequados para lavoura de cana-de-açúcar situavam-se nos morros ou outeiros melhor drenados.***

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg101

***- exceção do pequeno trecho que deveria ser transposto por terra, entre o rio Taípe e o porto de Itacanoeira, no rio Fundão, necessário para transportar as canas lavradas nas terras do Getimane (Sambaituba).***

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg102

***- "... aqui e ali, canais camuflados pela relva e pequenos muros emaranhados por raízes comprovam a existência da levada, por onde a água corria até à armação". Pg 22***

- A CAPITANIA DE SÃO JORGE E A DECADÊNCIA DO AÇÚCAR- (1541-1550) -FILHO - Luiz Walter Coelho

***- Estas características ficam evidentes na composição étnica e cultural grande centro econômico da capitania de Ilhéus foi o engenho de Santana. Neste engenho, o trabalho era dividido de acordo com a origem dos escravizados: africana, crioula ou mulata. Além disso, as funções eram de escravo de lavoura, de enxada, de roça e serra. Escravos domésticos recebiam um melhor tratamento e certos privilégios em relação a outros escravos.***

- Identidade Escrava: A Revolta de 1789 no Engenho de Santana- SANTOS, Dagson José Borges

***- Os tupiniquins foram fundamentais para o processo de implantação dos engenhos de açúcar no início da colonização, agricultores que se alinharam inicialmente aos portugueses.*** Nota do Organizador.



## **Morre Mem de Sá em 02 de março de 1572, ele foi Governador Geral de 1558 a 1572.**

- 1572 – “Em 1572, registra-se número de 109 índios escravos, sendo 65 homens e 44 mulheres (...) em 1599, um grupo de tapuia impelidos pela fome apareceu no engenho Santana, em Ilhéus, e foi usado como mão-de-obra. (...) Em 1603, novamente havendo escassez de braços, um grupo de dezoito índios foi trazido do sertão, foi também nessa época que os potiguares de Pernambuco foram levados para Ilhéus” (SCHWARTZ, 1998, Pg 59), citado por Marcis, Teresinha, 2000, pg 35/36 Viagem ao Engenho de Santana

*- Em inventário do patrimônio de Mem de Sá, de 1572; o Engenho de Santana contava com 132 escravos, sendo 125 indígenas e 7 negros vindo da Guiné. (FILHO, 2000, p.24)*

*- “Francisco de Sá e Felipa de Sá. Francisco vem a falecer oito meses depois da morte do pai, deixando para a irmã incumbência de administrar o engenho. Felipa conduz o engenho por 46 anos, junto com seu marido o conde de Linhares, Fernando de Noronha. Com a sua morte e a de seu marido, e como o casal não teve filhos, os bens do casal no Brasil e em Portugal foram doados para o Colégio Jesuíta de Santo Antão de Lisboa. Neste período o engenho foi administrado pelos jesuítas, até sua expulsão pelo Marquês de Pombal, em setembro de 1759. (ARQUIVO ULTRAMARINO, CAIXA 14, MAÇO 4927, DOC. 4947-4948 apud MARCIS, 2013, p.285), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação, 2018*

*- Com a Morte de Mem de Sá o engenho passa D. Felipa, sua filha, depois da morte do irmão. D. Felipa era esposa do terceiro Conde de Linhares que era também proprietário do Engenho Sergipe, após a morte de Mem de Sá o engenho esteve alugado, em 1591 a Jorge Francisco Thomaz, e depois foi doado em 1618 aos jesuítas do Colégio Jesuíta de Santo Antão de Lisboa, pois com a morte da Condessa Felipa e do Conde de Linhares, eles não deixaram herdeiros. A condessa teria morrido em 1618 e tanto o Engenho de Santana, como o Engenho Sergipe do Conde de Linhares, passaram para os jesuítas do Colégio Jesuíta de Santo Antão de Lisboa. Os jesuítas do Engenho de Santana respondiam diretamente ao Colégio Jesuíta de Santo Antão em Lisboa e não ao Colégio de Salvador. Nota do Organizador.*

*O controle legal passou ao controle dos jesuítas depois de uma disputa jurídica de cerca de 60 anos. Nota do Organizador.*

*-“Uma casa de engenho com todos os seus apetrechos, quatro barcos, quatro carros, artilharia, armas leves e munições, um baluarte, 41 tarefas de canaviais e uma igreja. A mão de obra escrava era composta por 132 escravos – sendo sete negros de Guiné (seis homens e uma mulher), e 125 índios, chamados “ negros da terra”. Todos os escravos foram arrolados*

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**entre os demais bens deixados para os herdeiros. Tudo somado foi avaliado em 3.130 cruzados. O valor era bastante alto”** (MARCIS, p.282, 2013)

De acordo com o testamento, Mem de Sá, morto em 1572.

**- Em 1572, o inventário de Mem de Sá aponta: quatro carros, artilharia, 132 escravos, sendo somente 7 da Guiné, sendo que 125 eram índios – pg**

**21** - A CAPITANIA DE SÃO JORGE E A DECADÊNCIA DO AÇÚCAR- (1541-1550) -FILHO - Luiz Walter Coelho

**- O inventário aponta um bem de 25 vezes o valor do salário de Mem de Sá que era o maior do Brasil, Governador Geral - “peças antigas do engenho – a mó grande, outra pequena, o tacho de ferro ... a armação de pedra onde a água saltava sobre a roda-d’água” pg22** - A CAPITANIA DE SÃO JORGE E A DECADÊNCIA DO AÇÚCAR- (1541-1550) -FILHO - Luiz Walter Coelho

## Como era produzido o açúcar



Os trabalhadores cortavam e recolhiam a cana e, em seguida, a transportavam até a casa de engenho.



Assim que chegavam com a cana na casa de engenho, os trabalhadores a moíam para extrair seu caldo.



Os trabalhadores cozinhavam o caldo de cana para engrossá-lo, transformando-o em melaço.



Depois, o melaço era coado e despejado em fôrmas de barro, para solidificar.

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



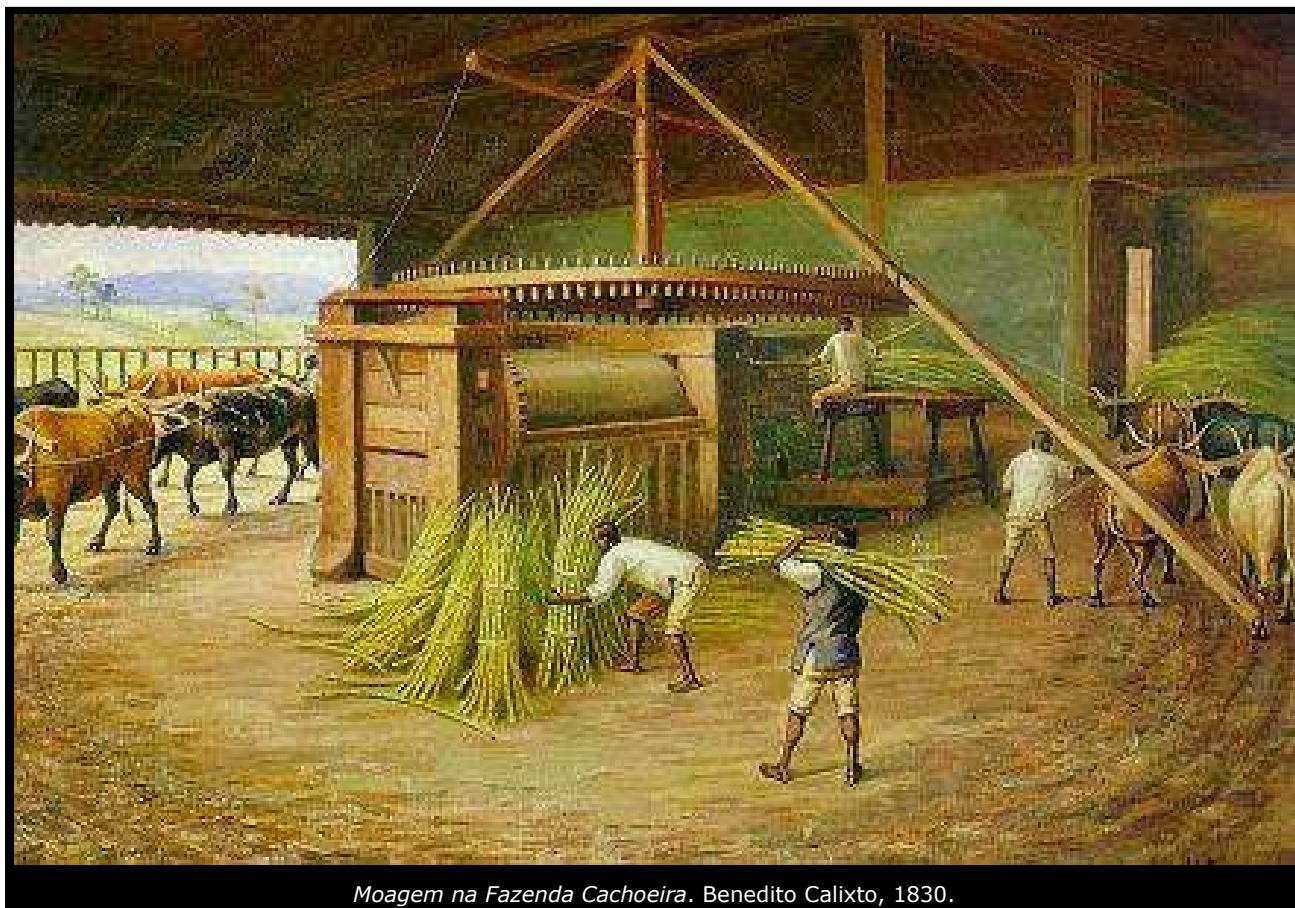
Depois que o açúcar solidificava e branqueava, era retirado da fôrma, batido e colocado ao Sol para secar.



Essas ilustrações são representações artísticas feitas com base em estudos históricos.

Assim que secava, o açúcar era encaixotado e levado ao porto para ser transportado para a Europa.

<http://4anocesesi296.blogspot.com/2013/06/blog-post.html>



*Moagem na Fazenda Cachoeira. Benedito Calixto, 1830.*

<https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2013/12/o-engenho-e-o-fabrico-do-acucar-no.html?m=0>

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Andainas para encaixar as fômas



Perfuração das fômas para a drenagem do açúcar



Purga do açúcar nas andainas



Batimento do açúcar na parte de cima das fômas



Aplicação do barro



Aplicação de água sobre o barro



Cristalização do açúcar



Retirada dos pães das fômas



Separação dos pães do açúcar



Separação das "caras"



Batimento do açúcar para encaixotamento

As etapas da produção do açúcar

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

[http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/eng\\_colonial.html](http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/eng_colonial.html)



<https://blogdoenem.com.br/economia-acucareira-brasil-colonial/>

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Interior de um engenho de açúcar. Aqui nota-se escravos movendo a moenda no fundo da imagem; a esquerda pode se ver um tacho fervendo o caldo-de-cana, e um escravo depositando o melaço em recipientes de barro.

<https://seguidopassohistoria.blogspot.com/2013/12/o-engenho-e-o-fabrico-do-acucar-no.html?m=0>





## Período do controle da Condessa (Felipa de Sá) e do Conde de Linhares (Fernão de Noronha III) – 1573 a 1618

- 1573 - Por volta de 1573, Santana tinha 130 escravos.

*Aliás, nesse mesmo engenho, outras revoltas já teriam ocorrido em 1580 e 1602. Outra distinção que devemos destacar seria o fato de que se tratavam de revoltas organizadas principalmente por populações indígenas que se encontravam em condições de servidão, sendo que a escravização de mão de obra indígena era muito comum em tal contexto.* pg 83 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

- 1580 – O Engenho de Santana, em 1580, **estava alugado** para Jorge Francisco Tomas. Neste período, os índios aldeados fizeram um levante e fugiram, sendo encontrados posteriormente nas terras do Taípe. MARCIS, Teresinha, 2000, pg 36 – Viagem ao Engenho de Santana

- 1580 - Pelo contrário, a presença de levantes no período do século XVIII também se apresentava como fator corriqueiro na sociedade escravista baiana. Entre estes movimentos, teríamos o caso do engenho de Santana. Aliás, nesse mesmo engenho, outras revoltas já teriam ocorrido em 1580 e 1602. pg 83 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

- 1590- O Engenho de Santana sofreu ataques indígenas entre 1590 e 1601.

- 1591 – Chegada de índios potiguás para proteger o Engenho de Santana

- 1598 – Viagem dos potiguás a Ilhéus, segunda leva, liderados por Saboré. A paz ocorre em 1599 com os aimorés, através de Catarina Paraguasu e Alvaro Rodrigues .pg151 – CAMPOS, Silva

- 1599 – “Em 1599, um grupo de tapuias impelidos pela fome apareceu no Engenho de Santana em Ilhéus, e foi usado como mão-de-obra” – MOTTA, Laura, pg 59

*- Final do século produzia açúcar, mantimentos e algodão em pequena quantidade devido aos ataques dos Aimorés-* pg145. CAMPOS, Silva

*- “Linhares ter obtido licença para trazer índios do sertão e instalá-los em aldeias sob sua proteção tornou a situação dos Engenhos de Santana e Sergipe um tanto atípica”.* MOTTA – Laura, pg 59

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Os primeiros escravos africanos teriam chegado ao Brasil em 1580 – Apoio Escolar

***Os escravos muçulmanos quando chegavam eram batizados e depois dispostos para a venda em mercados. Nota do Organizador.***



## SÉCULO XVII

- 1601- chegada dos potiguares a Ilhéus, já tinha amainado os ataques dos Aimorés, 80 arqueiros. MOTTA – Laura – pg 53

- 1602- Em uma petição feita para provar um **levante de índios no Engenho de Santana, em 1602**, há uma referência à existência de um baluarte, onde o feitor Domingos Fernandes e os escravos “da Guiné” com seus filhos foram obrigados a se recolher, evitando as flechas disparadas pelos indígenas revoltosos (ANTT, CJ, 16: 4). DIAS, Marcelo Henrique, pg.111. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- 1602 – Diz Domingos Fernandes, administrador do Engenho de Santana, que é do senhor conde de Linhares, que a 21-Out.- 1602, se levantaram os gentis forros com mais alguns moradores que estavam assentados em um lugar que se chama "Mariape" '(Maria Jape?)' . Os gentios foram trazidos do sertão pelos Reverendos Padres da Companhia de Jesus, para guardar as fronteiras do engenho. Num domingo, quinze ou dezesseis índios foram ao dito engenho, dizendo que iam ver os parentes como faziam outras vezes. Logo se levantaram com os índios escravos da fazenda e se prepararam para fugir Pag. 38 para o sertão. Vendo que os escravos queriam fugir, seu sobrinho e seu filho foram tentar impedir que outras pessoas fugissem. Os índios atiraram muitas flechas, sendo necessário que os escravos da guiné com suas mulheres e filhos se escondessem no baluarte. Do baluarte poderiam até matar alguns com as espingardas, mas não fizeram pois certamente os índios queimariam a fazenda. Assim, foram-se da fazenda mais ou menos trezentas almas (...)." (Documento do Arquivo da Torre do Tombo - Cartório dos jesuítas - Maço 16, nº 4: Instrumento com o tratado de uma petição de testemunhas para se provar um levantamento do gentio no engenho de Santa Anna dos Ilhéus, 18 de novembro de 1603. Pfl . 2v, 3v: CEDOC - UESC). ?)". MARCIS, Teresinha, 2000, pg 37/38, Viagem ao Engenho de Santana

- 1602 – “Já naqueles idos de 1602 a Capitania trabalhava e sustentava a gente de Salvador, com as pompas da sua administração. Pg 08 – Parte 1- Economia Colonial séculos XVI a XIX – FILHO – Carlos Pereira

- 1602 – Feitor do Engenho de Santana, Domingos Fernandes da Cunha, proprietário, o Conde de Linhares.

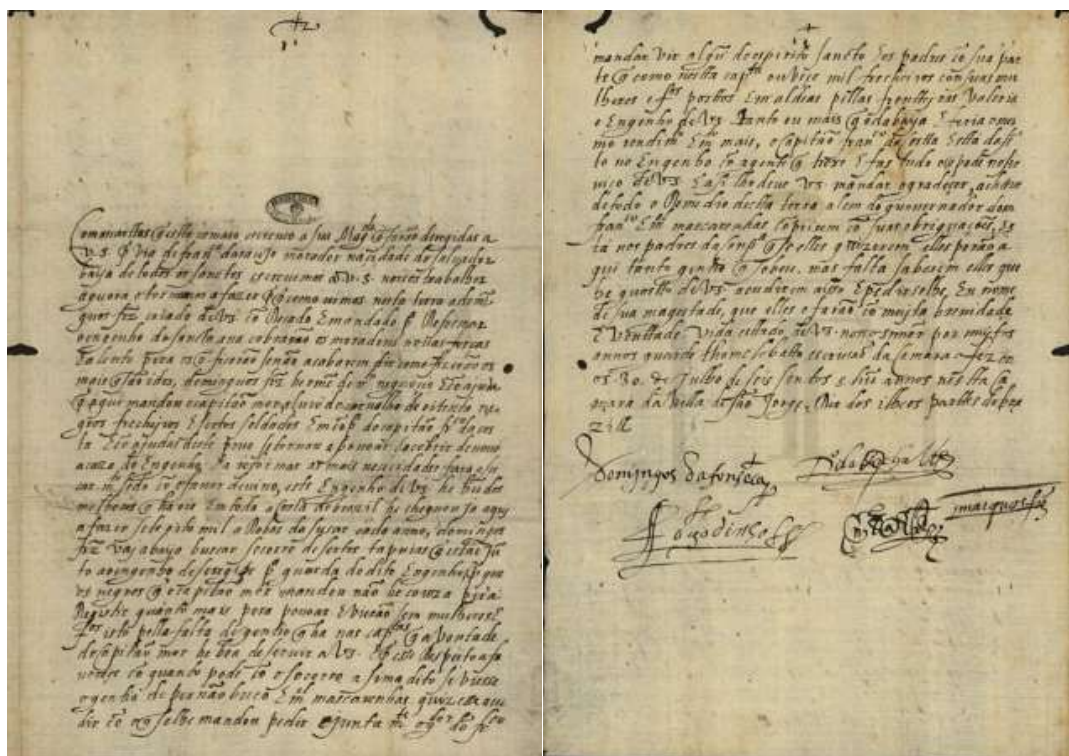
- 1602 – 1603 – Revolta indígena no Engenho de Santana.

- 1602-1603 – Chegada de novas levas de índios potiguás para defender Ilhéus e os engenhos, embarque de 1.300 flecheiros potiguares para a Bahia– pg 148 - CAMPOS, Silva

- 1602 - Em uma petição feita para provar um levante de índios no Engenho de Santana, em 1602, há uma referência à existência de um baluarte, onde o feitor Domingos Fernandes e os escravos “da Guiné” com seus filhos foram obrigados a se recolher, evitando as flechas disparadas pelos indígenas revoltosos (ANTT, CJ, 16: 4). ”. pg111. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

- 1603 – Domingos Fernandes da Cunha, administrador do engenho pg 53 – MOTTA, Laura, traduzido de SCHWARTZ, Stuart B., Segredos Internos Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial – 1550-1835
- 1603 – “Domingos Fernandes da Cunha, administrador do Engenho Santana, queixou-se de que os potiguares, instalados em uma aldeia vizinha não ofereciam nenhuma proteção contra tribos hostis e comiam toda a cana-de-açúcar que lhes caía nas mãos”. Pg 53 – MOTTA – Laura –
- 1603 – “Em 1603, novamente havendo escassez de braços, um grupo de dezoito índios foi trazido do sertão”. MOTTA – Laura, pg 59
- 1603 – Carta relatando a reforma do Engenho de Santana e a busca de “negros flecheiros” para proteger o Engenho e fala em tempos passados na produção de 7 a 8 mil arrobas de açúcar por ano. O texto fala da ida ao Engenho Sergipe que era do Conde de Linhares que teria mandado os flecheiros. O Conde de Linhares era o esposo da Condessa de Linhares, D. Felipa, a filha de Mem de Sá, e daí deve ter surgido Maria Jape.



Documento de 1603 sobre o Engenho de Santana

<https://pt-br.facebook.com/joseleite.desouza>

- 1605 – Revolta indígena – PARAISO, Maria Hilda Baqueiro – Caminhos ao Encontro do Mundo. A Capitania, os frutos de Ouro e a Princesa do Sul – Ilhéus 1534-1940
- 1607 – Revolta indígena – PARAISO, Maria Hilda Baqueiro – Caminhos ao Encontro do Mundo. A Capitania, os frutos de Ouro e a Princesa do Sul – Ilhéus 1534-1940

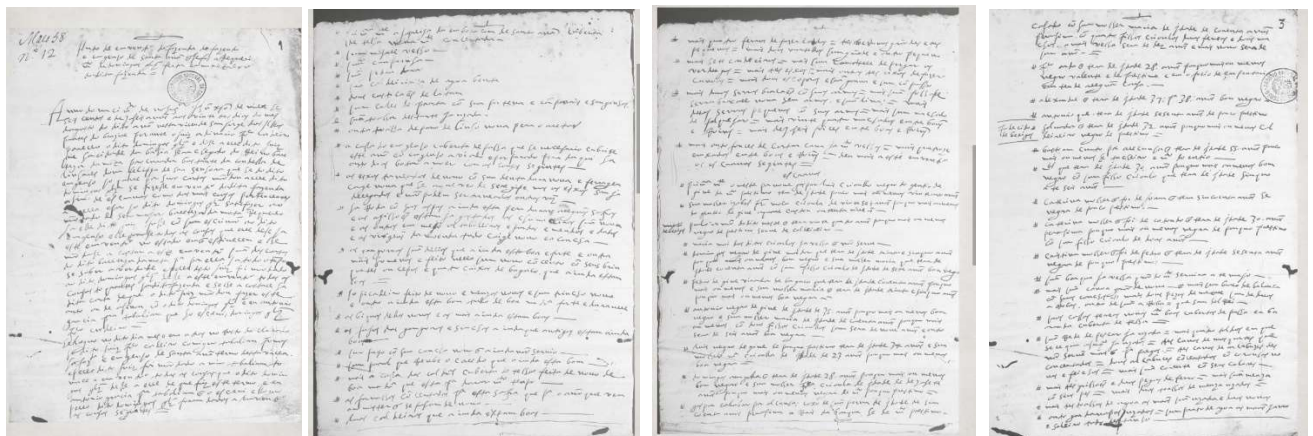
# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

- **“...os jesuítas haviam instalado uma aldeia datada de 1603” – Aldeia de Maria Jape – potiguar e tupi, para defender o Engenho de Santana** — pg 26 –  
In Memoriam- RIBEIRO (grifo nosso)

- 1616 – A condessa de Linhares manda fazer um inventário dos bens do Engenho de Santana, Feitor Administrador Domingos, relatado pelo tabelião Antônio Garcia, conforme carta de 23 de agosto:

- Igreja já de telha nova, bem conservada
- Casa de engenho coberta de palha, necessário cobrir de novo
- O engenho estava parado e em 8 dias (setembro) voltaria a moer
- Eixos novos, dentadura e ferragens nova, outro eixo velho
- Roda boa, dura mais algumas safras
- 4 caixas de bagaço que ainda estavam boas
- Bicas novas e outras estão boas
- Casa de caldeira coberta de telha nova
- Fornalhas concertadas para essa safra, para a safra do próximo ano tem que fazer nova
- 2 caldeiras
- Compasso
- Três eixos (máquina) de fazer barcos
- Serra brocoes e bracall, 2 serras pequenas
- 25 machados
- 14 enxadas
- 16 foices
- 36 escravos, sendo 7 da Guiné, 1 de Angola, 16 homens, 11 mulheres, 9 crianças, 8 de “pouco préstimo” (velhos)



Inventário realizado no Engenho de Santa em 1616, ordenado pela Condessa de Linhares, cedido por Marcelo Henrique Dias



Segundo Luiz Walter Coelho, no inventário de Mem de Sá de 1572, constava uma pedra mó grande e outra pequena, o que significa que poderia até esse período, termos o esmagamento de cana para a produção de açúcar ter sido feito pela pedra mó. Em 1616 no inventário de bens, feito pela Condessa Felipa, se fala em eixos novos, “eixos novos, dentadura e ferragens nova”, ou seja, a produção de açúcar, já utilizava os cilindros verticais, provavelmente de madeira’, “dentadura e ferragens”. Pode ser esse mais um período de modernização da produção no Engenho de Santana. Nota do Organizador.

*- O inventário de Mem de Sá, apontava “peças antigas do engenho – a mó grande, outra pequena, o tacho de ferro ... a armação de pedra onde a água saltava sobre a roda-d’água” pg22 - A CAPITANIA DE SÃO JORGE E A DECADÊNCIA DO AÇÚCAR- (1541-1550) -FILHO - Luiz Walter Coelho. (grifos nosso)*

*- O conde de Linhares morre em 1617...Em 1618, dona Felipa estava muito doente. Em 20 de julho, fez seu primeiro testamento, o qual foi alterado por um segundo, composto em 31 de agosto. Neste, ela deixava todos os seus bens, no Brasil e em Portugal, ao Colégio Jesuíta de Santo Antão. Dona Felipa morreu em 1º de setembro de 1618 (...) SCHWARTZ, 1988, P.395) pg17. Pg10/11 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso*

## Período dos Jesuítas no Engenho de Santana -1618-1759

*A Condessa Felipa e do Conde de Linhares morreram sem deixarem herdeiros e o Engenho de Santana passou ao Colégio Jesuíta de Santo Antão de Lisboa. Os padres jesuítas que administravam o Engenho de Santana respondiam diretamente ao Colégio Jesuíta de Santo Antão em Lisboa e não ao Colégio de Salvador. Nota do Organizador.*

*- Logo após a morte da condessa, iniciou-se uma longa disputa judicial pelos engenhos de Mem de Sá. A questão durou 37 anos, vindo a se resolver em 29 de abril de 1655, quando foi escriturada uma transação e amigável composição entre os dois colégios. Pg18 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso*

*A disputa judicial não atrapalhou a posse dos jesuítas? Mesmo durante 37 anos de disputa, em 1633, 15 anos após o início da disputa, já havia um jesuíta administrando o engenho de Santana, como registrado pelo padre Estevão Pereira em sua carta-registro. Nota do Organizador.*

*- Os jesuítas administraram o engenho por cerca de 141 anos, algumas de gestões de padres foram terríveis, mas muitas outras, foram engenhosas, inventivas e de grande avanço técnico. Centrados principalmente, a partir de 1711, nos ensinamentos do jesuíta Antonil, que morou na Bahia. O Engenho de Santana se tornou um dos engenhos mais eficientes do Brasil Colônia. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg118.*



**Por outro lado, em razão do problema do acesso à mão-de-obra especializada de oficiais livres, como mestres-de-açúcar, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros etc., se recorria empenhadamente ao investimento na formação de oficiais escravos. Dessa forma, também participaram ativamente dos processos construtivos e de manutenção dos edifícios, maquinarias, embarcações, carros etc.** Nota do Organizador.

– 1617 – “A partir de 1617, estando o engenho nas mãos dos jesuítas”. Pg 184 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. ???

**- “De 1618 a 1759, o Engenho de Santana passou a funcionar sob os cuidados dos padres de Ilhéus e de Lisboa, que empreenderam melhorias, adquiriram escravos africanos e recuperaram o antigo prestígio que o engenho tinha na região”. MARCIS, Teresinha, 2000, pg 41, Viagem ao Engenho de Santana**

**- Algo que poderia explicar tais distinções seria a presença de uma administração jesuíta no engenho ocorrida no século XVII até o início da segunda metade do século XVIII, o qual possuía uma política administrativa de escravos de maneira peculiar ao ponto de terem alfabetizado alguns cativos, gerando uma factível explicação sobre a origem da carta dos escravos – algo demonstrado e citado por alguns autores. A mudança da administração, passando para mãos particulares e com ânsia comercial.**

Pg165 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**- No Santana, desde quando os jesuítas assumiram a posse do engenho e passaram a escrever cartas e inventários para seus superiores, na segunda década do século XVII, não se tem notícias da presença de indígenas, pelo menos enquanto um grupo étnico distinto. Afora os lavradores e artífices, dentre os quais certamente deveria haver elementos indígenas, os escravizados africanos e crioulos eram os responsáveis por todos os trabalhos realizados ali e formavam, portanto, o contingente humano mais expressivo do Engenho.** Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg102

**- De acordo com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), as ruínas das antigas oficinas do Engenho encontram-se atrás da escola nucleada Santo Antônio (IPAC-Ba, 1988, p. 247): trata-se de “um paredão de alvenaria com uma calha de escoamento de água”. Sua estrutura é “de pedras de reboco argiloso, possui 10 m de extensão e a calha em seu centro de cerca de 50 cm” (ROCHA, 2011, 33), citado por DIAS, pg 103**

- Em 1620, ainda, uma grande seca provoca diminuição da produção e da qualidade do açúcar. Pg 86/87 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. É muito possível que tenha ocorrido aqui também, visto a cheia de 1659 no Engenho de Santana.



- 1620-1634 – Enquanto entre 1620 e 1634 o preço do açúcar branco variava de 955 réis a 791 reis a arroba, o preço médio dos escravos ascendia de 27.000 a 42.000. Ou seja, o preço do açúcar tendeu a baixar 17% no período, enquanto o preço da mão-de-obra encarecia 55%. Pg92 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- Em 1626, o feitor do Engenho de Santana, depois de capturar um escravo fugitivo, designou-o para o trabalho na fornalha como punição. O escravo suicidou-se, atirando-se às chamas (SCHWARTZ, 1988, p. 131)

***- Transportando o açúcar. Geralmente, os grandes engenhos, como o Santana, para facilitar o transporte, localizavam-se às margens de rios. Assim, barcos menores transportavam o carregamento de açúcar pelo rio Santana, até o porto de Ilhéus, de onde o açúcar seguia em escunas para Salvador onde era comercializado.*** MARCIS, Teresinha, 2000, pg 48, Viagem ao Engenho de Santana

- 1630 – O engenho passou a trabalhar a **extração de madeira** e a **produção de gêneros alimentícios**, como **prioridade**.

***- O Santana tornou-se, assim, “engenho e fazenda”, produzindo açúcar para vender em Lisboa: arroz, farinha-de-mandioca, feijão, aguardente e pescado para suprir o mercado interno.*** Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100.

***- Sob propriedade dos jesuítas, havia inúmeras reclamações dos maus hábitos dos escravos, que eram descritos como lentos, briguentos, e queriam tirar sempre vantagens, havendo muitos roubos. A baixa produção de açúcar nesse período fez com que, em 1630, engenho passasse a trabalhar com a extração de madeira e a produção de gêneros alimentícios.***  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho\\_de\\_Santana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho_de_Santana)

***- “...todo ano era preciso comprar novas peças e reparti-las nas diversas tarefas, de acordo com uma avaliação de suas capacidades e possibilidades”.*** Pg 200 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1633 - Padre Estevão Pereira, que em 1633 construiu uma nova casa de purgar. Pg 20 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

- 1643 - ...os negros Cabo Verde custaram em média 39\$000 a peça, enquanto os negros de Guiné haviam sido adquiridos por 49\$400 cada. Nesse mesmo ano, um negro carapina havia sido adquirido por 60\$000.  
Pg 201 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1650 – A queda do preço do açúcar teria ocorrido a partir de 1650 - Pg 88 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.





**- ... problemas das invasões holandeses no Brasil. Esses mesmos fatores (dificuldades de transporte, diminuição das compras na colônia), foram responsáveis pela queda dos preços na Bahia, acumulando-se o açúcar nos trapiches à espera de compradores** - Pg 91/92 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1660 – A partir de 1660 arrefeceu a euforia da produção de açúcar no Brasil. pg 98 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1670 – Queda do preço do açúcar - pg 98 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.  
Gerando Crise

- 1673 – Em 1673, os açucares da Bahia estavam encalhados e as notícias eram de que a frota não viria. pg 110 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1674 –1690 – Queda brutal dos preços do açúcar – pg 106 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1674 - Segundo o Irmão Manuel da Costa, em 1674, a casa das caldeiras era de pedra e cal e no seu interior havia “duas fornalhas com duas caldeiras” e mais “duas fornalhas com sete tachos [...] uma com quatro e outra com três”. Somava-se, ainda, uma caldeira de melado e um tacho que servia de bacia, além de outro para esquentar a água da decoada (ANTT, CJ, 54:)- pg105. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

- 1674 – a capela sofrera um desabamento parcial provocado pela cheia do rio. . DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

-1674- ...as frequentes e intensas chuvas causavam perdas materiais pelo efeito das cheias do rio e das enxurradas que desciam do morro, motivo da destruição de parte da capela, em 1674 (ANTT, CJ, 54: 7). Na relação em que informava sobre o estado em que encontrou o engenho na sua posse como administrador, em 1731, o padre Pedro Teixeira lastimava pelo trabalho que teria para **consertar** o balcão da casa de purgar, “com quase todas as tabuas podres”, assim como os cochos de armazenar o melado. Já a casa de alambique, edificada junto à de purgar, também de madeira, encontrava-se da mesma forma “podre e toda cheia de buracos” (ANTT, CJ, 15: 23). DIAS, Marcelo Henrique, pg.106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**- O açúcar que em Lisboa custava 3.500 reis a arroba em 1650, baixou para 2.400 reis em 1668 e 1.300 reis em 1688.** - pg 107 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1680 – A década e 1680 representou, para Portugal e suas colônias, o **ponto mais baixo da depressão econômica**. pg 110 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.(grifos nosso). E só se fala da decadência de Ilhéus

**- Os resultados da crise geral do século 17 implicaram reformulação do comércio colonial. O açúcar passava do mercado de monopólio para a de concorrência, como demonstra a ampliação da produção com o incremento antilhano.** pg 111 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.(grifos nosso)



- 1681 – Os escravos escasseavam na Colônia e o tráfico com a região de Angola demonstrava esgotamento. Os preços das peças, em função da concorrência antilhana, tendiam à elevação e os negros trazidos de Angola pareciam mais suscetíveis às epidemias de varíola. A escravaria baiana era periodicamente atacada por tais surtos. pg 110 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Muitos dos escravos do Engenho de Santana eram de origem Angolana.*** Nota do Organizador.

- ***Final do século XVII e início do XVIII os preços de escravos dispararam por causa da mineração nas Gerais.*** Nota do Organizador.

- ***Os trabalhos no engenho eram contínuos e estafantes.*** pg 211 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. (grifos nosso)

- 1690 -1710 – A partir de 1690, porém, a economia açucareira beneficiou-se da conjuntura de guerras europeias, e os preços iniciaram uma fase altista... prolongou-se até 1710. pg 113 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- ***Antonil observou que os negros eram vendidos na Bahia por cerca de 100.000 reis, enquanto Minas Gerais chegava-se a pagar 450.000 reis por um escravo.*** pg 116 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Houve uma inflação enorme que foi gerada pela mineração em Minas Gerais, mas por outro lado, gerou oportunidades como o aumento exponencial de demanda por alimentos produzidos na Bahia, especialmente pela Capitania de Ilhéus.*** Nota do Organizador.



## Século XVIII

- 1703 – Padre Figueiredo administra por 27 anos, 1730 padre Pedro Teixeira passa a administrar. Citado por MARCIS, Teresinha, pg 61. Viagem ao Engenho de Santana

**- padre Manoel de Figueiredo, que dirigiu o engenho por 27 anos (1704 a 1731).** Pg 20

**- os pataxós, que passaram a acometer os canaviais do Engenho, no início do século XVIII (ANTT, CJ, 71: 96).** DIAS, Marcelo Henrique, pg.117. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- 1710 – Enquanto em 1710, o valor das exportações de açúcar na Bahia era de 933.324 reis, em 1720 exportavam-se apenas 425.278 reis, representando um declínio de 55%. pg 119 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1730 - O padre Teixeira, administrador do Engenho de Santana, em 1730 escreveu uma carta aos seus superiores, fazendo uma série de reclamações e denúncias acerca do comportamento e do tratamento dispensados aos escravos. Ele denunciou que as casas da senzala se situavam em um morro íngreme, dispostas em três fileiras ou ruas, e não eram visíveis da residência do administrador, situação que deixava os cativos com demasiada liberdade, na opinião dele. Ele também reclama que, ao invés das portas serem trancadas a chave como nos demais engenhos, ali as portas eram abertas, sendo frequentes as fugas dos escravos jovens para namorar durante a noite. Quando ele descobria as fugas, mandava açoitar os envolvidos (SCHARWITZ, 1988, p. 329). citado por Marcis, Teresinha, pg 52. Viagem ao Engenho de Santana

**- Os castigos físicos eram a forma mais comum para manter o escravo submisso e obediente. Essa prática era também utilizada pelos padres jesuítas. Nos canaviais, a labuta sempre era acompanhada por um feitor e sua chibata, como relata um jesuíta do Engenho de Santana. Ele alegava que apenas palavras não bastavam, que era necessário andar pelo canavial com o diabo na boca e o pau nas costas dos pobres (Citado por SCHARWITZ, 1988, p. 130).** citado por Marcis, Teresinha, pg 53. Viagem ao Engenho de Santana

- 1730 – O arroz passou a ser cultivado – MARCIS, Teresinha, 2000, pg 59. Viagem ao Engenho de Santana

- 1730 - 178 escravos

- Entre 1730-1745, uma série de administradores jesuítas seguiu uma política de promoção de casamentos, que produziu uma comunidade escrava caracterizada por alta proporção das unidades residenciais comandadas por casais. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho\\_de\\_Santana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho_de_Santana)



- 1730 - No Santana, informava o padre Pedro Teixeira (1730), a casa do engenho de cana, a das caldeiras e a de purgar eram todas contíguas. Na sequência, ficavam o engenho de serra de água e “mais na mesma casa” o pilão de apiloar arroz: “todas três moem com a mesma água, mas com diversas rodas”. (ANTT, CJ, 15: 23). Todos aqueles engenhos, incluindo o engenho de cana-de-açúcar, operavam, portanto, com a força motriz da água de um único “aqueduto”, ou seja, uma única canaleta de levada de água. DIAS, Marcelo Henrique, pg.108. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

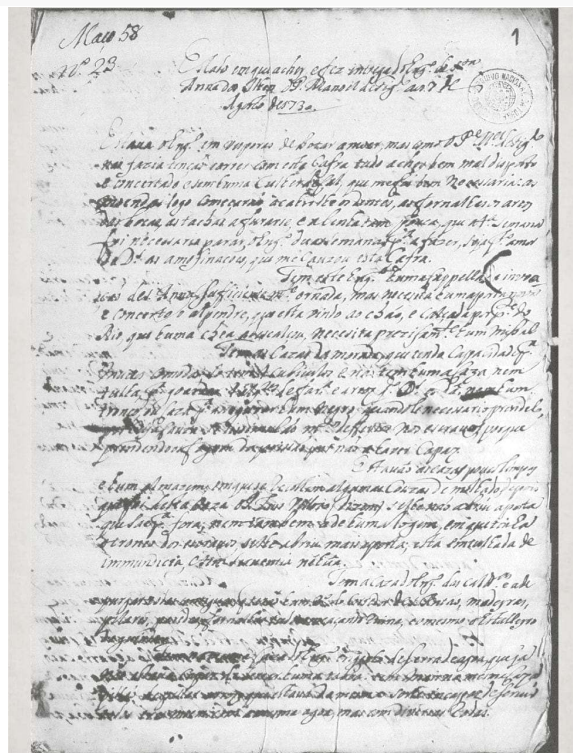
- 1730 - O padre Teixeira, administrador do Engenho de Santana, em 1730 escreveu uma carta aos seus superiores, fazendo uma série de reclamações e denúncias acerca do comportamento e do tratamento dispensados aos escravos. Ele denunciou que as casas da senzala, situavam-se em um morro íngreme, dispostas em três fileiras ou ruas, e não eram visíveis da residência do administrador, situação que deixava os cativos com demasiada liberdade, na opinião dele. Ele também reclama que, ao invés das portas serem trancadas a chave como nos demais engenhos, ali as portas eram abertas, sendo frequentes as fugas dos escravos jovens para namorar durante a noite. Quando ele descobria as fugas, mandava açoitar os envolvidos (SCHARWITZ, 1988, p. 329). citado por Marcis, Teresinha, pg 52. Viagem ao Engenho de Santana

- 1730 – Carta de padre Manoel de Figueiredo – 07.08

- O Engenho estava mal conservado, sem uma pintura de cal;
- Igreja suficiente ornada, precisa de uma porta nova e concertar o alpendre, que está vindo ao chão. Igreja descalçada pela cheia;
- Casa com 4 cubículos;
- Não tem galpão de telha para guardar 4 alqueires de farinha e arroz;
- Nenhum tronco para segurar um negro;
- Muitos defeitos nos escravos, quando prendem, fogem da prisão;
- Um armazém, entulhado com imundice;
- Casa do engenho, das caldeiras e de purgar, são contíguas, que tem um terceiro corredor;
- Madeiras, pilares, paredes, fornalha, tudo ameaçando ruir;
- Estaleiro para consertar e fazer barco;
- Casa de serraria, não tem condições de serrar uma tábua;
- Pilão de pilar arroz, sem condições de usar;
- Todas as três moem com a mesma água, mas com diversas rodas (serraria, pilão, moenda. 3 águas e 3 calhas.

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Documento de 1730, cedido por Marcelo Henrique Dias

- 1731 - O padre Pedro Teixeira, por sua vez, informava, em 1731, que a casa do engenho, a das caldeiras e a de purgar, todas contíguas, tinham a medida de um terço do corredor do convento de Santo Antônio (ANTT, CJ, 15: 23). pg.106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.
- 1735 - crioula Martinha: essa, segundo o superior Antônio Fernandes (1735), servia com particular esmero ao seu ajudante, o irmão Mateus de Souza, que a ela estava “amancebado”. DIAS, Marcelo Henrique, pg.106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.
- 1736 - Esse mesmo motivo incitou o padre Antônio Fernandes, em 1736, a fazer algumas alterações no prédio, construindo outro quarto “junto donde se faz o açúcar para dormir no tempo da safra” (ANTT, CJ, 71: 128). Tal fato evidencia a convicção dos padres na suposta inclinação dos escravizados para furtar açúcar, melado e aguardente, mas não somente deles. Também mantinham debaixo de suspeita os feitores brancos, o que justificava, inclusive, o emprego de feitores escravos em substituição àqueles, como esclarecia o padre Antônio Fernandes: “lancei fora os feitores brancos, pois me parece furtam estes mais do que os mesmos pretos, pois fazem as cousas e com estes se desculpam”. E completava: “os feitores brancos são a perdição dos negros” (ANTT, CJ, 71: 129). DIAS, Marcelo Henrique, pg.107. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.
- 1736 - O padre Antônio Fernandes, por exemplo, pedia ao reitor de Lisboa que lhe enviasse “bugingangas” para contentar os escravos artífices, encarregados de fazer as reformas da casa (ANTT, CJ, 71: 128). DIAS, Marcelo Henrique, pg.107. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.
- 1743 – Administrador do Engenho Padre Pedro Teixeira, pg 54 – Marcis, Teresinha. Viagem ao Engenho de Santana



- 1743 - o administrador do engenho, padre Pedro Teixeira, escreveu uma carta aos padres do Colégio de Santo Antão de Lisboa agradecendo as medalhas religiosas que foram enviadas aos escravos como presente. Ele ressaltou que os escravos ficaram muito satisfeitos e "trabalharam com mais disposição" (Scharwitz, 1988, p. 140) citado por Marcis, Teresinha, pg 54. Viagem ao Engenho de Santana
- 1748 - Um administrador reclamou que seu antecessor havia parado de plantar mandioca porque os escravos quase sempre roubavam na roça, mas que a farinha de mandioca era necessária "para os enfermos e para fornecer aos negros que estão sempre necessitados" e porque "há um mercado para ela na Bahia". Na década de 1750, o próprio engenho comprava o excesso de mandioca dos escravos por um preço inferior ao preço de mercado." (SCHWARTZ, 2001, p.111), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação
- 1753 - Já o padre Jerônimo da Gama (1753) se insurgia contra os guaiamuns que se entocavam por sob a canaleta de captação de água, chamada de aqueduto, exigindo constantes reparos. DIAS, Marcelo Henrique, pg.106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.
- 1753 - "Os relatórios dos padres administradores, nos fornecem valiosas informações sobre a administração jesuítica no engenho. Em 1753, o padre Pedro Teixeira informa que o número de escravos era de 182, e que muitos viviam doentes e inaptos para o trabalho no canavial, ele informa também que, no período de 1731 até 1752, nasceram 24 crianças e morreram 23 escravos. Além desses dados, ele nos fornece os preços de alguns escravos comprados no período.

***"Pretos comprei [...]"***

***Joana de Rosi no Bco por – 80\$00***

***Jacintha Ramos em praça no Rio das Contas por – 100\$000***

***Felipe Ribeyro [...] de Coelho por – 100\$000***

***José Monteyro ao Cel. Monteyro por 105\$000***

***Dos que recebi no Eng. Vendi um chamado Apollinário de Figueiredo à procuração de Domingos Alfonso Cortes [...] por 160\$000".*** (ARQUIVO

ULTRAMARINO, CAIXA 14, MAÇO 4927, DOC. 4947-4948 apud MARCIS, 2013, p.289), citado por BORGES, Dagson. <http://oengenhodesantana.blogspot.com/2018/10/a-historia.html>

- 1753 – Padre Pedro Teixeira relata em sua carta:

***- Muitas dívidas do Engenho***

***- Gastos excessivos com o capelão e feitor branco com seus salários***

***- Boiada que veio do Engenho do Conde de Linhares, restam poucos, entre os dez***

***- Não acha quem empreste para o Engenho, para comprar o necessário para a fabricação da safra seguinte***

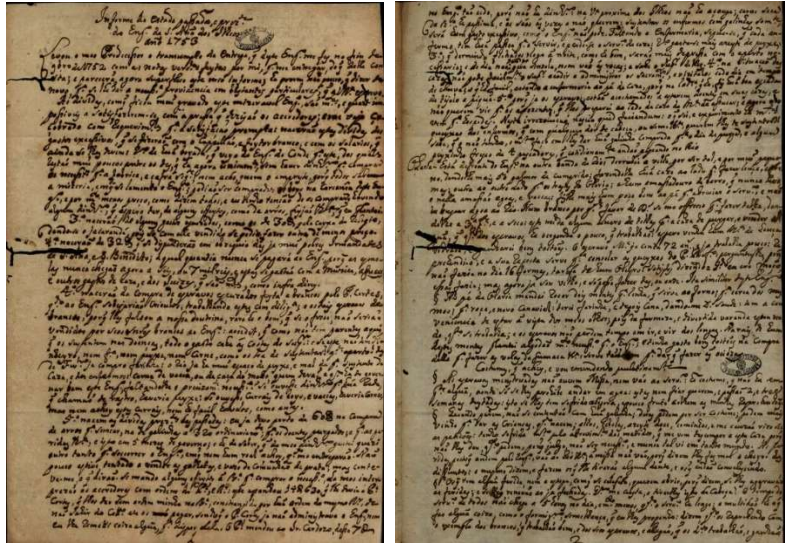
***- Espera ter dinheiro das roças de arroz, feijão, etc que o padre plantou para comprar coisas necessárias para o engenho, pois o engenho estava na "mizeria"***



- *Comprar por 30 reis uma caixa de relógio, dando-se o jacarandá, pois com ele vendido pode ser fazer outra*
- *“Não tinha currais, nem é fácil, tê-los como antes”*
- *Deve 60 reis de arroz para semear e 320 galinhas*
- *Não recebeu nenhum real quando chegou e já gastou muito do seu*
- *Situação difícil com os credores*
- *Padre anterior mandou dar dinheiro, mesmo depois que não administrava mais o engenho*
- *Não tem dinheiro no engenho*
- *Tem enfermaria, com uma pessoa por doente que perde o serviço da casa. A enfermaria ficava no pé da casa de moer e purgar*
- *Fez uma boa escada de tijolo e pique na enfermaria para a enfermaria*
- *O padre era o superintendente*
- *Queixa-se que qualquer dor de cabeça, os enfermos querem ser sustentados*
- *Olaria de frente o engenho do outro lado do rio. A primeira olaria foi derrubada, não tinha 50 palmos de comprimento. Fazendo lhe uma casa ao lado para fazer louça e formas e do lado os tratos da olaria com amassadouro de barro que nunca teve*
- *No poço de amassar barro por éguas e vacas (no feminino, mais mansas?)*
- *Poço de água junto ao amassadouro de barro, sem precisar ir ao rio*
- *Um branco ofereceu para fazer telhas por 1/3, dando um lucro e podendo cobrir na casa de purgar*
- *Espera que venha um mestre de louça vidrada que ganhará “bons tostões”*
- *Novo canavial, terei farinha e depois cana, utilizando o mesmo terreno*
- *Da varanda vejo quanto se trabalha*
- *Plantou algodão em um dos morros, pois o produto era muito necessário e gastava muitos tostões na compra*
- *O tempo de trabalho não chega a 5 horas por dia ou menos, dependendo da distância*
- *Costumes, que achei, e vou mudando paulatinamente*
- *As escravas menstruadas não ouvem Missa, nem vão ao serviço: é costume, que não há em parte alguma, onde só se lhes proíbe andar em ágora: estas nem fiar querem, e passam 2, e três semanas deitadas: isto se lhes tem sofrido até agora, pouco fruto colhem as minhas representações*
- *Quando parem, não se contentam com uma galinha, pedem duas por ser costume, pedem vinho para dar as crianças que nascem. Pedem alhos, cebolas, azeite doce, cominho*

**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

1753 – Não tinha curral, não é fácil ter como antes.



Documento de 1753, cedido por Marcelo Henrique Dias

- 1753 - Na carta relatório do Padre Teixeira de 1753 ele fala:
  - **As escravas menstruadas não ouvem Missa, nem vão ao serviço: é costume, que não há em parte alguma, onde só se lhes proíbe andar em ágora: estas nem fiar querem, e paixão 2, e três semanas deitadas: isto se lhes tem sofrido até agora, pouco fruto colhem as minhas representações**
  - **Quando parem, não se contentam com uma galinha, pedem duas por ser costume, pedem vinho para dar as crianças que nascem. Pedem alhos, cebolas, azeite doce, cominho**
- 1753 - Com o mesmo objetivo de manter uma vigília constante na casa do peso, onde o açúcar jazia embalado e pronto para o embarque, o padre Jerônimo da Gama (1753) construiu um aposento para os doentes, presumindo, certamente, que a presença permanente de familiares e o intercurso do padre “Campânia” (ajudante), encarregado de acautelar os enfermos, impediria a ação dos gatunos. Porém, como os escravizados preferiam ficar em suas casas quando adoentados, a nova enfermaria não se estabeleceu e o quarto passou a servir de dormitório para visitantes (ANTT, CJ. 54: 22). DIAS, Marcelo Henrique, pg.107. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana
- 1753 – Reforma da Igreja, telhado e construção do paredão de pedra para conter o rio. Pg 114 . DIAS, Marcelo Henrique, Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.
  - ... **jesuítas também havia divergências de opiniões, como se comprova pelas disputas entre administradores do Engenho de Santana. O padre Pedro Teixeira, que administrou o engenho em 1730, denunciou o seu**





***antecessor, o padre Figueredo, que por não concordar com o casamento entre os escravos, realizou apenas 34 casamentos entre os 178 escravos no período de 27 anos que administrou o engenho (SCHARWITZ, 1988, p. 292).***

***Citado por*** MARCIS, Teresinha, 2000, pg 61 – Viagem ao Engenho de Santana

***-No Engenho de Santana os escravos tinham permissão para cultivar suas próprias roças, o que significava alguma possibilidade de melhoria de vida, mesmo às custas de trabalho redobrado. Durante a administração dos jesuítas, os escravos trabalhavam de segunda a sábado, e segundo a tradição religiosa, guardavam apenas os domingos e dias santos. Como não foram encontradas, ainda, evidências de que os jesuítas liberavam dias normais de trabalho no engenho, os escravos deviam ocupar os períodos de descanso para cuidar das próprias plantações. Os escravos do Engenho de Santana podiam vender seus produtos, inclusive ao próprio engenho, que comprava por um terço do valor (SCHARWITZ, 1988, p. 141) citado por Marcis, Teresinha, pg 56. Viagem ao Engenho de Santana***

***A respeito da formação de famílias cativas, um contexto importante para esse fenômeno foi o período em que estavam sob a administração jesuítica. Especificamente nos anos de 1731 e 1752, há a existência de dois arrolamentos documentais referentes aos cativos do engenho... Nos dados do ano de 1731, o número de casais figuravam 61%, nos anos de 1752 esse valor teve um crescimento para 79,8%; sobre a quantidade de pessoas que viviam em um domicílio chefiado somente por uma mulher (sendo os dependentes filhos, netos, parentes e “outros”) chegavam a 20,4% na primeira data, tendo um decréscimo para 17,3% em 1752; a de domicílios chefiados por homens com seus dependentes era tido em 8,6%, caindo para 6,2%; por fim, o número de solitários caiu de 8,5% para 6,7%<sup>328</sup>... Tal política de incentivo a casamentos, exercido pelos jesuítas ainda na primeira metade do século XVIII, surtiram efeitos significativos que permearam até a década de 80 dos setecentos. Além do fato de que o número de pessoas, na condição de escravos, chegaram a 300 almas nesse período, os sujeitos que se encontravam como parte da comunidade cativa no contexto da revolta, em 1789, seriam a segunda ou terceira geração desses casais formados até o ano de 1752. Assim, a afirmação de que este grupo que compunha a mão de obra do engenho Santana detiveram vínculos além das relações de trabalho, ao ponto de se constituírem em redes de parentesco, formando e engendrando uma comunidade, se torna mais verossímil a partir desses dados.*** Pg 98/99 – Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

***-Os Minas eram provenientes da África Ocidental, na Costa da Mina, forneceu grande coeficiente de cativos para o trabalho de extração de ouro...O termo “Mina”, dessa forma, não apresentava uma real identificação das origens e etnias de onde esses sujeitos seriam***



**provenientes, mas se trataria de uma classificação cunhada no âmbito da sociedade escravista da América Portuguesa.** Pg.100 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

**- O conceito por de trás da palavra “preto” apontava a posição ocupada pelos cativos africanos, vistos pelos demais escravos – principalmente aqueles que estavam na vanguarda da revolta – como sendo de uma condição inferior ao dos crioulos pardos/mulatos. Devemos recordar que, em uma sociedade assentada nas distinções e privilégios.** Pg.101 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

- 1759 até essa data, o engenho pertencia aos jesuítas que tinha sido repassado pela família de Mem de Sá, a última herdeira, Felipa de Sá que morreu em 1618, após um processo judicial longo;

**- O Santana tornou-se, assim, “engenho e fazenda”, produzindo açúcar para vender em Lisboa e arroz, farinha-de-mandioca, feijão, aguardente e pescado para suprir o mercado interno. Por conta dessa característica, é importante esclarecer que a denominação Engenho de Santana se refere ao complexo produtivo envolvido na sesmaria, que incluía diferentes lavouras e maquinarias destinadas a processar não somente a cana, mas a mandioca, o arroz e as madeiras (SOARES, 2009, 63-64; 75). Noutro sentido, o termo engenho, quando usado pontualmente, se refere ao maquinário específico utilizado nas diferentes oficinas.** Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100. (grifos nosso)

**Durante a administração jesuíta do Engenho de Santana (1618-1759), se presume e alguns documentos confirmam, que a relação com os escravos era “um pouco mais humana”, estimulando casamento e melhor alimentação, menor jornada de trabalho, guarda dos dias santos e final de semana, sem, no entanto, cessar o vínculo da escravidão. Acreditamos que essas relações mais frouxas e com mais conquistas de direitos por parte dos escravos teria acelerado a revolta de 1789, que foi realizada apenas 30 anos após a expulsão dos Jesuítas do Brasil e do Engenho de Santana, rebelião que teria sido realizada pela terceira geração de escravos nascidos no início dos casamentos estimulados pelos jesuítas, escravos que foram capazes de construir redes “clientelares” e de “solidariedade” escravas. Muitas reivindicações do Tratado proposto pelos escravos em 1789, já tinham sido conquistas do cotidiano na administração dos jesuítas, algumas aliás eram propostas pelo próprio Antonil que era um Jesuíta e pesquisador da produção agrícola do Brasil Colônia.** Nota do Organizador.

- 1759 – Os bens dos jesuítas são confiscados e os jesuítas expulsos em 1760. O engenho foi arrematado por Manuel da Silva Ferreira, ele era provedor da Casa da Moeda da Bahia, que não paga todo o valor do arremate do leilão. Marcis, Teresinha, pg 66, Viagem ao Engenho de Santana

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**- 1759 – Expulsão dos Jesuítas do Engenho de Santana e do Brasil**



O Marques de Pombal decreta a expulsão dos Jesuítas - <https://www.morrodomoreno.com.br/>

***O Marques de Pombal, visando as riquezas e terras dos jesuítas, decreta a expulsão dos membros da ordem religiosa que estava presente no Brasil desde 1549, quando chegou com o Governador Geral Tomé de Sousa, visto que na Capitania de Ilhéus, era a instituição que tinha a maior parte das propriedades e terras, calculado em 2/3 de todas as terras. Nota do Organizador.***

***- Os jesuítas que estavam na Casa que fora construída em 1723 e que ficava localizada onde é hoje o Palácio Paranaguá, foram embarcados em 1760 em direção a Portugal. “...prende os seis padres jesuítas que nela habitavam e ensinavam e os levou escoltados, como criminosos, para a nau fundeada fora da barra”*** — Pag 18 - ECONOMIA COLONIAL – Séculos XVI a XIX – História e Fatos de Ilhéus – FILHO, Carlos Pereira

***- “Os seis padres que evangelizavam a Capitania foram presos com aparato e embarcados fora da barra, em mar aberto, e em navios armados de guerra”*** - Pag 19 - ECONOMIA COLONIAL – Séculos XVI a XIX – História e Fatos de Ilhéus – FILHO, Carlos Pereira

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<http://www.oieduca.com.br/biblioteca>



<https://jchistorybrasil.webnode.com.br/>

Os bens confiscados pela coroa, são descritos da seguinte forma:

***“Casa de residência [...] com paredes de pedra e tijolo, quatro dormitórios e varanda [...].***

***Uma capela pequena de pedra e cal com seu alpendre e torre de cima. Com as paredes indo em bom uso, com as madeiras de telhado e coro também em bom uso [...], o retábulo do altar que está muito velho, e antigo.***

***Uma casa de engenho com forno do lado de fora;***

***Uma casa de caldeiras e casa de purgar pegada e uma outra de pedra e cal;***

***Uma casa de peso e ferreiro tudo de pedra e cal ainda com bom uso;***

***Uma casa de olaria formada [...] cheios de madeira, coberta de telha com dez braças e três palmos de comprimento e com duas braças e oito palmos de largo.***

***Um forno de coser louça, telha e tijolo [...]”*** (ARQUIVO ULTRAMARINO, CAIXA 14, MAÇO

4927, DOC. 4947-4948 apud MARCIS, 2013, p.285), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação, 2018

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## A Igreja de Santana



Teria sido construída em 1537

***A construção de uma igreja, logo no início da construção de um engenho, era normal, visto que um engenho era não apenas uma unidade produtiva, mas uma unidade social independente, que tinha seu desenvolvimento não atrelado as vilas. Um engenho representava um pequeno núcleo populacional, por buscar se tornar uma unidade autossuficiente. Muitas vezes a vila vivia na miséria, mas os engenhos viviam na opulência.*** Nota do Organizador.

***A capela construída em homenagem a Nossa Senhora de Santana, teria sido construída por volta de 1537, e teria demorado a ser construída por três a quatro anos, visto que uma grande igreja colonial portuguesa levava em média 12 anos, algumas 8 anos, outras levaram muito mais, dependendo do tamanho e das estruturas edificadas. Existe no Distrito, uma história oral ou lenda, sobre o local da construção da primeira capela, que segundo levantamentos arqueológicos iniciais, pode ser verdadeira.*** Nota do Organizador.

- 1674 - De acordo com o inventário feito pelo padre Manuel da Costa, em 1674, a capela sofrera um desabamento parcial provocado pela cheia do rio, porém, sua outra parte, que ficava ao lado da levada da água, continuava em pé, mas muito danificada (ANTT, CJ, 54: 7). DIAS, Marcelo Henrique, pg.114. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***...as frequentes e intensas chuvas causavam perdas materiais pelo efeito das cheias do rio e das enxurradas que desciam do morro, motivo da destruição de parte da capela, em 1674 (ANTT, CJ, 54: 7).*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- 1753, o padre Jerônimo da Gama reformou o telhado e as tesouras da capela, que se encontravam apodrecidas. No mesmo ano, construiu um paredão de pedra na banda que ficava para o rio, para evitar que as cheias destruíssem o frontispício, acrescentando um “adro formoso para igualar o vácuo que fez o paredão”, lajeando de tijolos o passadiço inclinado para o mesmo rio, de maneira a facilitar o escoamento da água da chuva (ANTT, CJ, 54: 22). DIAS, Marcelo Henrique, pg.114. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***Há a lenda, contada pela comunidade do Rio do Engenho, que existia uma pequena capela no topo do morro, onde era a senzala e onde ficava a Santa, porém a mesma aparecia no leito do rio, próximo onde fica hoje a igreja. Como ocorreu o desaparecimento da santa da pequena capela e apareceu no Rio, onde teria hoje os pés da santa, diz a lenda que o senhor mandou edificar a atual igreja.*** Nota do Organizador.



- Relatório dos bens durante a expulsão dos Jesuítas em 1759

***Uma capela pequena de pedra e cal com seu alpendre e torre de cima. Com as paredes indo em bom uso, com as madeiras de telhado e coro também em bom uso [...], o retábulo do altar que está muito velho, e antigo.*** (ARQUIVO

ULTRAMARINO, CAIXA 14, MAÇO 4927, DOC. 4947-4948 apud MARCIS, 2013, p.285), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação, 2018

***- No universo social do Santana, a capela cumpria um papel central, como espaço de manutenção do ideal paternalista que inspirava o cotidiano do exercício da disciplina escravista pelos padres. As missas marcavam o dia a dia de trabalho e descanso da comunidade e as celebrações, assentes no calendário cristão, reforçavam o simbolismo em torno do qual os jesuítas procuravam justificar as relações de mando e obediência.*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.115. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***- No solo do interior da capela jaziam os mortos, o que exigia constante manutenção das gavetas e do assoalho. O mesmo industrioso padre Jerônimo fez novo pavimento na capela, “porque as tampas das sepulturas faziam altos e baixos”. Muito provavelmente, em decorrência dessa degradação, o mal cheiro era fortemente sentido pelos fiéis, razão pela qual “as paridas [...] a missa não vão, porque dizem lhes faz mal o cheiro dos defuntos.*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.115. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***Normalmente, as pessoas consideradas importantes eram enterradas dessa forma porque se acreditava que o último lugar de repouso deveria ser perto dos santos. Ser enterrado na igreja era também sinônimo de status social. Quanto mais prestígio e riqueza o indivíduo possuísse, mais próximo do altar seria enterrado.... A primeira medida proibindo os enterros nas igrejas foi expressa através de uma carta régia do ano de 1801. A mesma carta também ordenava a construção de cemitérios. São Paulo só acabou com esse hábito nada higiênico em 1850, quando a Câmara decidiu que a cidade deveria construir um cemitério secular —o da Consolação, na região central da capital.***

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/08/11/por-que-homem-foi-enterrado-de-pe-na-parede-de-igreja-historica.htm?cmpid=copiaecola>

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Enterramento na Sacristia da Igreja de Santana - 1880

- 1753 - o padre Jerônimo desfilava em narrativas jactanciosas seu capricho em adornar a igreja:

***“pus a pia da água benta no seu lugar atrás da porta principal, porque estava no meio desta... fiz alguns bancos novos... e as grades que deve ter a pia batismal, conforme as Ordenações do Arcebispado, que assim o mandam.”*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.115. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- 1753 – Reforma da Igreja, telhado e construção do paredão de pedra para conter o rio. Pg 114 . DIAS, Marcelo Henrique, Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.



Pia Batismal da Igreja de Santana, pedra portuguesa

**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

### Casa dos Jesuítas e Senhores

Modelo de casa utilizada pelos Jesuítas no Engenho de Santana, que ficava junto ao início da estrada que levava a senzala.



Engenho em Pernambuco. Desenho de Franz Post - <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0133o.htm>

**- A casa ficava na base da estrada que levava ao topo do morro, onde se situava a senzala. Ela tinha varanda e tinha possibilidade de vigilância do Engenho, ficava e frente da farinha e do galpão de guarda de produtos, sejam farinha, algodão, madeira ou açúcar.** Nota do Organizador.

**- num nível acima dos edifícios das fábricas, e de frente para o rio, local de embarque e desembarque de mercadorias e pessoa.** DIAS, Marcelo Henrique, pg.111.

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**- ... uma estrutura feita nos primeiros anos da conquista da terra, o que também nos leva a supor que seu sistema construtivo tenha sido o de pau-a-pique ou outros materiais mais rústicos, muito usados naquele período, com telhados de fibras de piaçava ou outras palhas (AZEVEDO, 1990, p. 100; ANDRADE, 2006, p. 49; ANDRADE, 2004, p. 93).** DIAS, Marcelo Henrique, pg.111.

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.





- Porém, já no período de administração jesuítica, a casa de vivenda foi construída de pedra e cal, coberta por telhas de barro, com “umas formosas e alegres varandas abertas nos lados” segundo a descrição de Jerônimo da Gama (ANTT, CJ, 54: 22). O padre João Cortês (1748), por sua vez, assim a descreveu:

***Tem no andar de baixo uma sala grande ao entrar da porta, cozinha, refeitório, e duas dispensas para seco, e molhado. No andar de cima tem duas salas, uma varanda, quatro cubículos, e uma casa de rouparia, que fiz de novo, por ser muito pequena a que havia. (ANTT, CJ, 69: 140).*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.111/112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- O padre Antônio Fernandes (1738) confirma a informação de que na casa do Santana havia quatro cubículos (ANTT, CJ, 71: 128)... Quatro cubículos se distribuíam na casa, onde moravam somente dois padres. Não raro, recebiam visitas de outros irmãos e mesmo de padres seculares. DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

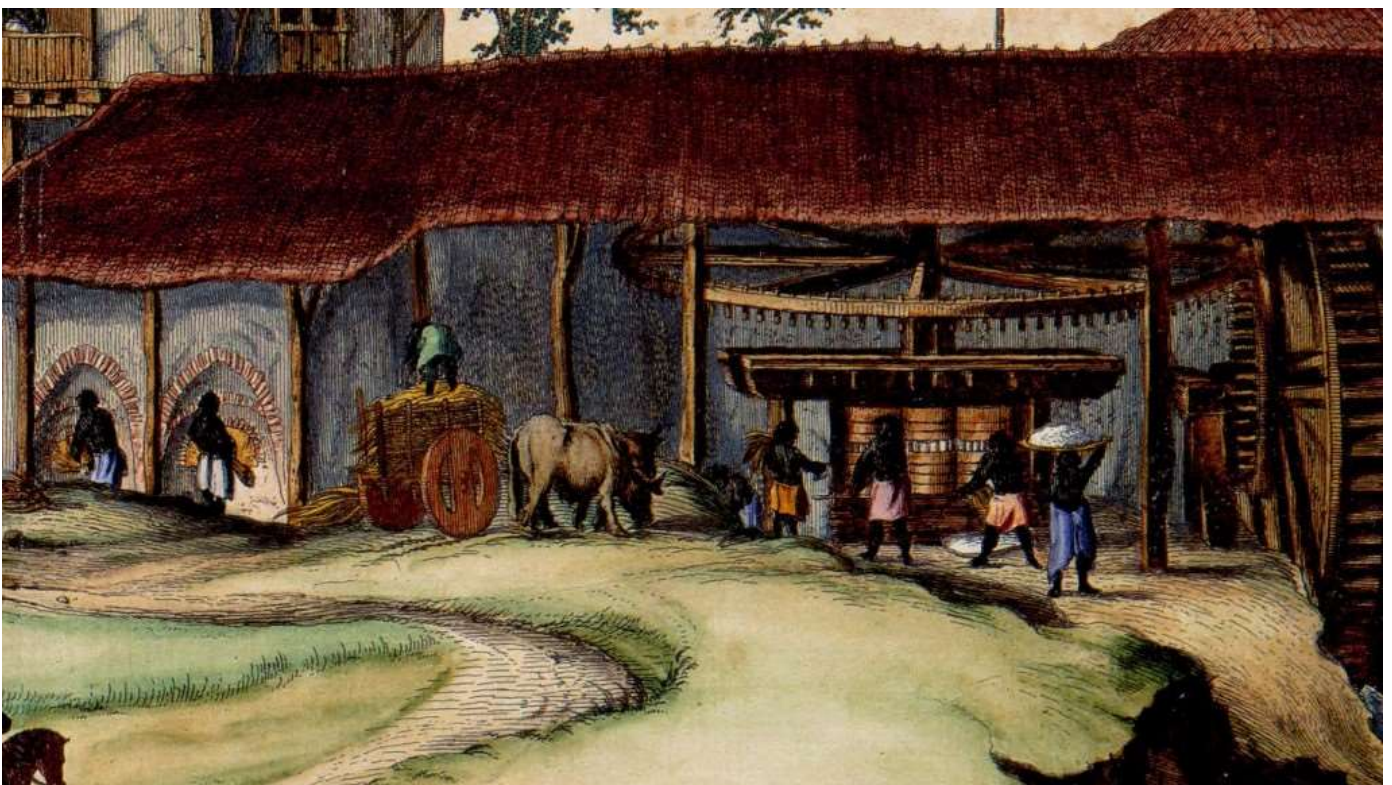
- O certo é que no Engenho de Santana algumas crianças empregadas em serviços domésticos eram impelidas a dormir na casa, apesar de não haverem cômodos destinados para esse fim, como revelava o padre Pedro Teixeira, em 1731:

***Moleques que servem em casa, como não têm dentro dela estes conchegos, eram raras as noites que não saltassem pelas janelas e fossem dormir fora; e pela manhã, quando se abria a porta já estavam dentro; porque as casas tudo são janelas e varandas abertas e baixas; há bem poucos dias, quando isto escrevo, que soube destas saídas; dei-lhe a todos uma formosa coça de açoutes, veremos a emenda que tal é (ANTT, CJ, 15: 23).*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.113. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Engenho de Itamaracá – Frans Post - [https://ensinarhistoria.com.br/para\\_colorir\\_engenho\\_frans\\_post/](https://ensinarhistoria.com.br/para_colorir_engenho_frans_post/)



Engenho de Itamaracá – Frans Post - [https://ensinarhistoria.com.br/para\\_colorir\\_engenho\\_frans\\_post/](https://ensinarhistoria.com.br/para_colorir_engenho_frans_post/)



**- Já as varandas ficavam no sentido leste e oeste, de onde se podia observar a fábrica, a oeste, e a olaria, que ficava de frente da casa, no outro lado do rio.** DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- Nossa hipótese sobre a localização da casa de vivenda, a moradia dos padres, é a de que se situava no lado leste do “complexo fabril” do Engenho, a poucos metros das oficinas. Era necessária a vigília e o controle dos trabalhos nas fábricas e em outros locais importantes para o funcionamento do Engenho... Já a rua de acesso entre esses dois edifícios era pavimentada com pedras, hoje cobertas por uma grossa camada de terra depositada ali para facilitar o acesso dos ônibus, conforme informação dos moradores mais antigos. DIAS, Marcelo Henrique, pg.111. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- o padre superior Jerônimo da Gama passou algumas ordens que deveriam ser observadas pelo seu ajudante. Primeiramente, esclareceu que cabia a este a responsabilidade pelos bens “temporais” da casa: a cozinha, o refeitório, a dispensa, a rouparia e a botica. Da mesma forma, ficava encarregado dos encargos da limpeza da casa e do provimento dos lavatórios e potes d’água de beber, “mandando os serventes da casa que façam o que lhe ordenar nestes particulares e nos mais que tocam ao seu estado e profissão”. No controle do relógio, deveria fazê-lo tocar às cinco horas para a oração, “por ser isto conveniente ao bom governo espiritual e temporal do Engenho e à expedição dos que governam e dos que trabalham”. DIAS, Marcelo Henrique, pg.113. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**- “Casa de residência [...] com paredes de pedra e tijolo, quatro dormitórios e varanda [...]”. ARQUIVO ULTRAMARINO, CAIXA 14, MAÇO 4927, DOC. 4947-4948 apud MARCIS, 2013, p.285), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação, 2018**

Casa retratada acima pela Coroa portuguesa quando do confisco dos bens e expulsão dos jesuítas em 1759.

**- A partir dessas informações sabemos que a casa dos padres do Engenho de Santana tinha dois pavimentos. Geralmente eram casas pequenas, com poucos quartos e com mobiliário reduzido (ANDRADE, 2004, p. 109). O padre Antônio Fernandes (1738) confirma a informação de que na casa do Santana havia quatro cubículos (ANTT, CJ, 71: 128). O irmão Jerônimo da Gama, na sua posse, a encontrou “quase em ruínas” e as paredes estavam escurecidas por conta da fumaça da cozinha “mal arrumada”. O telhado estava “aberto em água, e ameaçando ruína; o teto estribado em uma grossa tábuas, que tinha em pé a podre cumeeira”. DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.**

- **a casa como um todo formava um ambiente de intenso convívio social, onde os escravizados circulavam sem maiores restrições.** DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.



**- Quatro cubículos se distribuía na casa, onde moravam somente dois padres. Não raro, recebiam visitas de outros irmãos e mesmo de padres seculares. Mas não podemos descartar a hipótese de alguns desses quartos servirem de dormitórios aos escravos da casa, denominados “serventes” pelos padres administradores.** DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- O certo é que no Engenho de Santana algumas crianças empregadas em serviços domésticos eram impelidas a dormir na casa, apesar de não haverem cômodos destinados para esse fim, como revelava o padre Pedro Teixeira, em 1731 (Nota do Organizador -NO):

**Moleques que servem em casa, como não têm dentro dela estes conchegos, eram raras as noites que não saltassem pelas janelas e fossem dormir fora; e pela manhã, quando se abria a porta já estavam dentro; porque as casas tudo são janelas e varandas abertas e baixas; há bem poucos dias, quando isto escrevo, que soube destas saídas; dei-lhe a todos uma formosa coça de açoutes, veremos a emenda que tal é (ANTT, CJ, 15: 23).** DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**- a ao padre superior a quem dará parte onde vai e a que vai, saindo fora do Engenho”. Por último, o irmão era instruído a se livrar das “inoportunas petições dos escravos [...] não os admitindo dentro no seu cubículo, conforme as visitas que há.” (ANTT, CJ, 54: 22 b). Como se pode depreender, a casa também se configurava como um espaço de resistência política por parte dos escravos.** . DIAS, Marcelo Henrique, pg.112. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

## Madeira

**A partir de 1630, início do século XVII, passa a ser prioridade no Engenho de Santana, a produção de madeira e de alimentos, com introdução do arroz. (N.O.)**

**- O engenho Santana, muito provavelmente não obtinha lucros apenas com a exportação de cana-de-açúcar, poderia haver um comércio de madeiras.** pg 115 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**- no caso da região de Ilhéus, seria ainda mais fácil obter tais fontes naturais devido suas ricas e densas florestas. Para além das partes integrantes do engenho, como os eixos da moenda, os dentes dos três eixos, as rodas da água, etc., ainda havia a composição dos barcos, canoas, camboas, entre outras ferramentas que eram direcionadas para a atividade de pesca, além das próprias caixas onde eram armazenadas o açúcar para serem direcionadas a venda, sendo feitas de jequitibá e Camaçari. Já a**

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**função de serrar tais madeiras era habitualmente voltada para os escravos de canaviais, sendo que para a construção e conserto do engenho era imprescindível a destreza em carpintaria.** Pg.107 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

**- Na oficina do beneficiamento madeireiro, além da serra d'água, havia o trabalho com as serras "braçais" (ANTT, CJ, 54: 22).** pg109. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.



Serraria – Debret. A reivindicação dos rebelados de 1789 era colocar 2 escravos na parte de baixo



Escravos da Nação – ROCHA, Ilana Peliciari

**- Assim sendo, o tráfico ilegal não seria uma condição exclusiva do comércio das farinhas, as madeiras – tendo em vista o pau-brasil – sofreram**



***constantemente desse mal. No ano de 1786 houve uma devassa que acusava o senhor Manuel da Silva Bastos de contrabandear pau-brasil da comarca de Ilhéus.*** Pg.58 , Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

***- mas o principal delito seria a derrubada de uma espécie que era colocada como de uso privado da coroa. Essa problemática ainda seria sentida em anos vindouros, no decorrer de 1789 houve um considerável pico nas exportações dessa madeira, e com isso, o contrabando também se manteve contínuo. Tais ocorrências demonstravam a participação de contratantes das encomendas oficiais da coroa em tais ilícitudes, isso levou ao arrefecimento do uso do sistema de feitorias por parte da administração central motivando a suspensão dos cortes no mesmo ano. Tamaña deliberação afetava diretamente e indiretamente colonos e índios que possuíam como fonte de renda tal atividade, apesar de que havia como objetivo primário a busca por resolução nos conflitos que eram infundáveis entre os interesses de grupos privados e os da coroa, tentando dar um fim no tráfico ilegal desse produto.*** Pg.58 , Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

***- Da mesma forma, houve uma relevante economia de extrativismo de madeiras, peça basilar para construção de navios de guerra, tanto em Salvador como em Lisboa, além de outras finalidades que eram obtidas por meio dessa matéria-prima.*** Pg.60 , Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

***- a atividade de extração de madeiras também representava um negócio expressivo nessa comarca, inferir que tal empreitada era monopolizada por colonos e a administração da comarca é simplificar a complexidade da dinâmica econômica desenvolvida aqui. As madeiras poderiam ser utilizadas tanto para o dia a dia das famílias escravas, seja na construção de barcos, instrumentos, casas, ou na comercialização dos mesmos; algo que poderia gerar recursos de grande valia.*** Pg.68 , Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

***A atividade madeireira envolve a produção de madeira não só para o engenho, como caixarias, pranchões, esteios, rodas d'água, móveis, madeira para casas, barcos, etc, mas para comercializar com Salvador e Portugal, especialmente com a construção naval dos grandes e tão requisitados navios. (N.O.)***

## **Lenha**

A respeito da quantidade de lenhas, os escravos fizeram o seguinte pedido:

***“A medida de lenha há de ser como aqui se praticava, para cada medida um cortador, e uma mulher para carregadeira.”*** Pg.107 , Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares



**Antonil (que era Jesuíta) afirmava que a quota diária de lenhas exigidas para com os escravos seria de uma pilha de lenha de 7 palmos de altura por 8 palmos de profundidade, sendo o equivalente a uma carroça.** Pg.108, Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

**No Santana, desde quando os jesuítas assumiram a posse do engenho e passaram a escrever cartas e inventários para seus superiores, na segunda década do século XVII, não se tem notícias da presença de indígenas, pelo menos enquanto um grupo étnico distinto... A população cativa variou de um número de 17 indivíduos, em 1616, a pouco mais de 150, em 1753, mantendo uma média de 120, entre o final do século XVII e meados do XVIII.**

DIAS, Marcelo Henrique, pg102. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**Nos relatos sobre fugas episódicas, os padres não fazem menção a qualquer tentativa de resgate, cabendo apenas esperar o retorno dos homiziados. Em missiva enviada ao reitor do Colégio, o padre Antônio Fernandes elucida bem sua resignação em relação a isso: “saiba que o Brasil não é o Reino, que aonde quer se vá se dá com um fugido, cá sucede muitas vezes comerem da mesma casa e andarem fugidos muitos anos” (ANTT, CJ, 71:**

141). DIAS, Marcelo Henrique, pg103. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

**- De acordo com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), as ruínas das antigas oficinas do Engenho encontram-se atrás da escola nucleada Santo Antônio (IPAC-Ba, 1988, p. 247): trata-se de “um paredão de alvenaria com uma calha de escoamento de água”. Sua estrutura é “de pedras de reboco argiloso, possui 10 m de extensão e a calha em seu centro de cerca de 50 cm” (ROCHA, 2011, 33). Nosso trabalho de campo, realizado trinta anos após o referido estudo, constatou a atual permanência ao menos de parte dessas estruturas naquele sítio (figura 3). Outros artefatos, identificados com a produção de açúcar e farinha, como pedras mó, tachos de cobre e uma estrutura para roda d’água, também foram encontrados, reforçando, assim, a localização apontada pelo IPAC em 1988. Podemos inferir, portanto, que as fábricas (moendas) se localizavam onde hoje é o prédio escolar e seus edifícios vizinhos, de maneira a aproveitar a inclinação do morro.** DIAS, Marcelo Henrique, pg103/104.

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de bSantana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- 1659 - No Santana, no ano de 1659, o padre Felipe Franco havia encontrado a casa de purgar destruída quando chegara ao Engenho. O motivo teria sido uma **enchente** do rio que levou a estrutura feita de madeiras. Tendo que construir um novo prédio, informava aos seus superiores que o faria de madeira. DIAS, Marcelo Henrique, pg.105. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.



-1660 - No ano de 1660, o mesmo padre afirmara estar construindo a casa de purgar definitiva, com a expectativa de deixá-la capaz de produzir 2000 pães de açúcar (ANTT, CJ, 68: 307). Meses depois, relatou que optara por fazê-la em pedra e barro e não tão próxima do rio quanto antes, para evitar o efeito das cheias. Explica, ainda, **que a casa tinha varandas em volta para defender as paredes das frequentes chuvas**. Por fim, especifica as dimensões da estrutura: 112 palmos de comprimento, sem as varandas, e 60 de largura (correspondente à aproximadamente 25 m por 13,5 m) (ANTT, CJ, 68: 308). O padre Pedro Teixeira, por sua vez, informava, em 1731, que a casa do engenho, a das caldeiras e a de purgar, todas contíguas, tinham a medida de um terço do corredor do convento de Santo Antônio (ANTT, CJ, 15: 23). DIAS, Marcelo Henrique, pg.105/106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

- 1674 - Segundo o Irmão Manuel da Costa, em 1674, a casa das caldeiras era de pedra e cal e no seu interior havia “duas fornalhas com duas caldeiras” e mais “duas fornalhas com sete tachos [...] uma com quatro e outra com três”. Somava-se, ainda, uma caldeira de melado e um tacho que servia de bacia, além de outro para esquentar a água da decoada (ANTT, CJ, 54: 7). De acordo com essas informações, podemos supor duas possibilidades: a primeira é que quando o padre informa que havia duas fornalhas não está se referindo ao número de bocas e sim ao conjunto de fornalhas de cada lado do prédio; a segunda é justamente referente ao número de bocas dos fornos, mas, nesse caso, a estrutura dos mesmos não seria individual, possibilitando assim, abrigar um número maior de tachos e caldeiras, pois, como se viu, o número total de “vasos”, entre tachos e caldeiras, era de dez, mesma quantidade informada por Antonil como necessária para um engenho de grande porte (ANTONIL, 2001, p. 156- 157). DIAS, Marcelo Henrique, pg.104. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

## Máquinas

*Devemos analisar o desenvolvimento tecnológico do Engenho de Santana com muita calma, visto que desde seu nascimento foi um grande avanço tecnológico para o Brasil Colônia, pois produzia 10 toneladas de açúcar de ano, o que era muito. O engenho era considerado um dos maiores da colônia, se não o maior. Observamos que vários desenvolvimentos tecnológicos ocorreram desde o século XVI, passando pelo XVII, no XVIII e finalmente no Século XIX, quando introduziu enormes avanços técnicos como o eixo horizontal, etc. (N.O.)*

*Várias máquinas foram introduzidas nesse Engenho, em primeiro lugar, mas observamos que a utilização de inúmeras máquinas, inúmeras rodas d'água, para diversos produtos, arroz, corte de madeira, descaroçador de algodão, ralar mandioca, triturar grãos, etc. A dúvida que se tem é se Accioli ou o Marques de Barbacena, também introduziu uma máquina de serrar madeira a vapor, como Accioli fez em Itamaracá. (N.O.)*

*O Engenho de Santana foi palco de diversos atores e diversas técnicas durante cerca de 400 anos de funcionamento, de produção de diversos produtos, que geraram riqueza, sobrevivência, e por outro lado o legado de escravidão. (N.O.)*





**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***A configuração do Engenho de Santana como engenho de açúcar e fazenda de produção de víveres e beneficiamento de madeiras exigia um conjunto de oficinas com suas maquinarias específicas. Na definição dos produtores das fontes textuais, as serras d'água, o pilão de beneficiar arroz e a moenda de fazer farinha compreendiam "engenhos".*** pg108. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***A respeito do maquinário, é bem elucidativo o inventário do padre João Cortês, de 1752: Tem roda de água para ralar mandioca com seus ralos de cobre gastados. Tem os cochos precisos para fazer farinha. Tem 3 alguidares de cozer farinha assentados; um de cobre, e dois de barro. Tem 13 tapetes para espremer a massa, e uma gurupema [peneira de palha] para coar. Tinha mais o engenho outro alguidar de cobre [...] (ANTT, CJ, 54: 52).*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.109/110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***havia máquina para beneficiar arroz e algodão, movidos à água, um alambique e 3 tachos.*** pg 55 – ANDRADE – Marcelo Loyola – Nos Labirintos da Liberdade

***É interessante ressaltar a contiguidade do edifício onde se fabricava o açúcar e as demais oficinas, pois, a partir daí, podemos concluir que a localização em que a estrutura foi edificada era favorecida pela inclinação do morro, aproveitada para arquitetar um canal por onde se captava a água do rio para movimentar as rodas d'água. A posição de cada roda era pensada para aproveitar o máximo possível da força hidráulica. Provavelmente, recebendo mais diretamente o fluxo da água, a primeira roda, que necessitava de maior potência, era a que movia a moenda de cana-de-açúcar. Em sequência teríamos as demais. Na oficina do beneficiamento madeireiro, além da serra d'água, havia o trabalho com as serras "braçais" (ANTT, CJ, 54: 22).*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.108/109. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. (grifo nosso)

***No Santana, informava o padre Pedro Teixeira (1730), a casa do engenho de cana, a das caldeiras e a de purgar eram todas contíguas. Na sequência, ficavam o engenho de serra de água e "mais na mesma casa" o pilão de apiloar arroz: "todas três moem com a mesma água, mas com diversas rodas". (ANTT, CJ, 15: 23). Todos aqueles engenhos, incluindo o engenho de cana-de-açúcar, operavam, portanto, com a força motriz da água de um único "aqueduto", ou seja, uma única canaletta de levada de água.*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.108. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***De acordo com os relatos dos padres jesuítas, não era esse o caso do Santana. Sua casa-de-farinha ficava no mesmo complexo dos demais engenhos, ao que tudo indica, conformando a última oficina entre as demais e as casas-de-vivenda. Assim como os demais "engenhos", era movido por uma roda d'água.*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.108/109. Estruturas edificadas e

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.



Barra de ferro fundido, dos tempos do engenho encontrado no leito do Rio Santana



Forma de ferro fundido dos tempos do engenho.

***Esses elementos acima, encontrados, na comunidade, conseguem comprovar o avanço tecnológico da época do Engenho de Santa, com a utilização mais intensa de ferro fundido e forma para produção de estruturas de ferro, comprovando a existência de uma pequena fábrica no local e conseqüentemente de pessoas especializadas como Bittencourt Accioli, o inconfidente que tinha estudado na Inglaterra e França a questão da metalurgia e que morou durante um tempo no Engenho de Santana. Construção de ferramentas ou reparo de peças importantes para o Engenho, deveriam ser produzidas dentro do próprio engenho, e como o Engenho de Santana era um dos maiores engenhos, teríamos aí uma estrutura de metalurgia, assim como foi implantado em Olivença pelos jesuítas. (N.O.)***

***- Outros avanços também foram comprovados, como a utilização no início do século XIX da moenda de 3 eixos verticais. (N.O.)***

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Roda de triturar grãos bem danificada, ainda existente no Rio do Engenho

Roda de triturar grãos que fica na rua, perto do antigo engenho.

***Outro avanço tecnológico observado, são as pedras de triturar grãos, encontradas na comunidade do Rio do Engenho, antigo Engenho de Santana. Essas pedras eram colocadas em estruturas movidas por água, e por fricção trituravam os grãos, especialmente o milho. Outra grande pedra, conhecida como Pedra Mó, está enterrada debaixo de um piso de uma das casas que se encontram sobre o sítio arqueológico do Engenho de Santana. (N.O.).***

Modelo de moagem, com pedras de grãos, especialmente o milho, moagem que eram utilizadas nos antigos engenhos, para abastecer o engenho e exportar

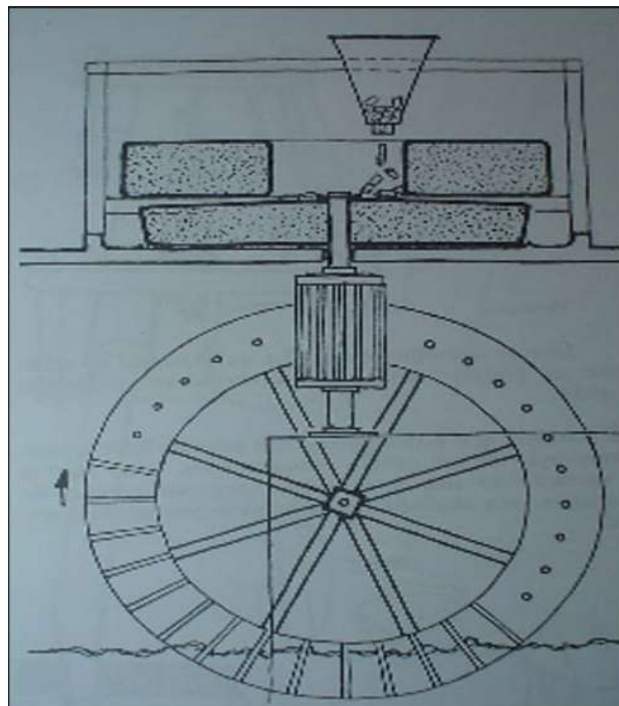
# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



[https://www.instagram.com/reel/CW\\_rmveFeEO/?igshid=YmMyMTA2M2Y=](https://www.instagram.com/reel/CW_rmveFeEO/?igshid=YmMyMTA2M2Y=)

Esquema de um moinho de cereais (moinho romano para processar trigo). Fonte FERNANDES (1971.pg21)



# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## Moenda e Caldeira

*Antonil, em sua obra, descreveu com precisão o processo que era tido nessa tarefa: As escravas de que necessita a moenda, ao menos, são sete ou oito, a saber: três para trazer cana, uma para a meter, outra para passar o bagaço, outra para consertar e acender as candeias, que na moenda são cinco, e para alimpar o cocho do caldo (a quem chamam cocheira ou calumbá) e os aguilhões da moenda e refrescá-los com água para que não ardam, servindo-se para isso do parol da água, que tem debaixo do rodete, tomada da que cai no aguilhão, como também para lavar a cana enlodada, e outra, finalmente, para botar fora o bagaço, ou no rio, ou na bagaceira, para se queimar a seu tempo. E, se for necessário botá-lo em parte mais distante, não bastará uma só escrava, mas haverá mister outra que ajude, porque, de outra sorte, não se daria vazão a tempo, e ficaria embaraçada a moenda. [...] há uma guindadeira, que continuamente guinda para cima com dous cubos o caldo, e todas as sobreditas escravas têm necessidade de outras tantas, que as revezem depois de encherem o seu tempo, que vem a ser a metade do dia, e a metade da noite, e todas juntas lavam de vinte e quatro em vinte e quatro horas com água e vasculhos de piaçaba toda a moenda. A tarefa das guindadeiras é guindar cada uma três paróis de caldo, quando for tempo, para encher as caldeiras, e logo outra outros três, sucedendo desta sorte uma à outra, para que possam aturar no trabalho.*

pg 110 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).  
PINTO, Andrey Soares



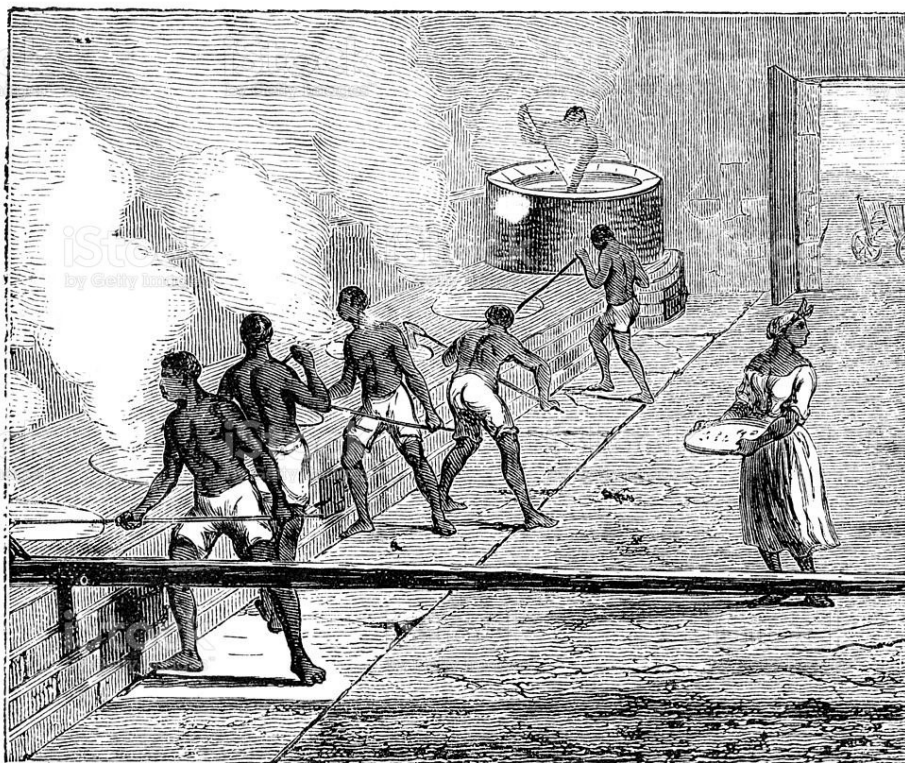
Modelo de estrutura para caldeira e boca fornalha moderna, que ocupava vários tachos. Modelo de engenho mais recente

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/12.139/7132>

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<https://olhares.com/a-fornalha-do-engenho-foto6873210.html>



<https://www.istockphoto.com/br/vetor/african-escravos-fervente-1882-cana-de-a%C3%A7%C3%BAcar-gm157564346-11893952>



***Antonil já apontava a presença de, no mínimo, sete ou oito cativas para a execução do trabalho, algo que deveria ser visto por ele como o ideal para uma boa produção. O curioso é o fato de que os escravos sublevados demandavam a presença de, justamente, sete pessoas no exercício de tal tarefa: quatro moedeiras, duas guindas e uma carcanha. O que nos leva a inferir que, para a opinião do senhor Manuel da Silva Ferreira, ou de seus serviçais na administração, era possível fazer toda essa atividade com um número menor de sete pessoas. No entanto, o número de pessoas para esse tipo de trabalho fazia a total diferença, visto que era uma atividade que adentrava a noite, passando a ser cumprida em 24 horas diretas. O cansaço, somado ao calor da fábrica de açúcar levava a condições árduas e precárias de trabalho, fora o perigo das escravas responsáveis por passar a cana na moenda acabarem tendo os braços triturados, seja devido à falta de atenção, motivado pelo cansaço de um trabalho repetitivo e extenuante, ou pela escuridão da noite – que mesmo com luminárias, não detinham totalmente as trevas de um engenho.*** pg 110/111 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***“Nas moendas há de pôr quatro moedeiras, e duas guindas, e uma carcanha”. As moedeiras eram referentes as escravas que inseriam as canas nas moendas, levando à extração do caldo, o qual era recolhido em um parol e carregado em guindas, sendo derramado em caldeirões para a fervura<sup>377</sup>. As cativas responsáveis para a tarefa das guindas eram chamadas de guindadeiras; já a “Carcanha” ou “calcanha” eram as que mantinham os lampiões acesos, além de tirarem a espuma dos tachos.*** pg 109/110 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Para as moendas eram designadas, normalmente, mulheres. Duas escravas deveriam encarregar-se, por turno, da limpeza da canas, que consistia na retirada das palhas e na lavagem dos roletes. Uma terceira cuidava de arranjar a cana perto da moenda, de forma a ficar acessível às moedeiras. Estas tinham a tarefa mais perigosa do engenho. Meter as canas entre os rolos. As mulheres designadas, duas necessariamente, passavam a cana e repassavam o bagaço, de modo a retirar todo o caldo. A repetição dessa atividade levada ao descuido e ao sono, o que poderia ser fatal, pois os movimentos dos rolos tragava a trabalhadora, vítima frequente desse acidente.*** - pg 206 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***A passagem da mó de pedra para o cilindro é muito discutida pelos especialistas e não há consenso sobre o local de descoberta... Em outro texto O açúcar na Madeira: produção e comércio nos séculos XV e XVII Alberto Vieira aprofunda essa discussão historiográfica e explica: (N.O)***



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***Existe uma versão que aponta esta evolução como uma descoberta mediterrânea: Noel Derr e F. O. Von Lippmann atribuíram a descoberta a Pietro Speciale, prefeito da Sicília; a Historiografia castelhana encara isso como um invento de Gonzalo de Veloz, vizinho da ilha de La Palma, que teria apresentado o seu invento em 1515 na ilha de S. Domingos; David Ferreira Gouveia apresenta esta evolução como resultado do invento do madeirense Diogo de Teive, patenteado em 1452. Outros apontam para a sua origem chinesa.[...] (Vieira, 1993, p. 09). Pg 05 - Reformas no beneficiamento do açúcar no final do século XVIII por Jerônimo Vieira de Abreu. REIS - Alexander Lima.***

***A moenda de mós de pedra, utilizada durante o século XI era construída a partir de um grande disco de pedra com aproximadamente seis pés de diâmetro e peso superior a cem quilos, que na posição vertical, rolava circularmente sobre um piso esmagando a cana-de-açúcar, ou outra matéria prima. Sua principal aplicação durante toda a Idade Média foi na maceração de especiarias originadas das índias e de maçãs para fabricação de cidra. Como complemento a esse processo de maceração, uma prensagem era necessária para melhorar a eficiência de extração (NEEDHAM, 1996, p. 292).pg 06 - OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS – PIACENTE, Fabrício José***

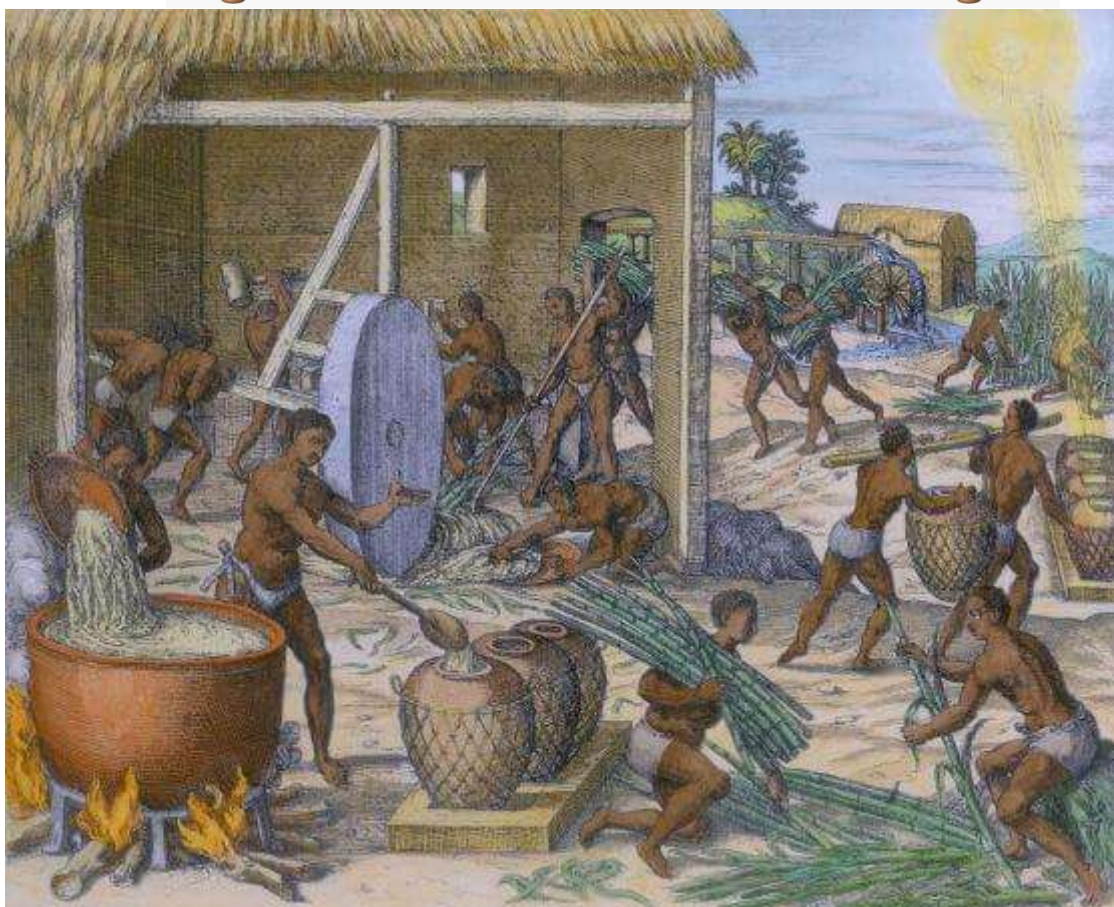
***número de bocas dos fornos, mas, nesse caso, a estrutura dos mesmos não seria individual, possibilitando assim, abrigar um número maior de tachos e caldeiras, pois, como se viu, o número total de “vasos”, entre tachos e caldeiras, era de dez, mesma quantidade informada por Antonil como necessária para um engenho de grande porte (ANTONIL, 2001, p. 156- 157).***

pg105. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***O emprego de moinhos de pedra seguido da prensagem para o processamento da cana-de-açúcar expandiu-se rapidamente durante todo o ciclo dessa cultura no Mediterrâneo, nas colônias portuguesas do Atlântico (Madeira, Açores, São Tomé e Cabo Verde) e posteriormente na América até início do século XVII quando foi definitivamente substituída pelas primeiras moendas de cilíndrico. Quanto ao seu emprego na América, GALLOWAY (1989, p. 37) destaca a adaptação para o emprego de força motriz animal, tanto no esmagamento de cana-de-açúcar quanto no processamento de minérios e fabricação de pólvora. pg 06 - OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS – PIACENTE, Fabrício José***



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

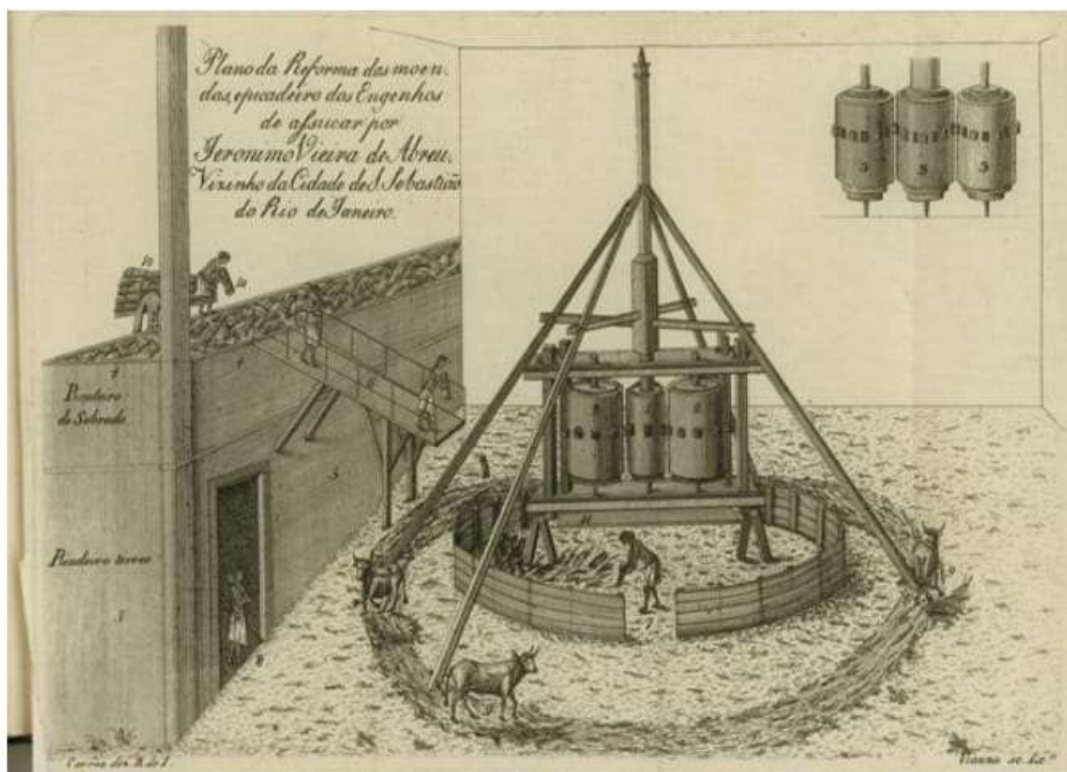


Emprego das moendas de mós de pedra no processamento da cana-de-açúcar. Fonte: GAMA (1979, 104)

- Além do mais, declara que os engenhos do século XV e XVI funcionavam com dois cilindros e a partir do século XVII foi inserido mais um cilindro para dinamizar a produção. Pg 05 - Reformas no beneficiamento do açúcar no final do século XVIII por Jerônimo Vieira de Abreu. REIS - Alexander Lima. Esses cilindros eram Verticais.
- A reforma dos engenhos e das fornalhas ocorreu na década de 1780 e os senhores de engenho puderam testemunhar e fazer uso da nova forma de produzir açúcar. Pg 06 - Reformas no beneficiamento do açúcar no final do século XVIII por Jerônimo Vieira de Abreu. REIS - Alexander Lima. Introduzido 3 cilindros **verticais**, o que aumentou muito a produção de açúcar, provocando uma revolução para a época.

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Engenho de Gerônimo Vieira de Abreu no Rio de Janeiro - [https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1545081210\\_ARQUIVO\\_Reis,AlexanderL.ReformasnobeneficiamentodoacucarnofinaldoseculoXVIIIporJerônimoVieiradeAbreu.AnaisdaSBHC%28rev%29.pdf](https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1545081210_ARQUIVO_Reis,AlexanderL.ReformasnobeneficiamentodoacucarnofinaldoseculoXVIIIporJerônimoVieiradeAbreu.AnaisdaSBHC%28rev%29.pdf)

***Jerônimo Vieira de Abreu foi esquecido pela posteridade, mas reconhecido por muitos que estiveram na cidade do Rio de Janeiro daquele tempo. A reforma dos engenhos e das fornalhas ocorreu na década de 1780 e os senhores de engenho puderam testemunhar e fazer uso da nova forma de produzir açúcar. A maior parte das testemunhas que participaram da inquirição diante do juiz de fora era senhor de engenho. Por isso, optou-se por analisar esta seção do processo, por conter informações importantes dos próprios produtores do açúcar fluminense.*** Reformas no beneficiamento do açúcar no final do século XVIII por Jerônimo Vieira de Abreu. REIS, Alexander Lima. Pg 06.

## Introdução de 3 cilindros horizontais

***A utilização de novos tipos de moenda, com a de três rolos horizontais, movida a água ou animais, somente no século 19.*** - pg 162 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***A moenda de três rolos horizontais, dispostos como vértices de triângulo, rompeu esse condicionamento antropomórfico. Inventada em 1754, por***



**John Someaton, segundo Noel Deerr, sua fabricação em série começou em 1794, na Inglaterra. Seu uso, no Brasil, era aconselhado já em 1800 por frei José Mariano da Conceição Veloso... Essas moendas foram bastante usadas no Brasil no século 19.** pg 165/166 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

**“... e não sabem os Mestres o que fizeram, senão dois meses depois”.**  
pg 168 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.  
Basta um limão para sabotar e colocar toda a produção a perder.

**Depois de extraído o caldo, o mesmo era levado para as caldeiras. Segundo Marcis, existiam em Santana, cerca de quatro caldeiras de ferro e quatro tachas de cobre. Esse trabalho era fiscalizado pelo “mestre-de-açúcar”, como era uma atividade que exigia certa especialização, muitas vezes se recorria a trabalhadores livres ou escravos crioulos. Sobre esse trabalho no engenho, a autora nos informa. “Ele fiscalizava a fervura nas caldeiras e purificava o caldo, colocando cinzas e mandando retirar a espuma que se formava. Algumas mãos a mais de cinza ou se a espuma não fosse retirada, por descuido ou boicote, todo o conteúdo da caldeira ficaria arruinado.[...] Depois de pronto, era ainda batido e então colocado em recipientes de barro ou formas. As formas, feitas de argila em forma de sino com um pequeno furo na parte inferior, eram produzidas na olaria do Santana.”**  
(MARCIS, 2013, p.303), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação

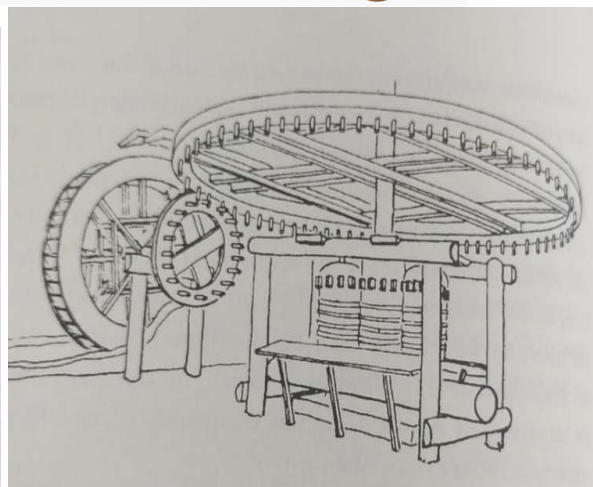
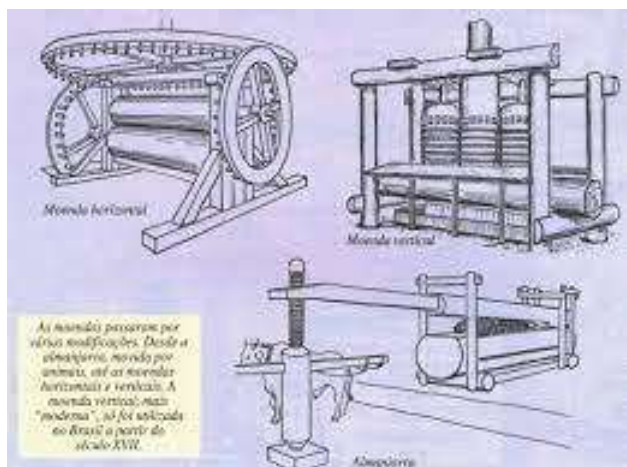
**Disponha além do engenho de assucar, máquinas para beneficiar arrôes e algodão, todas movidas a água, concertadas e melhoradas pouco antes da visita do príncipe, por um inglês que as dotara de rodas horizontaes.”** Pg 247  
– A Capitania de Ilhéus – A Bahia e as Capitânicas do Centro do Brasil (1530-1626) – PRADO - J.F. de Almeida

**A implantação de 3 rolos horizontais seria uma grande modernização, aumentando muito a produção, provocando uma verdadeira revolução para a época. Os 3 eixos horizontais já tinham sido introduzidos no Engenho de Santana antes de 1815, registrado pelo o príncipe Wied Neuwied, em sua viagem. Tal introdução e modernização no Engenho de Santana, teria sido feita por Felisberto Caldeira Brant, o futuro Marques de Barbacena. (N.O)**

**Acredito que outras modernizações ocorreram como a serra a vapor, quando Accioli esteve no engenho ou por Felisberto, visto que Accioli introduziu em um engenho de seu cunhado em Itaparica e o Engenho de Santana era grande produtor de madeira. (N.O)**

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

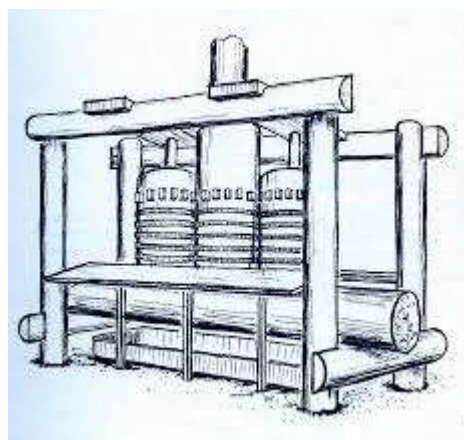


Moenda vertical

[http://www.ambientesquimicos.eq.ufri.br/Nosso\\_ambito\\_1\\_files/2004AZ-SNCTPR5-UFRJT-OEngenhoRealdeAcucardoBrasilColonial.pdf](http://www.ambientesquimicos.eq.ufri.br/Nosso_ambito_1_files/2004AZ-SNCTPR5-UFRJT-OEngenhoRealdeAcucardoBrasilColonial.pdf)

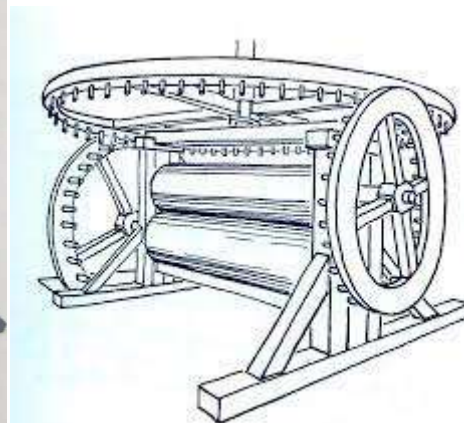


Moenda vertical - <https://martaiansen.blogspot.com/2014/11/acidentes-de-trabalho-nos-engenhos-do-brasil-colonial.html>

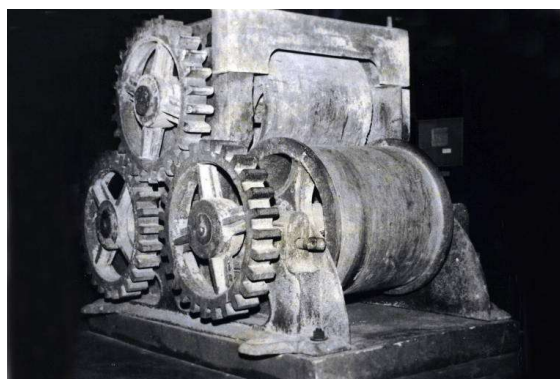


[http://www.ambientesquimicos.eq.ufri.br/Nosso\\_ambito\\_1\\_files/2004AZ-SNCTPR5-UFRJT-OEngenhoRealdeAcucardoBrasilColonial.pdf](http://www.ambientesquimicos.eq.ufri.br/Nosso_ambito_1_files/2004AZ-SNCTPR5-UFRJT-OEngenhoRealdeAcucardoBrasilColonial.pdf)

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Moenda horizontal - FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e poder, o mundo dos engenhos no Nordeste colonial, pg .150 e 152



<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/a-historia-e-a-seguinte/2022/03/em-busca-da-moenda-perdida.shtml>

***A cana devia ser repassada – pg 165 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. Para aumentar a produção, por isso a moenda de 3 eixos vertical, para evitar mais mão-de-obra no repasse.***

Sobre moendas - Pg 206 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Uma escrava (ou duas) para retirar o bagaço, jogando-o no rio ou na bagaceira para ser queimado. - Pg 208 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.***

***Na cozinha, apenas uma mulher trabalhava: a calcanha. Sua obrigação era varrer, acender caldeira, tirar as escumas do seu parol e retomá-las à caldeira, para processamento. - Pg 208 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.***



***Havia então necessidade, por turno, caso se tratasse de engenho d'água, de 12 a 16 escravas (na caldeira).*** - Pg 208 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Segundo o Irmão Manuel da Costa, em 1674, a casa das caldeiras era de pedra e cal e no seu interior havia “duas fornalhas com duas caldeiras” e mais “duas fornalhas com sete tachos [...] uma com quatro e outra com três”. Somava-se, ainda, uma caldeira de melado e um tacho que servia de bacia, além de outro para esquentar a água da decoada (ANTT, CJ, 54).*** Pg 105- Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana – DIAS, Marcelo Henrique

***O padre Pedro Teixeira, por sua vez, informava, em 1731, que a casa do engenho, a das caldeiras e a de purgar, todas contíguas, tinham a medida de um terço do corredor do convento de Santo Antônio (ANTT, CJ, 15: 23).*** pg106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique

## Fornalha

***“eram as fornalhas, porém, o verdadeiro inferno dos engenhos: “bocas verdadeiramente tragadores de matts, cárcere de fogo & fumo perpetuo, & viva imagem de Vulcões, Vesúvios & Etnas & quasi disse do purgatório ou do inferno”. Citado por Antonil*** - Pg 209 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Escravos “com pouca ou nenhuma esperança de emenda” ou com sífilis ou gonorreia eram os destacados para as fornalhas.*** Pg 210– FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Os engenhos de grande porte possuíam seis fornalhas, devendo cada uma ter um escravo “metedor”.*** Pg 210 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***“No engenho o trabalho foi castigo perpétuo, sem remissão nem troca”.*** Citando Foucault. Pg 210 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

# SALA SILVA CAMPOS

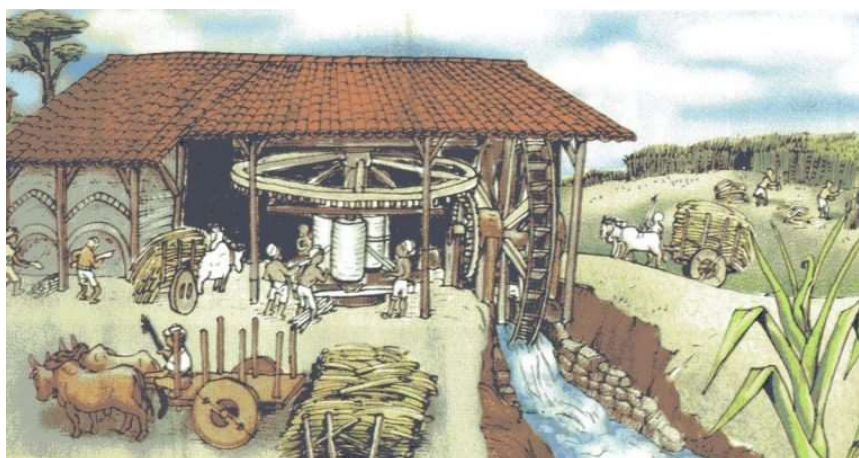
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***Apenas punia escravos não recriava trabalhadores, tão somente os consumia.*** Pg 211 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***“... o fogo dista só cinco palmos do fundo do tachos, as fornalhas antigas no chão, com distancia de dez palmos de alto”... requeria um carro de lenha por hora.*** pg 170– FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***É notável a penúria que os cativos passavam nas atividades que perpassavam pela casa das fornalhas, um dos trabalhos que seriam considerados como os mais desagradáveis ao ponto de servirem de castigo para os escravos que tentaram cometer fuga ou demais delitos. No caso do Santana, provavelmente havia pelo menos quatro caldeiras feitas de ferro e o mesmo número de tachas de cobre, sendo que os escravos requeriam a presença de um “botador de fogo” em cada uma das caldeiras, além de outros nas fornalhas para aquecerem as “taxas”.*** pg 111 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Na descrição de Antonil, as fornalhas seriam: [...] bocas verdadeiramente tragadoras de matos, cárcere de fogo e fumo perpétuo e viva imagem dos vulcões, Vesúvios e Etnas e quase disse, do Purgatório ou do Inferno. Nem faltavam perto destas fornalhas seus condenados, que são os escravos boubentos e os que têm corrimentos, obrigados a esta penosa assistência para purgarem com suor violento os humores gálicos de que têm cheios seus corpos. Vêm-se aí, também, outros escravos, facinorosos, que, presos em compridas e grossas correntes de ferro, pagam neste trabalhoso exercício os repetidos excessos da sua extraordinária maldade, com pouca ou nenhuma esperança da emenda.*** pg 111 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

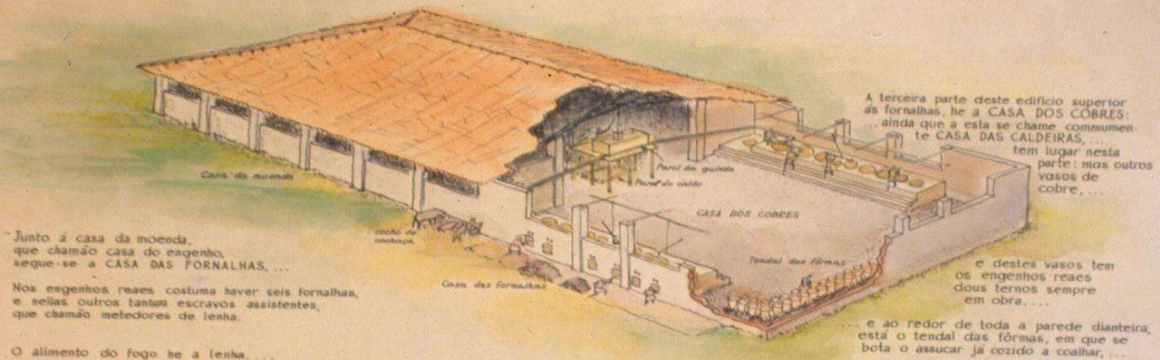


Veja a esquerda a fornalha - <https://www.bviwmais.com/2021/11/24/dias-de-engenho/>

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## DE COMO SE FAZ O ASSUCAR



Junto à casa da moenda, que chamão casa do engenho, segue-se a CASA DAS FORNALHAS, ...

Nos engenhos reais costuma haver seis fornalhas, e neilas outros tantos escravos assistentes, que chamão metedores de lenha.

O alimento do fogo he a lenha, ...

A terceira parte deste edificio superior das fornalhas, he a CASA DOS COBRES: ainda que a esta se chame commummente a CASA DAS CALDEIRAS, ...

tem lugar nesta parte: nos outros vasos de cobre, ...

e destes vasos tem os engenhos reais dous ternos sempre em obra, ...

... e ao redor de toda a parede dianteira, esta o tendal das fôrmas, em que se bota o assucar ja cozido a coilhar, ...

O primeiro aparelho da lenha, para se bolar fogo a fornalha chama-se armaz.

Consta um terno, ou ordem de cobres, (asse do parol do caldo, e do parol da quinta - na casa da moenda), de duas caldeiras - de hum parol de escuma, de hum parol do melado, de outro de coar: de hum terno de taxas, que são quatro, ...



**ARMAR** - e isto vem a ser empurrar rolos, e estendê-los ao lastro



(o que se faz com varas grandes - que chamão trasfogueiros), e sobre elles cruzar travessos, e lenha miuda, ...



A cinza das fornalhas serve para fazer a DECOADA: e esta para alimpar ao caldo nas caldeiras, e para que sala o assucar mais forte. Para isso arrasta-se a cinza e borralho e se leva para o cinzeiro, ...



e assim quente se põe nas tinhas, Ah! se lhe bota agua que está ferveendo, ...



... e coando esta agua pela cinza, cobra o nome de Decoada e vai cahir nas fôrmas, enterradas, ... e dahi se passa para a casa das caldeiras, acode se reparte pelas fôrmas, postas entre as caldeiras, ...



**GUINDANDO-SE** o caldo para o parol da quinta, dahi vai por huma bica e cahe na caldeira do meio, para nella ferver, e botar fora a immundicia, com que vem da moenda, que chamão cachaça, ...



**REPASSAR** - A segunda escuma se guarda, e cahe para o parol da escuma: e dahi com cubo e taxo torna a bota-lo a negra calcanha na mesma caldeira, ... e vai por huma bica de péo (a que chamão viola), ...



**AJUDAR** - Sahida a primeira escuma, começo os caldeireiros com escumadeiras a escumar o caldo, e ajuda-lo: com decoada e agua, ...



E tanto que o caldo apparece bem limpo, com huma pomba grande, o botão na segunda caldeira. A escuma vai ao parol da escuma, ...



na laxa de bater, se mexe com huma bateleira, e bate-se, para se não queimar



e quando o tem bem batido, e com bastante cozimento, o levantão sobre a taxa ao alto, e a lão chamado DESAFOGAR. Antes de passar o melado para as fôrmas, ainda na taxa de bater, se hãdo ajustar o cozimento ás temporadas.



**TEMPERAS** - E tres são ellas, e entre si diferentes, e cada huma leva cozimento diverso. Este beneficio he tão necessario, que sem elle o assucar posto nas fôrmas, não se poderia depois branquear, e purgar.



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

Casa de Purgar



Formas de barro - [https://slowfoodbrasil.org/arca\\_do\\_gosto/acucar-purgado/](https://slowfoodbrasil.org/arca_do_gosto/acucar-purgado/)

***Segundo Antonil, era-lhe necessário conhecer a qualidade do barro para entaipar as formas, o tempo certo de o açúcar escorrer antes de colocar o primeiro barro.*** Pg 197 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Quatro mulheres, assistidas pelo purgador ou pelo mestre-de-açúcar, cuidavam de vigiar a purga, furar, barrear, molhar, tornar a barrear, molhar seguidamente, cerca de 800 formas de açúcar por dia.*** Pg 211 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Após esse processo, eram transferidas para a casa de purgar, onde ficavam em processo de purgação por uma média de 30 dias. No final, a forma era quebrada e as pedras de açúcar eram separadas pela qualidade e brancura.*** SANTOS, Dagson, Dissertação

***Algumas escravas assumiam o trabalho da casa de purgar, onde o melado, depois de cozido nas caldeiras, era armazenado dentro de vasos de barro para branquear. Os vasos tinham a forma de sino, com um furo na extremidade por onde escoar- Acondicionando o açúcar na casa de purgar.***

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*Na casa de purgar, o açúcar ficava em repouso durante um mês recebendo alguns cuidados.* MARCIS, Teresinha, 2000, pg 47 – Viagem ao Engenho de Santana



Universidade de Aveiro – Formas de pão de açúcar

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<https://www.flickr.com/photos/yvonnecarvalho/17903640953>

***Quantas formas, quanto barro para fazer as formas e de complemento para barrear as mesmas? O barro tinha que ser de boa qualidade. (N.O)***

- 1659 - No Santana, no ano de 1659, o padre Felipe Franco havia encontrado a casa de purgar destruída quando chegara ao Engenho... - Construiu, assim, uma casa de purgar provisória, de taipa de mão coberta por palhas, com a capacidade para 1200 pães de açúcar... No ano de 1660, o mesmo padre afirmara estar construindo a casa de purgar definitiva, com a expectativa de deixá-la capaz de produzir 2000 pães de açúcar (ANTT, CJ, 68: 307). pg105. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Formas de pão de açúcar, Museu do Homem do Nordeste - <https://blog.madeira.best/a-cana-de-acucar-e-a-ilha-da-madeira>

*Havia também outros cômodos que se adequavam à função de dormitório do mestre de açúcar e do feitor. Essa opção visava manter a vigília do preparo do açúcar e evitar os frequentes furtos supostamente creditados aos escravizados. Esse mesmo motivo incitou o padre Antônio Fernandes, em 1736, a fazer algumas alterações no prédio, construindo outro quarto “junto donde se faz o açúcar para dormir no tempo da safra” (ANTT, CJ, 71: 128). pg107. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.*

SALA  
**SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Formas de purgar o açúcar de metal, provavelmente do Século XX, e tachos de produção do açúcar. Tachos cravejados característicos do século XVI

[https://slowfoodbrasil.org/arca\\_do\\_gosto/acucar-purgado/](https://slowfoodbrasil.org/arca_do_gosto/acucar-purgado/)

***Mas só no final do século 18 há notícias do uso de formas de madeira*** - pg 180- FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.



## Olaria

*A olaria do Engenho de Santa ficava do outro lado do rio e da Casa dos Jesuítas daria para ver a mesma.*

*1659 - Uma última estrutura de produção da qual se encontram evidências nas fontes textuais é a olaria. O irmão Felipe Franco, em 1659, pedia aos superiores que mandassem um oleiro da cidade da Bahia (Salvador) para trabalhar no Engenho e conter gastos com a compra de tijolos, telhas e formas. A única indicação da existência da olaria nessa carta é esse pedido, não informando se havia um edifício específico para a ela, nem tampouco a sua localização (ANTT, CJ, 68: 306). Já o inventário feito por Manuel da Costa, em 1676, traz informações mais precisas; segundo o irmão, o forno da olaria era coberto de telha, e a estrutura da mesma era de madeira, coberta por palha (ANTT, CJ, 54: 7). A olaria recebeu mais atenção na carta de Jerônimo da Gama (1753), que a reconstruiu e acrescentou mais 50 palmos de comprimento (equivalente a 11 m), juntamente com “um calcadouro para amassar barro com éguas e vacas”. Acrescentava, ainda, que aquela era obra que nunca havia sido feita: “uma casa particular para fazer louça; outra para um branco, que faz telha, dando-lhe eu a terça parte [...]” Para “abreviar o serviço”, abriu também um poço “bem ao pé da oficina” (ANTT, CJ, 54: 22). O missionário também indica a localização do prédio: em frente ao Engenho, do outro lado do rio. A propósito, Antonil aconselhava que o senhor que tivesse renda o suficiente e mangues à disposição construísse uma olaria em seu engenho, pois assim pouparia gastos com telhas, blocos e formas; mas também alertava para se preservar os mangues, pois era a fonte certa de alimentação dos escravos (ANTONIL, 2001, p. 109). DIAS, Marcelo Henrique, pg.110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.*

- Relatório do confisco dos bens dos jesuítas em 1759, quando de sua expulsão:

Uma casa de olaria formada [...] cheios de madeira, coberta de telha com dez braças e três palmos de comprido e com duas braças e oito palmos de largo.

Um forno de coser louça, telha e tijolo [...]

(ARQUIVO ULTRAMARINO, CAIXA 14, MAÇO 4927, DOC. 4947-4948 apud MARCIS, 2013, p.285), citado por SANTOS, Dagson, Dissertação, 2018

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Cerâmicas antigas da Olaria do Engenho de Santana



Cerâmicas encontradas na Olaria, a primeira provavelmente século XVII e a última XVI

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Tijolo da época do engenho, com as digitais dos escravos, encontrados na comunidade, o segundo parece um piso

***O irmão Felipe Franco, em 1659, pedia aos superiores que mandassem um oleiro da cidade da Bahia (Salvador) para trabalhar no Engenho e conter gastos com a compra de tijolos, telhas e formas.*** pg110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

- 1676 - o inventário feito por Manuel da Costa, traz informações mais precisas; segundo o irmão, o forno da olaria era coberto de telha, e a estrutura da mesma era de madeira, coberta por palha (ANTT, CJ, 54: 7). pg110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***- A olaria recebeu mais atenção na carta de Jerônimo da Gama (1753), que a reconstruiu e acrescentou mais 50 palmos de comprimento (equivalente a 11 m), juntamente com “um calçadouro para amassar barro com éguas e vacas”. Acrescentava, ainda, que aquela era obra que nunca havia sido feita: “uma casa particular para fazer louça; outra para um branco, que faz telha, dando-lhe eu a terça parte.*** pg110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

### Utensílios domésticos

- Potes, talhas, panelas de barro, louças, gamelas, pilão manual, .... que eram produzidos dentro do engenho e até mesmo exportados. (N.O)





## Balcão de Secar e Mascavar

***No balcão de secar, mascavar e pesar atendiam cerca de doze mulheres. Duas delas eram mais experientes e separavam, com cuidado, a parte mascavada da branca.*** Pg 211 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Anualmente se comprava escravos africanos para substituir os mortos, acidentados, fugitivos e velhos ou para aumentar a produção, pois passou a ser proibido a escravização dos índios. “Isto é, o comércio de escravos passava a ser compreendido como maneira de conversão e introdução dos gentios africanos à Europa cristã, algo presente na mentalidade europeia desde a bula Romanus Pontifex de 1455.*** Pg134 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

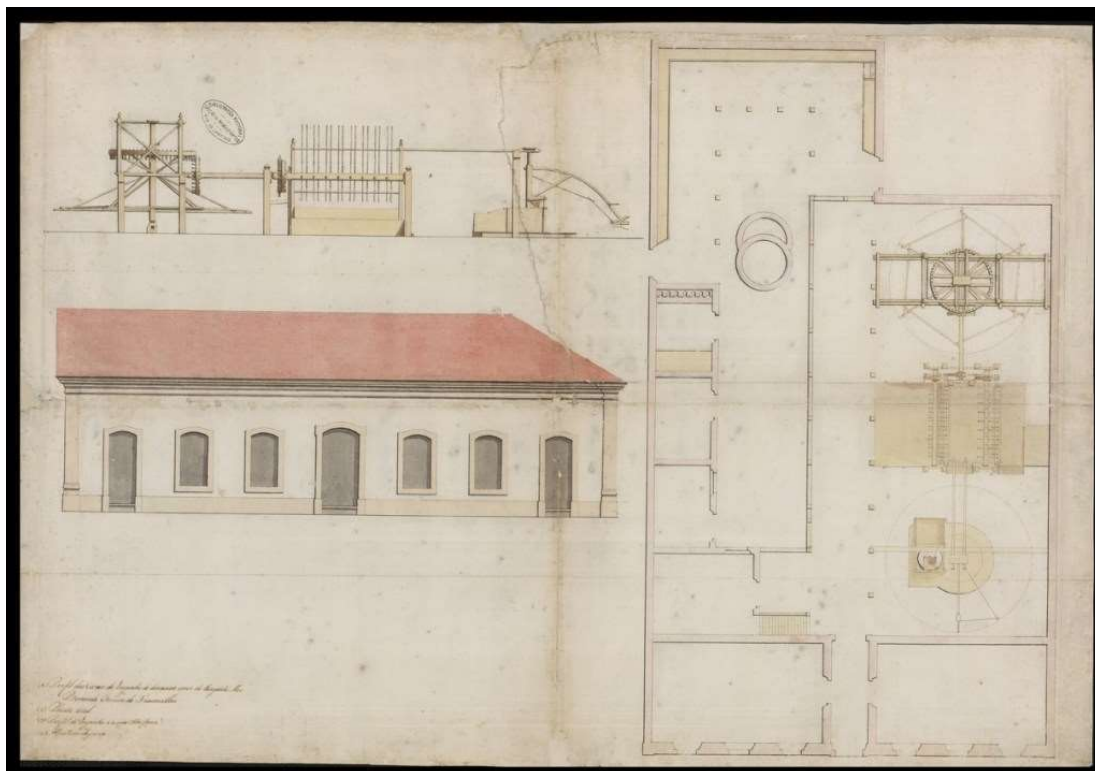
***Pode entender que a Revolta de 1789 no Engenho de Santana foi fruto do rompimento das tradições e relações de trabalho pré-estabelecidas pelos jesuítas, e, que novas relações de trabalho, mais duras e sem muitas flexibilidades, foram implementadas pelo novo proprietário do Engenho, Manoel da Silva Ferreira, rompendo com o modelo implantado e mantido pelos jesuítas por 141 anos, entre 1618-1759? Acredito que sim.*** (N.O)

***- os africanos escravizados recém chegados eram batizados e levados para a venda.*** Pg137 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***“a Igreja era vista como uma instância que poderia prestar certo auxílio nas contendas que surgiam no vínculo senhor/escravo”*** — Pg135 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

Descaroçador de Algodão a base de água



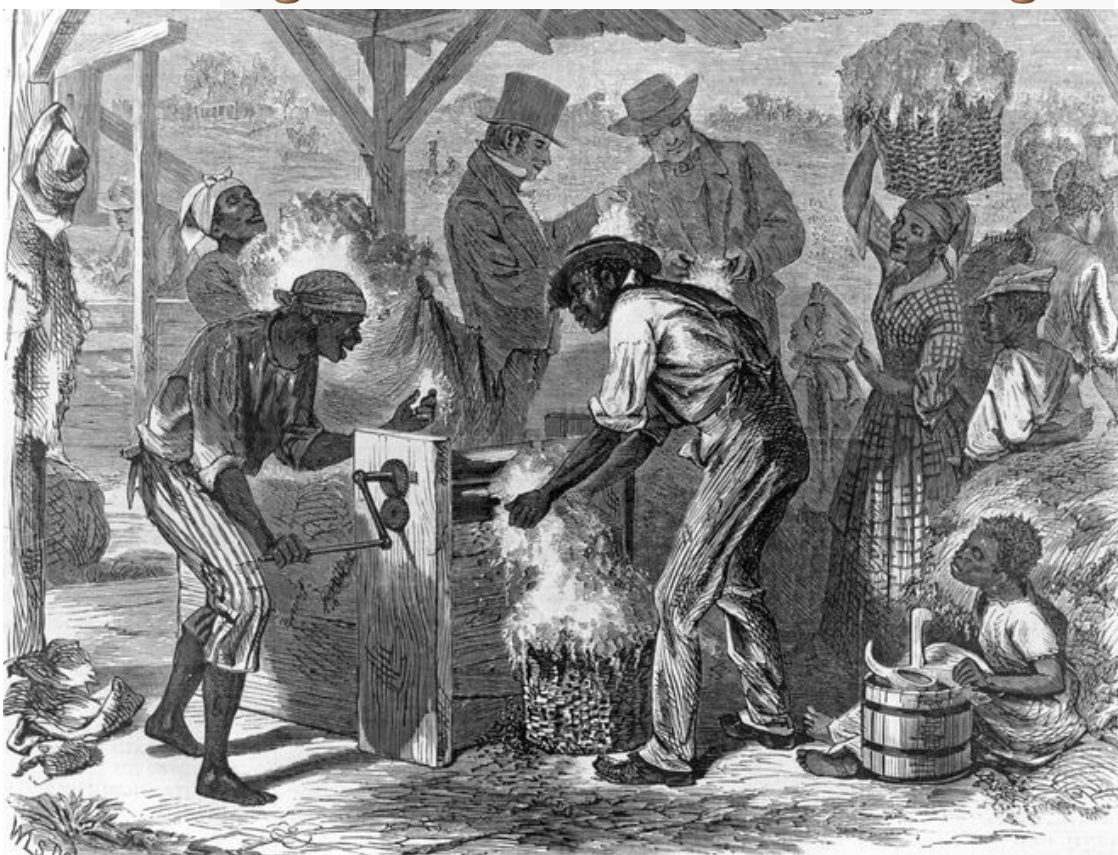
Planta do engenho de descascar arroz do Sargento-mor Bernardo Toscano de Vasconcelos. (Fundação Bibioteca Nacional)



<https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/o-tecido-de-algodao/>

# SALA SILVA CAMPOS

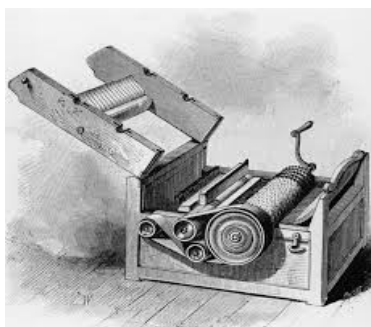
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<https://delphipages.live/pt/tecnologia/agricultura-e-tecnologia-agricola/cotton-gin>

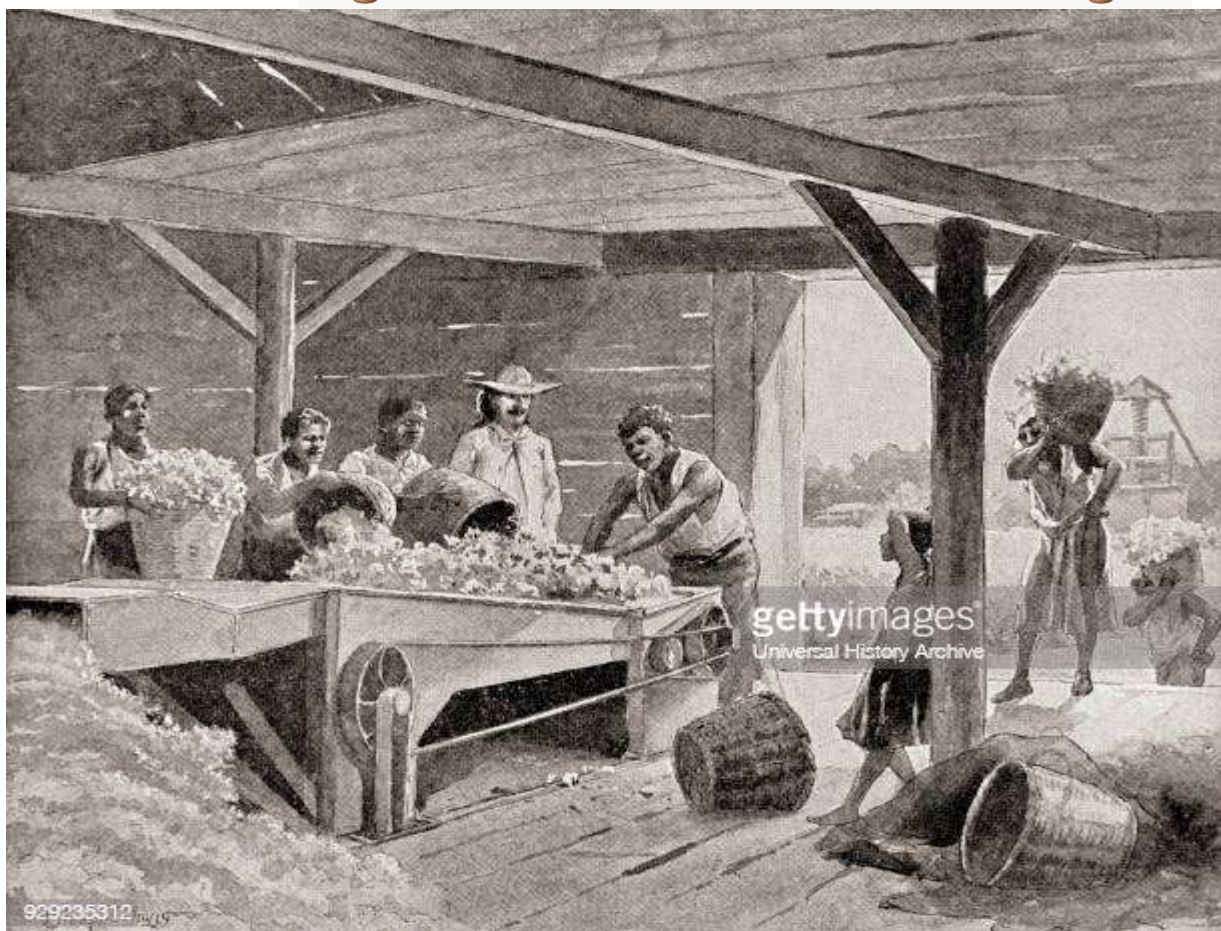


<https://profgabrieldutrahistoria.wordpress.com/2018/06/08/descaroçador-de-algodao/>



<https://br.pinterest.com/pin/609534130807465626/>

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



*havia máquina para beneficiar arroz e algodão, movidos à água, um alambique e 3 tachos.* pg 55 – ANDRADE – Marcelo Loyola – Nos Labirintos da Liberdade

*No Engenho de Santana, os jesuítas costumavam distribuir na Páscoa. Cada escravo recebia uma medida de tecido grosseiro de fio cru e as mulheres um tecido de algodão rústico para fazerem saias* (SCHARWITZ, 1988, p. 125)

- 1815 – Só a fazenda Santa Maria, pertencente ao futuro marquês de Barbacena, merecia menção, escreve o príncipe (**Wied Neuwied**), com seus 270 negros, o que no tempo representava uma fortuna, a se estender por 20 léguas. Dispunha além do engenho de assucar, máquinas para beneficiar arrôes e algodão, todas movidas a água, concertadas e melhoradas pouco antes da visita do príncipe, por um inglês que as dotara de rodas horizontais.” Pg 247 – A Capitania de Ilhéus – A Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil (1530-1626) – PRADO - J.F. de Almeida

*Na viagem de Spix e Martius trabalhavam 260 escravos e produzia 9.000 a 10.000 arrobas de açúcar além de mantimentos e um pouco de algodão, conhecido como Engenho de Santa Maria, estiveram em Ilhéus em 1818 –* pg – 05 - BRITO – Raymundo de Souza, O Livro de Ilhéus, Colaboração do Município para o progresso geral do Estado da Bahia

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## Arroz



***Alguns autores apontam o Brasil como o primeiro país a cultivar esse cereal no continente americano. O arroz era o milho d'água, que os tupis, muito antes da chegada dos portugueses, já colhiam nos alagados sem sequer sair do barco. (N.O.)***

***O arroz da espécie Oriza Sativa, foi trazido pelos colonizadores portugueses. Em 1587, lavouras arrozeiras já existiam na Bahia, por volta de 1745 no Maranhão, em 1750 em Pernambuco e em 1772 no Pará. O arroz era descascado com pilão, ficando com uma cor avermelhada, sendo por isso chamado "arroz da terra".***

***Em 1766, a Coroa Portuguesa autorizou a instalação da primeira beneficiadora de arroz no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. A prática da orizicultura de forma organizada e racional começou em meados do sec. XVIII e, daquela época até metade do sec. XIX o Brasil foi um grande exportador de arroz.***

<http://www.coradini.com.br/website/conteudo/default.asp?CodArea=170&CodSecao=70>

SALA  
**SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<https://www.mundoecologia.com.br/plantas/historia-do-arroz-e-sua-origem/>



<https://bizzarripedras.blogspot.com/2017/02/construcao-lagos-com-construcao-de.html>. Monjolo, com roda d'água ao fundo, eram movidos a força da água. O monjolo descascava arroz.

## SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Monjolo comum, na pintura de Alfredo Norfini.

- 1730 – O arroz passou a ser cultivado – MARCIS, Teresinha, 2000, pg 59. Viagem ao Engenho de Santana.

- O arroz passou a ser prioridade no Engenho de Santana nesse período, como forma de atender aos escravos e comercializar, com troca por escravos e outras mercadorias. (N.O.)

***"Podemos plantar nosso arroz onde quisermos, em qualquer brejo (...)", já que o acesso à terra para fazer roças era dificultado, pois os canaviais ocupavam a maioria das terras agricultáveis. - e "uma barca grande" para que pudessem transportar também os seus produtos até a Bahia (Salvador), sem pagar frete.*** pg 57. Marcis, Teresinha, Viagem ao Engenho Santana.

- **No próprio Tratado de Paz, os rebelados reivindicam plantar o arroz onde quisessem. (N.O.)**

- 1815 –**havia máquina para beneficiar arroz e algodão, movidos à água, um alambique e 3 tachos.** pg 55 – ANDRADE – Marcelo Loyola – Nos Labirintos da Liberdade

***o pilão de apiloar arroz: "todas três moem com a mesma água, mas com diversas rodas". (ANTT, CJ, 15: 23). Todos aqueles engenhos, incluindo o engenho de cana-de-açúcar, operavam, portanto, com a força motriz da água de um único "aqueduto", ou seja, uma única canaleta de levada de água.*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.108. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***arroz, farinha-de-mandioca, feijão, aguardente e pescado para suprir o mercado interno. Por conta dessa característica, é importante esclarecer que a denominação Engenho de Santana se refere ao complexo produtivo envolvido na sesmaria, que incluía diferentes lavouras e maquinarias destinadas a processar não somente a cana, mas a mandioca, o arroz e as madeiras (SOARES, 2009, 63-64; 75). Noutro sentido, o termo engenho, quando usado pontualmente, se refere ao maquinário específico utilizado nas diferentes oficinas.*** Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100.



## Horários do Engenho

- *"No Engenho Santana, os cativos levantavam-se por volta de cinco horas da manhã e faziam as orações matinais antes de seguirem para o campo". (SCHWARTZ, 1988, pg 128),* citado por Marcis, Teresinha, pg 55. Viagem ao Engenho de Santana

## PERÍODO DE MANOEL DA SILVA FERREIRA – Comerciante – 1770 – 1810

*A venda do Engenho de Santa, só ocorreu em 1770, 11 anos após a expulsão dos jesuítas do engenho e do Brasil. Introduziu alguns modelos de produção mais arrojados, devido a sua visão de comerciante, porém não se consolidou devido a dívida que contraiu com a aquisição do engenho, bem como com os "prejuízos" advindos da paralização de dois anos do engenho devido a Revolta de 1789. (N.O.)*

- 1770 - Com a expulsão dos jesuítas em 1760 - *"o engenho foi então arrematado por Manuel da Silva Ferreira que, em 1810, o repassou ao Brigadeiro Felisberto Caldeira Brant, o Marquês de Barbacena. Em 1834, o Marquês negociou as terras do engenho com Sá Bittencourt e Câmara que manteve a posse até sua morte, em 1896"* (MARCIS, 2000, p.284).

- 1770 – Manoel da Silva Ferreira, comprou o Engenho de Santana em 1770 e a ampliação operacional seria evidente, chegando a ter 300 escravizados e um nível de meia tonelada de açúcar produzido anualmente por cada trabalhador escravizado.

- 1770 - Por meio de sua boa aventura nos negócios feitos na América portuguesa, chegou a ocupar cargos na colônia, como o de Provedor da Casa da Moeda da Bahia, em 1756, além de um cargo anterior a esse, o de guarda-mor da Relação da Bahia. A vista disso, é perceptível que, mesmo não vindo das elites da terra, Manoel conseguiu obter um crescimento e reconhecimento significativos na sociedade baiana dos setecentos. Quando adquiriu o engenho Santana no ano de 1770... O fato de ser de uma origem mercantil pode ter influenciado seu modo de administrar o engenho do sul de Ilhéus, levando a uma maior ênfase na lucratividade e ganhos no comércio transatlântico do chamado renascimento agrícola do século XVIII. Pg159

- Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

- 1770 – 1810 – Manoel da Silva Ferreira, comprou o Engenho de Santana em 1770 e vendeu em 1810, ou seja, manteve o controle do engenho por 40 anos. De origem de comerciantes, sem muita experiência no trato com a terra e com o trato e negociações e disputas com escravos de engenho, Manoel teve seu primeiro levante 19 anos depois da compra. Em pleno "Renascimento Agrícola" do século XVIII, um renascimento e melhoria acentuado da agricultura, com o aumento do preço do açúcar e a necessidade de aumentar a produção e o surgimento de outros produtos. (N.O.)

- 1770-1782 – Volta a florescer a economia açucareira - pg 128 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. Revolta no Caribe e Guerra de Independência.





## Renascimento Agrícola Brasileiro – 1780-1830

*“renascimento agrícola brasileiro”, fenômeno que poderia ser melhor enquadrado nos anos de 1780 até 1830. Uma série de eventos históricos contribuíram para o retorno do crescimento das exportações da América portuguesa: o fim do comércio inglês do tabaco, ocasionado pela revolução dos EUA; a destruição das lavouras de São Domingos durante a revolução haitiana (1791-1803); os conflitos marítimos entre ingleses e franceses; a ascensão da indústria inglesa nos finais do mil e setecentos; entre outros acontecimentos que levaram à uma guinada da venda de víveres como o açúcar, tabaco e couro – os tradicionais produtos brasileiros de exportação – mas também preparando o caminho para a entrada de novas mercadorias no comércio transcontinental, como o café, o algodão, o cacau e o anil, produtos que começaram a principiar uma posição de destaque nas exportações. Segundo Schwartz, os produtos brasileiros perfaziam 60% das exportações portuguesas para a Europa, a América do Norte e o Norte da África, durante o ano de 1800, proporcionando uma balança comercial favorável com seus parceiros econômicos. No entanto, o contrabando entre Brasil e Inglaterra conduziu a uma diminuição da demanda dos produtos manufaturados portugueses, criando um déficit nos pagamentos que Portugal obtinha de sua colônia. Tendo em vista a realidade do cotidiano da América portuguesa, houve o crescimento da economia interna, beneficiado pelo desenvolvimento da integração regional e intensificando aquilo que poderíamos chamar de um mercado nacional. A população rural livre, os roceiros, tiveram um maior destaque nesse cenário econômico. De forma simultânea, se desenvolvia lado a lado do comércio voltado para a exportação, enquanto o segundo alimentava o comércio internacional o outro fornecia abastecimento para as zonas agroexportadoras. Pg39 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares*

*Em determinados momentos a agroexportação acabava sufocando a produção interna, ocasionando a escassez de alimentos. Tal evento costumava ocorrer em contextos em que ocorria a expansão da exportação, caso dos anos de 1780 a 1820. Pg45 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares*

**O “renascimento agrícola brasileiro”, aumentou a demanda por escravos para garantir o aumento da produção, aumentando conseqüentemente o tráfico negreiro. (N.O.)**



*Segundo o banco de dados do Slave trade database, observando as décadas de 80 e 90 dos setecentos, houve uma guinada da entrada de cativos pelo tráfico negreiro no ano de 1780, tendo o desembarque de 25.846 africanos escravizados na América portuguesa, sendo que obteve seu pico no ano de 1781, com 28.091 cativos desembarcados. Já no ano seguinte, teve início um pequeno declínio... Porém, no ano de 1792 retorna um crescimento significativo, com a entrada de 30.871 pessoas.* Pg39 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**Tabela 1 - Entrada de escravos nos portos brasileiros (1776-1800)**

Localidade	Localidade Embarcados em solo africano	Desembarcados no Brasil	Total
Amazônia	40.039	37.227	77.266
<b>Bahia</b>	<b>208.947</b>	<b>195.244</b>	<b>404.191</b>
Pernambuco	70.720	66.251	13.6971
Sudeste Brasileiro	259.046	237.868	496.914
Não Especificado	9.257	8.074	17.331
<b>Total</b>	<b>588.009</b>	<b>544.664</b>	<b>113.2673</b>

Fonte: Slave Voyages. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em: Agosto de 2019. Citado por PINTO, Andrey

*Em segundo lugar encontramos a Bahia, com um número de 195.244 desembarques durante esses 24 anos. Um número que representou, da mesma forma, mudanças nas tessituras sociais.* Pg42 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*Como visto até aqui, nos finais dos setecentos houve uma guinada nas exportações e, com isto, o tráfico de escravos teve um aumento significativo. A população cativa na Bahia do século XVIII estava em crescimento vertiginoso, transformando a face dos habitantes da região, uma face composta cada vez mais de africanos e descendentes de grupos originados da África.* Pg48 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*No Século XVIII, a principal área econômica do Brasil Colônia era a região mineradora e o centro administrativo que ficava no Sudeste do Brasil. Graças a força da mineração, o número de escravos e a população em geral explodiu no Brasil. O “renascimento agrícola” veio a preencher essa lacuna do aumento da população e do número de escravos, com a ativação de um forte mercado interno, com um aumento substancial da produção de gêneros alimentícios para suprir a nova realidade econômica da Colônia. (N.O.)*



- 1770- 1830 – A conjuntura favorável do açúcar prorrogou-se, pelo menos até 1830, com pequenas variações. Assim, a queda dos preços brasileiros entre 1808 e 1811 esteve relacionada a desorganização comercial provocada pela transferência da Corte Portuguesa. - pg 131/132 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

- 1790 – Revolta em São Domingos – pg 128 - FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

**Como mostrado anteriormente, os finais do século XVIII – principalmente as décadas de 80 e 90 – foi o contexto em que o “renascimento agrícola brasileiro” teve início, com a intensificação da economia agroexportadora e ocasionando a expansão do tráfico transatlântico de escravos, além de uma acentuação do trabalho de cativos africanos e crioulos. Teria ocorrido no Santana o aumento das atividades, das quotas diárias de cana, do tempo em cada tarefa e da produção do açúcar resultando em uma piora nas condições de trabalho – que já se encontravam em péssimas condições. Estes escravos, dessa maneira, buscavam o retorno das circunstâncias e condições que possuíam antes desse período de mudanças. Transformações essas que não geravam somente um agravamento da miserável vida desses cativos, mas que simbolizava a quebra de tal vínculo da chamada “reciprocidade”, que foi denunciada pelos revoltosos.** (grifo nosso) Pg157 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

## Crise e fome em Salvador em 1786

**Salvador encontrava-se em uma conjuntura tumultuada na primeira metade do ano de 1786, devido à crise de abastecimento que sua população sofria. Na data de 26 de março, do ano mencionado, o governo expediu uma correspondência tratando da situação e encaminhando algumas medidas a serem tomadas. Segundo a fonte, a escassez e má administração do processo de distribuição da farinha levava ao desenvolvimento de confrontos entre os populares. Muitos buscavam obter o gênero em grande quantidade com o receio de ocorrer a ausência total do produto nos dias seguintes, além de que alguns indivíduos costumavam revender o excedente que adquiriram na distribuição. Um cenário de total algazarra, manifestando uma massa de pessoas atropelando umas às outras em um espaço completamente abarrotado, era o que se presenciava em tais momentos de venda dos itens; sendo que aqueles que eram desprivilegiados desse processo, acabavam permanecendo famintas.** Pg35 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

**Ilhéus e o Engenho de Santana devem ter sido pressionados para aumentar muito a produção de gêneros alimentícios. O Engenho de Santana seria o maior produtor de arroz e farinha de Ilhéus, à época, deve ter**



*pressionado seus escravos para aumentar a produção, o que pode ter levado ao aumento das cotas de trabalho por escravo, gerando a insatisfação que explodiu 3 anos depois. O aumento dos preços dos produtos deve ter estimulado os escravos a reivindicar remeter barcos para Salvador com os seus produtos sem que precisassem vender para o senhor do engenho, buscado mais renda e valorização dos seus produtos. (N.O.)*

*Por este motivo, manifesta-se mister ensejar uma observação e análise de transformações sociais e econômicas de grande relevância, que ocorreram em meados da década de 80 dos setecentos. Isso possibilitará um melhor entendimento dos “porquês” e das origens de tais problemáticas que foram vivenciadas na Bahia. Para o historiador Stuart B. Schwartz, essas duas últimas décadas foram marcantes para distinguir a América portuguesa dos períodos anteriores. De certa forma, seria um divisor de águas, dado que ocorreu um crescimento e alterações na composição populacional; mudanças na infraestrutura econômica da colônia e na própria trama das relações sociais. Metamorfoses que levaram a um considerável protagonismo das populações rurais livres e do mercado nacional de gêneros alimentícios, desencadeando a amplificação da exportação. Pg38 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .*

## **Rebelião dos escravos de 1789**

*Trinta anos após a expulsão dos jesuítas do engenho, eclode uma rebelião/greve, as relações jesuítas com os escravos, estão no cerne das discussões e reivindicações. Os jesuítas que mantiveram por 141 anos o controle do Engenho de Santana, estimularam uma relação mais amistosa com os escravos, apesar de utiliza-los na inaceitável função de escravos, estimularam os casamentos, descansos nos dias santos, nos domingos, melhoria da alimentação, etc. Quando da rebelião, o Engenho de Santana contava com 300 escravos, a maioria eram nascidos no Brasil, fruto das relações de casamento, estimulado pelos jesuítas que chegaram até a ensinar a ler e escrever alguns escravos. (N.O.)*

*A tradição de rebeldia dos escravos e a baixa capacidade econômica do engenho fizeram com que houvesse dificuldades de conseguir um comprador depois que Santana foi confiscada dos jesuítas em 1759. Apenas na década de 1770 Santana foi comprada por Manoel da Silva Ferreira, que conseguiu recuperar o engenho economicamente. Por volta de 1790 havia 300 escravos. [Engenho de Santana | São Jorge dos Ilhéus \(wordpress.com\)](#)*

*No geral, há duas fontes de extrema relevância para compreender a revolta e as estratégias de luta desses sujeitos, o primeiro seria o já mencionado tratado, o segundo seria um relato do Ouvidor Geral do crime sobre os*



**motivos da prisão de Gregório Luís, indicado como um dos líderes do movimento. Ambos se encontram no arquivo público do Estado da Bahia, em "cartas ao governo 207".** pg 73 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**- O engenho é posteriormente arrematado em leilão público pelo Provedor da Casa da Moeda da Bahia, Manuel da Silva Ferreira, que não consegue fundos suficientes para efetuar o pagamento integral, permanecendo em dívida com o governo. Durante sua administração, ocorreu uma histórica luta de escravos no Brasil registrada a seguir: Em 1789, os escravos do Engenho de Santana se rebelaram, sob a liderança de um "cabra" chamado Gregório Luís. Mataram o feitor e ocuparam o engenho, paralisando a produção por dois anos (SCHWARTZ, 1988. p. 142). Atendendo à solicitação do proprietário, o governo enviou expedição militar para debelar a revolta. Quando foram atacados, escreveram um tratado de paz, objetivando negociar as condições para voltar ao trabalho. Manuel Silva Ferreira fingiu aceitar as condições e alforriar o líder, porém quando os rebeldes retornaram, os líderes foram vendidos no Maranhão e Gregório Luís foi para a prisão.** pg 66. Marcis, Teresinha, Viagem ao Engenho Santana

**- Um grupo de escravizados no sul da Bahia, mais precisamente do engenho de Santana, matou o feitor, apoderou-se de alguns meios de produção e fugiu para a floresta onde criou mocambos. A rebelião datada no ano de 1789, se repetiu por mais duas vezes no local, em 1821 e 1828, e se torna ainda mais excepcional quando, após inúmeras tentativas de expedições militares para reprimi-la, os rebeldes elaboram um "tratado de paz" para negociar cláusulas com as condições para seu retorno ao Engenho e ao cárcere.** [https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/?revoltas\\_categoria=1789-rebeliao-santana-bahia](https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/?revoltas_categoria=1789-rebeliao-santana-bahia)

- 1789 – Revolta do Engenho de Santana, liderada por Gregório Luís. A rebelião durou 2 anos e quando o proprietário fingiu aceitar as condições dos revoltosos, eles voltaram e foram vendidos no Maranhão e Gregório Luís preso. pg 66. Marcis, Teresinha, Viagem ao Engenho Santana

- 1789, os escravos do Engenho de Santana fizeram uma rebelião e escreveram uma carta para negociar a volta ao trabalho, (ver p. 44-47), várias reivindicações estavam relacionadas à permissão de ter suas próprias plantações, tais como: - reivindicavam os dias de sexta e sábado para o trabalho próprio, o que demonstra que o proprietário, Manuel Silva Ferreira, não liberava nenhum dia para essa finalidade. – reivindicavam também poder plantar em terras apropriadas: "Podemos plantar nosso arroz onde quisermos, em qualquer brejo (...)", já que o acesso à terra para fazer roças era dificultado, pois os canaviais ocupavam a maioria das terras agricultáveis. - e "uma barca grande" para que pudessem transportar também os seus produtos até a Bahia (Salvador), sem pagar frete. pg 57. Marcis, Teresinha, Viagem ao Engenho Santana



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**- A outra fonte histórica, que também foi fruto dessa revolta de cativos, seria o relato do Ouvidor Geral do Crime Claudio Joze Pereira da Costa ... Outro dado importante a se considerar é o fato de que esse segundo manuscrito foi gerado 17 anos após a ocorrência de 1789, sendo feita no ano de 1806. Ou seja, um período de mais de dez anos que separa o levante desses escravos, o término do mesmo, e a escrita dessa fonte oficial.** pg 09 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**No ano de 1789 uma revolta escrava teve corpo em um engenho de açúcar intitulado de “Santana,” localizado no sul baiano, na comarca de Ilhéus. Grande maioria dos 300 cativos que compunham a mão de obra dessa localidade deram início à sublevação que paralisou a produção de açúcar por cerca de dois anos. Os envolvidos nesse levante, sendo de maioria crioula, mataram o mestre de açúcar e tomaram a posse das ferramentas, além de formarem quilombos aos arredores da propriedade.** — pg 08 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**Alguns anos após esse movimento de 1789 houve outros dois levantes, um entre os anos de 1821-24 e outro no ano de 1828 em que os fatos chegaram a ser parecidos com os ocorridos nos finais do século XVIII, paralisaram o engenho e tomaram a posse das ferramentas por uma média de três anos, isso nos anos de 1821- 1824.** pg 08 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**No total, o documento pode ser dividido em 21 cláusulas: cinco exigências acerca da produção do açúcar, junto com a interrupção das atividades no engenho nos sábados; sete são voltadas as várias atividades que os cativos eram obrigados a exercerem – como o corte de madeiras, roças de mandioca, mariscar, corte das canas, etc. Por fim, nove demandas sobre melhorias das condições de vida, de trabalho, além da luta por espaços de liberdade e autonomia no próprio engenho.** pg 09 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**No Engenho de Santana, os jesuítas costumavam distribuir na Páscoa. Cada escravo recebia uma medida de tecido grosseiro de fio cru e as mulheres um tecido de algodão rústico para fazerem saias (SCHARWITZ, 1988, p. 125). Em muitos engenhos a distribuição chegava a acontecer de dois em dois anos. No período da rebelião dos escravos no Engenho de Santana (1789), o vestuário foi objeto de reivindicação: Os martineiros que andam a lancha (...) hão de ter gibão de baeta, e todo vestuário necessário (p. 46). É fácil deduzir que o então proprietário, Manuel Ferreira, não fornecia roupas adequadas e suficientes para que o escravo exercesse a sua função, uma vez que determinadas tarefas exigem a reposição de roupas mais rapidamente.** pg 58/59. Marcis, Teresinha, Viagem ao Engenho Santana



***Durante a administração dos jesuítas, a alimentação básica dos escravos no Engenho de Santana consistia de farinha e carne seca, mas devido à dureza do trabalho, os escravos passavam muita fome e a comida nunca era suficiente para repor as energias gastas. Um padre observou escandalizado que os escravos viviam comendo o que encontravam: ratos do canal, peixes, galinhas, bananas, etc. Por volta de 1730, o arroz passou a ser cultivado, completando a alimentação, assim como a carne de baleia, cuja caça na Bahia era intensa neste período. (SCHARWITZ, 1988, p. 126). Quando doentes, os escravos deveriam receber melhor alimentação, como carne de galinha e remédios para garantir a recuperação rápida e o retorno ao trabalho.*** pg 59. Marcis, Teresinha, Viagem ao Engenho Santana

- Entre 1789 e 1791 o engenho era de Manoel da Silva Ferreira – VINHÁES – José Carlos – São Jorge dos Ilhéus – da Capitania ao fim do século XX, pg 103

***O manuscrito que reflete as vontades e intenções dessa comunidade que habitava o Santana possui um sentido amplo e extenso. Não se tratava somente de uma tentativa de acordo de paz, mas demonstra características de um “tratado político”, porém, no sentido citado anteriormente, uma micropolítica do cotidiano que se fazia nas relações e no convívio entre estes sujeitos.*** Pg158 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***É dito que esse senhor teria feito um pedido após as negociações, que Gregório Luís mais os 15 escravos fossem até a vila de Belmonte para adquirir certa quantidade de gado e farinha com João da Silva Santos, o Capitão Mor das Ordenanças. Foi justamente nessa vila que houve a repressão e captura desses revoltosos, os quais resistiram e iniciaram um combate que quase resultou em derramamento de sangue ...No momento que finalmente conseguiu prender os 16 escravos, que eram tidos como os representantes de todo o movimento, o seu proprietário fez questão de que estes fossem direcionados ao mencionado negociante o qual iria ser responsável pela venda de todos para o Maranhão, menos Gregório Luís o qual Manoel reforçou, por várias vezes, a necessidade de que ele permanecesse preso na cadeia do Juízo daquele distrito.*** Pg160/162 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Manoel da Silva Ferreira arrematou o Engenho de Santana em 1770 e vendeu o engenho em 1810. Da arrematação o dono ficou devendo grande parte do valor e com a crise da Revolta de 1789, que paralisou o engenho por 2 anos, a situação financeira do senhor de engenho deve ter agravado, o que deve ter acelerado a ideia de vender o engenho em 1810 a Felisberto Caldeira Brant Pontes, futuro Marques de Barbacena, que tinha grande capital e poder político em Salvador, que assumiu a dívida do leilão de Manoel da Silva Ferreira. (N.O.)***

***- No ano de 1789, os escravos do Engenho de Santana sublevaram-se. O Ouvidor Geral da Comarca de Ilhéus, informou que 50 dos 300 escravos deste engenho fugiram para a mata formando quilombos. Os que***

**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*permaneceram, mataram o mestre de açúcar, apossaram-se das ferramentas de trabalho e escreveram um tratado de paz, no que estabeleceram as condições que retornassem as suas funções.* (MOURA, 1981, pg73,74,75), citado por 21 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso



Revolta do Engenho de Santana liderado por Gregório Luís.



Instagram - engenhodesantana

*relato do Ouvidor Geral do crime sobre os motivos da prisão de Gregório Luís, indicado como um dos líderes do movimento. Ambos se encontram no arquivo público do Estado da Bahia, em “cartas ao governo 207”... o escrito dos cativos seria proveniente do momento da revolta – em torno dos anos de 1789 a 1791 – e a exposição do Ouvidor teria sido escrita no ano de 1806, isto é, 17 anos após o início do levante.* pg 73 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*O conjunto demográfico do engenho Santana seria formado primordialmente de uma população nativa, uma comunidade crioula – apesar de haver alguns poucos africanos.* pg 81 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*Os revoltosos pleiteavam o direito de elegerem os seus próprios feitores. Este pedido tangia tanto o modo como era exercido o controle e vigilância dos trabalhos, quanto aos demais administradores e agregados que efetuavam as ordens vindas do proprietário. O feitor ocupava um papel central e complexo no interior das tarefas escravistas de um engenho e fazenda, sendo responsável por exercer coerção para com o escravo.* pg 108 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares





SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*examinar o relato do ouvidor geral do crime do ano de 1806. A segunda fonte, que também aborda o movimento dos cativos do engenho Santana, teve sua produção após 17 anos do ocorrido, aludindo pontos e detalhes acerca do evento. Seria um documento oriundo de uma petição feita pelo escravo Gregório Luís, que se encontrava preso naquele momento; este permanecia na cadeia até o início dos anos de 1806, quando recorreu pela resolução de sua situação.* pg 119 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor***

***O Suplicante Gregório Luís homem cabra acha-se preso na cadeia desta Relação para onde veio remetido por seu Senhor o Capitão Manoel da Silva Ferreira; morador no seu Engenho denominado de Santa Anna no termo da Vila de Ilhéus; vindo na mesma condução segundo minha lembrança mais quinze, ou dezesseis escravos, estes incumbidos ao Negociante desta Praça José da Silva Maia seu correspondente para os vender para o Maranhão, e aquele com recomendação para ser conservado na Cadeia, enquanto no juízo daquele distrito se formalizavam as suas Culpas para ser exemplarmente castigado, pois que dando-se me uma preliminar informação da conduta do Suplicante; por ela se me fez saber. Que sendo o sobredito Manoel da Silva Ferreira, Senhor e possuidor do mencionado [F. 02] Engenho, com trezentos escravos incluindo alguns da nação Mina, se achavam no maior número levantados, sem quererem jamais reconhecer subordinação a Seu Senhor, a que o principal Chefe desta desordem era o Suplicante, o qual principiando a suscitar entre eles o espírito de partido contra ele Seu Senhor, e contra o Mestre de Açúcar, pôde Conseguir com uns poucos de sua facção que o matarem, sem até agora se saber onde haviam enterrado, e senhoreando-se depois da ferramenta se refugiam para o mato. recusando não só a obediência a seu Senhor e a prestação de seus serviços, mas até pondo este no justo receio de lhe tirarem a vida cruelmente; ficando por este motivo o Engenho quase dois anos de fogo morto, com tão notável prejuízo que daquela Época em diante se foi conhecendo a sua decadência, [F. 03] e que além destes estragos acrescia o perigo de que o resto da escravatura seguisse o péssimo exemplo dos levantados. Assim persistirão a maior parte dos escravos divididos em bandos errantes e vagabundos pelo território do Engenho tão absolutos e destemidos, quanto se aumentava a Consternação e os sustos de seu Senhor na consideração de poder ser em qualquer dia a vítima de algum***



**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*desastre. Estando as coisas nestes termos enviaram os levantados emissários a seu Senhor com a proposta da Capitulação Constante da Cópia Inclusa, a qual lhes mostrou que anuí: vieram uns e ficaram outros. O Suplicante como mais astuto pôde extorquir dele Carta de Liberdade que por então lhe foi Concedida, sem ânimo de [F. 04] que tivesse alguma validade: ao mesmo tempo recorreu ao Juiz do distrito o qual entrando no Engenho com oitenta e cinco homens armados fez com que procurassem a Casa de seu Senhor; porém este que já não devia confiar-se dos principais Cabeças daquele levante se valeu do estratagema de mandar o Suplicante Gregório e mais quinze com uma carta afetada ao Capitão Mor das Ordenanças João da Silva Santos que se achava na vila de Belmonte, dizendo-lhes que dele receberiam um pouco de gado e farinha para o Engenho: chegando a dita Villa foram ali presos com algemas apesar da grande resistência que fizeram quase ao ponto de haver muito Sangue. Vieram finalmente conduzidos para a Cadeia desta Relação como deixo dito, a Saber o Suplicante [F.5] como primeiro móvel para ficar retido até verem as suas Culpas, e os outros com recomendação ao Negociante referido para os vender para o Maranhão como foram. Por duas vezes se têm expedido deste juízo ordem para ser remetida a devassa ou quais quer outras culpas do Suplicante e até agora não tem chegado. Preciso dizer a Vossa Excelência que o Senhor do dito Engenho, tem repetidas vezes recomendado com as maiores instancias para que o Suplicante não saia da prisão senão para Sentença que o extermine para longe por que se o soltarem volta infalivelmente ao Engenho a suscitar novas desordens, que talvez sejam irremediáveis. O que fica exposto é quanto me [F. 06] parece pode dar a Vossa Excelência suficiente ideia a respeito do Suplicante dos motivos da sua prisão: Deus Guarde a Vossa Excelência,*

**Bahia, 22 de Janeiro de 1806.**

**O Desembargador Ouvidor Geral do Crime**

**Claudio José Pereira da Costa.**

Fonte: Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789), pgs 119/120. PINTO, Andrey Soares.

***O engenho aparenta ter permanecido em “fogo morto”<sup>415</sup>, sem indícios de produção, durante dois anos. Nesse interstício de tempo os escravos devem ter se refugiado aos arredores da propriedade, se aquilombando e***



***mantendo sua vivencia.*** pg 124 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Todavia, em determinado momento os próprios cativos teriam mandado representantes para negociarem com o senhor as condições para o término da contenda, levando a produção do documento averiguado no capítulo anterior. Tal ato foi uma iniciativa desses escravos. Entre estes representantes com certeza haveria a presença de Gregório Luis, sendo que este exigiu do senhor sua manumissão. Nessa parte, é intrigante observar que estes mesmos escravos teriam pedido a intervenção do Juiz do distrito para mediar esta negociação, sendo que, quando adentraram no território os 85 homens armados, estes estariam lá para cumprir as ordens de acompanhar a conversação. Dessa forma, há o reforço da atitude de requerer mediações, inclusive de autoridades coloniais, eclesiásticas etc., na relação entre senhores e escravos.*** pg 124 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Manoel, em seguida, se utilizou de uma estratégia: mandou Gregório junto aos demais escravos – os quinze ou dezesseis – para a vila de Belmonte no intuito de obterem farinha e gado com o Capitão das Ordenanças, para serem de usufruto no engenho Santana.*** pg 124 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Manoel, como o próprio documento cita, tinha o cargo de Capitão. Dessa forma, poderia tecer aliança com João da Silva Santos, o dito capitão de Belmonte. Por meio do auxílio desse aliado conseguiu prender o grupo de escravos, atribuindo a eles os destinos já mencionados.*** pg 125 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Os escravos que se sublevaram em 1789, buscavam trazer mudanças ao seu cotidiano, as relações que possuíam no engenho e no trabalho para com o mesmo – algo de fácil percepção por meio da leitura do tratado de paz – isso tudo reflete uma “cultura política” que era vivida nesse espaço e que se buscava alterar.*** pg 130 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***os cativos buscaram negociar as condições para o retorno ao trabalho escravo.*** pg 164 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## *Revolta de 1789 no Engenho de Santana*

### **Tratado proposto a Manoel da Silva Ferreira pellos seus escravos durante o tempo em que se conservarão levantados**

Meu Senhor, nos queremos pás e não queremos guerra; se meu Senhor também quizer a nossa pás há de ser nesta conformidade, se quizer estar pello que nós quisermos a saber.

Em cada semana nos há de dar os dias de sexta fr<sup>a</sup> e de Sabado p<sup>a</sup> trabalharmos p<sup>a</sup> nós não tirando hum destes dias por cauza de dia St<sup>o</sup>. Para podemos viver nos hade de dar Rede tarrafa e canoas. Não nos hade obrigar a fazer camboas, nem amariscar, e quando quizer fazer camboas e mariscar mande os seus pretos de Minas.

Faça huma barca grande p<sup>a</sup> quando foi p<sup>a</sup> a Bahia nós metermos as nossas cargas p<sup>a</sup> não pagarmos fretes.

Na planta de mandioca, os homens queremos que só tenham tarefa de duas mão e meia e as mulheres de duas mãos.

A tarefa de farinha hade ser de cinco alqueires rasos, pondo arrancadores bastantes p<sup>a</sup> estes servirem de pendurarem os tapetes. A tarefa de cana hade ser de cinco mãos, e não de seis, e a de canas em cada freixe.

No barco hade pôr quatro varas, e hum p<sup>a</sup> o leme, e hum no leme puxa mt<sup>o</sup> por nós.

A madeira que se serra com serra de mão em baixo hão de serrar tres, e hum em cima. A medida de lenha hade ser como aqui se praticava, p<sup>a</sup> cada medida hum cortador, e huma mulher p<sup>a</sup> carregadeira



Os atuais Feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação.

Nas moendas, hade pôr quatro moedeiras, e duas guindas, e huma carcanhas Em cada huma caldeira hade haver botador de fogo, a em cada terno de taixas o mesmo, e no dia Sabado hade haver Remediavelmente peija no Engenho.

Os marinheiros que andão na Lanxa alem de camisa de bacta que se lhes dá, hão deter Gibão de bacta, a todo o vestuário necessário.

O canavial de Jabirú o hiremos aproveitar por esta vez, a depois hade ficar p<sup>a</sup> pasto por que não podemos andar tirando canas p<sup>a</sup> entre mangues..

Poderemos plantar nosso arros onde quizermos, e em qualqr Brejo, sem que p<sup>a</sup> peçamos licença, e poderemos cada hum tirar jacaranda ou outro qualqr pau sem darmos parte p<sup>a</sup> isso.

A estar por todos os artigos acima, a concedemos estar sempre de posse da ferramenta, estamos prontos p<sup>a</sup> o servirmos como dantes, por que não queremos seguir os maos costumes dos mais Engenhos. Poderemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos empeça a nem seja precizo lice

Fonte: SCHWARTZ, Stuart B. APÊNDICES: Documentos relativos aos escravos fugitivos do Engenho Santana. In *Escravos, Rocios e Rebeldes*. Trad. Jussara Simões. Bauru (SP): Edusc, 2001 (p. 119-120)





***O tratado dos escravos do engenho Santana, além de ser uma tentativa de resistência e luta em um momento de revolta, foi um ato político desses próprios sujeitos.*** — pg 09 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

No Engenho de Santana as origens dos escravos em sua maioria era crioula ou seja, escravos nascidos no Brasil. Os escravos africanos que aqui chegaram em menor número eram de origem da Guiné e Costa da Mina. Sobre essa situação atípica, onde o maior número de escravos era nascido no Brasil, Schwartz revela:

***“Na década de 1790, restavam poucos indivíduos nascidos na África entre os escravos, mas em 1828, os 222 escravos de Santana eram, com exceção de uma mulher idosa, todos nascidos no Brasil. Essa situação extraordinária era bem diferente da que ocorria na maioria dos engenhos baianos, onde predominavam africanos. Ademais, ao contrário da maioria dos engenhos de açúcar, o índice de sexos estava bem equilibrado, com 109 homens e 113 mulheres.”*** (SCHWARTZ, 2001, p.111). citado por SANTOS, Dagson, Dissertação

***Os escravos de Santana pretendiam jogar a maior carga de trabalho para os “pretos minas”, escravos recém chegados da África; já que eram os crioulos, escravos nascidos no Brasil, que estavam organizando a revolta. A língua e a convivência com os senhores, colocavam os crioulos numa posição de melhor controle em relação aos recém chegados.*** SANTOS, Dagson, Dissertação.

***Ainda era mencionado pelos escravos que não desejavam seguir os maus costumes dos demais engenhos, externando a existência daquilo que seria tido como uma “escravidão adequada”, fundamentada nos moldes cristãos.*** Pg 117 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Os escravos que se sublevaram em 1789, buscavam trazer mudanças ao seu cotidiano, as relações que possuíam no engenho e no trabalho para com o mesmo – algo de fácil percepção por meio da leitura do tratado de paz – isso tudo reflete uma “cultura política” que era vivida nesse espaço e que se buscava alterar.***pg 130 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***No segundo artigo do tratado foi colocado da seguinte forma: “Para podermos viver nos há de dar Rede tarrafa e canoas”. Nesse pedido, é de fácil constatação o motivo que cerca tal solicitação: atender ao sustento e sobrevivência material dessas pessoas.*** pg 91 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Um dos fatores que mais chamam atenção nesse caso é que os próprios rebeldes estavam negociando as condições para retornarem ao trabalho e, assim, a posição de escravo.(grifo nosso).*** Pg125 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares



*o discurso de manter um modo correto e cristão no tratamento com os escravos era constantemente trabalhado e defendido; definindo o que seria considerado como um “bom cativo” e um “mau cativo”, porém, a instituição escravista em si não era questionada, mas a forma como se tratava os cativos. Certamente, esse ponto se desdobrava de maneira relativa na prática do dia a dia, dependendo do caráter de cada proprietário e senhor de escravo, contudo, não deixava de representar o grau de moralidade que era defendido na sociedade da época.* pg 134. Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*O documento dos escravos foi posterior ao momento da revolta de 1789, nesse ano eles se revoltaram: mataram o mestre de açúcar, tomaram a posse de algumas ferramentas e se refugiaram nas matas próximas. Ademais, permaneceram assim, sublevados, durante dois anos consecutivos. Somente após isso é que partiram para a negociação.* pg 142. Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

*Assim, a primeira seria uma “fuga para dentro” devido ao fato de que eram sujeitos que fugiam de determinadas situações e condições, porém, não buscavam fugir do escravismo, o propósito poderia ser muito bem a tentativa de iniciar alguma negociação para amainar sua condição. Já a segunda, como “fuga para fora” demonstra a vontade de se desvincular de tal regime. Mas, essa última seria de um nível de difícil execução – principalmente nos setecentos –, pois mesmo longe dos grilhões de seus proprietários, a cor da pele manifestava o possível vínculo com a senzala, sendo facilmente visto como um cativo fugido. Algo chamado pelos autores como paradigma ideológico colonial<sup>488</sup>, visto que o próprio entendimento de mundo que era compartilhado na sociedade do século XVIII se manifestava como uma “gaiola” para essas pessoas – não adiantava para onde fosse, a marca da escravidão os acompanhava em todos os espaços.*

pg 143. Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares.

*Há entendimento, que durante a administração dos jesuítas no Engenho de Santana – 1618-1759, 141 anos, os padres não comunicavam as fugas, ou elas eram muito raras, mas se tem notícias de mocambos não combatidos pelos jesuítas no entorno do Engenho. (N.O.)*

## **Reflexos da Revolta de 1789**

*A Revolução Haitiana iniciou-se de fato em 1791, quando os escravos, rebelaram-se contra os franceses. Em poucas semanas, cerca de 100 mil escravos já haviam se rebelado. Os escravos e os negros libertos da região foram fortemente influenciados pelos acontecimentos que se passavam durante a Revolução Francesa. Os ideais de igualdade entre os homens, inspirou-os a lutar pela sua liberdade e por seus direitos. Os escravos lutavam pelo fim do sistema escravista, e os negros libertos lutavam pela equiparação dos direitos entre brancos e negros. (N.O.)*



Com a rebelião, os escravos passaram a organizar-se e a lutar contra as tropas francesas que estavam instaladas na região. A força do movimento em São Domingos e os desdobramentos da Revolução Francesa resultaram na abolição da escravidão em todas as colônias francesas, incluindo São Domingos em 1794. (N.O.)

*O movimento em São Domingos seguiu sob a liderança de Toussaint Louverture até 1802. Pouco antes, em 1801, sob o comando de Napoleão Bonaparte, foi enviada uma expedição para São Domingos para controlar a situação e restabelecer o sistema escravista que havia sido abolido em 1794.* (N.O.)

*As tropas francesas foram lideradas por Charles Leclerc, que, além de ter retomado o controle sobre a situação em São Domingos, também conseguiu aprisionar Toussaint Louverture. O líder haitiano foi enviado para a França em 1802 e permaneceu em uma prisão até a sua morte em 1803. Toussaint Louverture foi vítima de má nutrição e tuberculose.* (N.O.)

*Com a prisão e morte de Toussaint Louverture, a liderança da Revolução Haitiana foi ocupada por Jean-Jacques Dessalines, que reiniciou a luta contra os franceses e derrotou-os de maneira definitiva em novembro de 1803. Pouco tempo depois, em 1º de janeiro de 1804, foi declarada a independência de São Domingos.* (N.O.)

*Após a declaração de independência, Jean-Jacques Dessalines escolheu o nome de Haiti para o novo país que havia surgido. O nome foi escolhido em homenagem às populações indígenas que habitavam a região antes da chegada dos europeus. O governo do Haiti foi ocupado pelo próprio Dessalines. Após a independência, o Haiti tornou-se o único país das Américas que conquistou sua independência a partir de uma rebelião de escravos. Biography of Haitian Revolution Leader Toussaint Louverture – <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/revolucao-haitiana.htm>*

*Principalmente na primeira metade do século XIX, Salvador e algumas localidades baianas passaram por ondas de revoltas escravas que assombraram os colonos e as autoridades... Pelos dados do Slave trade observamos um significativo fluxo de cativos que eram obtidos na região da Costa da Mina, era especialmente esta localidade que advinha grande parte de africanos de origem Islamizadas que viviam no Sudão central. Esse seria o caso dos Haussás, etnia de tradição mulçumana – em sua maioria – que se encontravam no território baiano nesse período e que desencadearam vários planos de revolta entre os anos de 1807-1830. Pg137 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares*

*Com a revolta de São Domingos (Haiti), houve uma desorganização da produção da produção de açúcar nas Antilhas o que beneficiou a produção no Brasil, reduzindo a produção do açúcar dessa região que competia com a produção brasileira, e aumentando muito os preços internacionais.* (N.O.)

*Outro reflexo foram as rebeliões no próprio Engenho de Santa em 1804, 1821-1824 e 1828, criando uma tradição de revolta no engenho e influenciando as Revoltas em Salvador como a Revolta dos Malês em 1835, 24 para 25 de janeiro de 1835, foi o maior levante de escravizados da história do Brasil. Os malês eram negros de origem islâmica, que organizaram o levante, que queriam reescravizar os escravos libertos e os crioulos. Até 1806, temos Gregório Luís e outros 15 líderes, presos em Salvador provavelmente ajudaram a divulgar os feitos da Rebelião de 1789.* (N.O.)



# Século XIX

- 1803 – Engenho de Santana funcionando – pg 292 – CAMPOS, Silva

## Período de Felisberto Brant – Marques de Barbacena – 1810-1834

- 1810- Em 17 de novembro de 1810, o brigadeiro dos Reais Exércitos, Felisberto Caldeira Brant Pontes, futuro Marquês de Barbacena, requereu através de seu advogado, Reverendo José Francisco dos Passos, a notificação de Manuel Duarte da Silva, inventariante dos bens de Manuel Ferreira, para vir fazer declaração de dívidas. Felisberto Caldeira Brant habilitara-se como herdeiro da meia ação da mulher de Manuel Ferreira e também como credor do casal, cuja a quantia excedia a 28:964\$000. Assim sendo, requeria que fosse concedido a ele o engenho de Santana, devendo o herdeiro de Manuel Ferreira receber o que lhe coubesse em dinheiro.

*“(...) os bens avaliados andavam em 28:064\$000. As dívidas excediam o valor dos bens e, em despacho datado de Camamú a 23 de novembro de 1810, Balthazar Lisboa mandava se adjudicasse “o Engenho e todas as terras e utensílios e pertences dele ao Brigadeiro Felisberto, por não haver meação, pois que não há herança senão deduzidas e pagas as dívidas”...(...)”* PINHO, 1941, pg 144)

*A partir de então, Felisberto Brant passou a ser o novo proprietário do Engenho de Santana recebendo também, todos os bens deixados por Manuel Ferreira. (PINHO, 1941, pg.144 a 159).* pg 21 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

*“Depois de uma nova permanência na Europa, voltou ao Brasil em 1808 e fixou-se finalmente na Bahia. Como senhor de engenho tornou-se um empresário inovador, modernizou a maquinaria de seu negócio”.* Pg 22 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

- 1821 -exatamente logo após a sua viagem a Londres, em 1821, aconteceram dois fatos que tumultuaram o Santana? Os escravos sublevaram-se novamente e Manuel Duarte se apossou do engenho... Pg 23 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

- ...Em 1822, Manuel Duarte da Silva, talvez aproveitando-se da situação conturbada, acabou tomando o engenho para si. Pg 23 – Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

- Parece que em 1824, Felisberto Brant, já de volta ao Brasil, consegue retomar o Engenho de Santana. “Felisberto Brant empossado no domínio direto do Engenho de Santana” - pg 332 — CAMPOS – João da Silva – Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus





- 1813 (?) - o mineiro Felisberto Caldeira Brant Pontes, futuro marquês de Barbacena, compra o engenho – Pg 145- RIBEIRO, Família, Poder e Mito. O município de S. Jorge de Ilhéus (1880-1912). RIBEIRO, André Rosa

***Felisberto Caldeira Brant Pontes quem foi o responsável da troca do nome de Engenho de Santana, para Engenho Santa Maria, ficando as terras do engenho conhecidas no século XX, apenas como terras da Sesmaria de Santana. (N.O.)***

***...as secas ocorridas entre 1824-1825, 1830-1833, 1857-1877 afetaram drasticamente as áreas do sertão produtoras de gêneros para a alimentação, elevando dessa forma o preço dos produtos como a farinha de mandioca.*** Pg.05 - Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. ANDRADE, Marcelo Loyola de

***No ano de 1810, o brigadeiro dos reais Exércitos, Felisberto Caldeira Brant Pontes, o Marquês de Barbacena, habilitando-se como credor de Manoel Ferreira e sua esposa, solicitou o levantamento dos bens e da dívida do casal, tornando-se desde então o proprietário do engenho. Pag. 72 Durante o período em que pertenceu ao Marquês de Barbacena, os escravos fizeram uma nova rebelião e ocupação do engenho. Na correspondência oficial datada de 14 de julho de 1828, enviada pelo Juiz de Paz João Pereira Guimarães ao Visconde de Camamu, estão registradas as medidas tomadas para socorrer o administrador do engenho que alegava risco de vida.*** Marcis, Teresinha, pg 72. Viagem ao Engenho de Santana

***“ o engenho foi então arrematado por Manuel da Silva Ferreira que, em 1810, o repassou ao Brigadeiro Felisberto Caldeira Brant, o Marquês de Barbacena. Em 1834, o Marquês negociou as terras do engenho com Sá Bittencourt e Câmara que manteve a posse até sua morte, em 1896”*** (MARCIS, p.284).

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta, Armas do marquês de Barbacena (ao centro), as mesmas das famílias Brant (modificadas), Oliveira, Horta e Caldeira - (Mariana-MG, 19 setembro de 1772 — 13 de junho de 1842). Wikipedia

- Em 1804, o marquês ajudou a trazer uma importante vacina ao país, sendo inclusive a primeira pessoa a receber a dose.
- Em 1810, manda abrir, as suas custas, a estrada Ilhéus-Conquista, de 42 léguas, e que custou 15.000 cruzados. Pg 308-CAMPOS, Silva
- E em 1813 trouxe ao Brasil a primeira máquina de moer cana a vapor, levando-a para o engenho de Inguacú, na ilha de Itaparicá, que pertencia a seu cunhado, o coronel Antônio Cardoso dos Santos. Teve a missão de ir a Europa procurar uma esposa para D. Pedro I.
- Trabalhou com Brant “Mathew Falconer”, maquinista escocês, trabalhou a seu serviço no engenho de Santana. Falconer abandonou a propriedade e passou para o engenho do Almada, vindo posteriormente a adquirir a propriedade. Quando faleceu, em Ilhéus, no ano de 1853, a propriedade foi vendida pelos herdeiros à família Cerqueira Lima”
- 1815 – 270 escravos, **havia máquina para beneficiar arroz e algodão, movidos à água**, um alambique e 3 tachos. pg 55 – ANDRADE – Marcelo Loyola – Nos Labirintos da Liberdade
- 1815 – Só a fazenda Santa Maria, pertencente ao futuro marquês de Barbacena, merecia menção, escreve o príncipe (Wied Neuwied), com seus 270 negros, o que no tempo representava uma fortuna, a se estender por 20 léguas. Dispunha além do engenho de assucar, máquinas para beneficiar arrôes e algodão, todas movidas a água, concertadas e melhoradas pouco antes da visita do príncipe, por um inglês **que as dotara de rodas horizontaes.**” Pg 247 – A Capitania de Ilhéus – A Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil (1530-1626) – PRADO - J.F. de Almeida



- 1815 – Felisberto, comandante de regimento militar, morador e político em Salvador, combate a rebelião de escravos de 1814. Pg.06 –O Marquês de Barbacena – CALÓGERAS – Pandiá

**1815 – “e entre aqueles, merece ser citado o da fazenda Santa Maria, cujas terras tem 20 léguas de extensão. Possui 270 escravos e foi propriedade dos jesuítas. Ligadas ao engenho de açúcar, vêem-se as máquinas para beneficiar arroz e algodão, movidas a água, as quais foram recentemente consertadas por um inglês é dotada de rodas horizontais”** pg 78 – Maximiliano (príncipe de Wied-Neuwied)

-1818- Engenho de Santana, a despeito da situação de holocausto do resto da Comarca, produzia 10 arrobas de açúcar

- 1818– Ilhéus só tinha um **engenho** importante, o **Santa Maria**, no Rio do Mesmo nome

**Na viagem de Spix e Martius trabalhavam 260 escravos e produzia 9.000 a 10.000 arrobas de açúcar além de mantimentos e um pouco de algodão, conhecido como Engenho de Santa Maria, estiveram em Ilhéus em 1818 –** pg – 05 - BRITO – Raymundo de Souza, O Livro de Ilhéus, Colaboração do Município para o progresso geral do Estado da Bahia

- 1819 - A navegação a vapor na Bahia só teve início em 1819, quando foi inaugurada a primeira linha entre Salvador e Cachoeira. A empresa de navegação pertencia a Felisberto Caldeira Brant, o Visconde de Barbacena, que nesta época também era proprietário do Engenho de Santana (MONTEIRO, 1999, p. 20 ). citado por Marcis, Teresinha, pg 49. Viagem ao Engenho de Santana

- 1819 – 260 escravos

- 1819 – Felisberto: em 1819, foi sucessivamente graduado em marechal e nomeado fidalgo cavaleiro. Pg.07 –O Marquês de Barbacena – CALÓGERAS – Pandiá

- 1820 – chegada de Jean Baptiste Leve, para administrar o engenho- pg 146 – RIBEIRO, Família, Poder e Mito. O município de S. Jorge de Ilhéus (1880-1912). RIBEIRO, André Rosas -Trazido por Felisberto

- 1821 – Revolta, depuseram as ferramentas de trabalho pg 104 – VINHÁES – José Carlos – São Jorge dos Ilhéus – da Capitania ao fim do século XX

**Entre estas revoltas do XIX, duas teriam novamente o engenho Santana como cenário. Em 1821, quando o engenho estava em posse de Felisberto Caldeira, houve um levante dos escravos – em meio a desordem ocasionada pelas guerras de independência, algo que contribuiu para o movimento desses cativos –, sendo que tomaram a posse das ferramentas e da própria propriedade, o qual permaneceu em suas mãos durante 3 anos – algo parecido com o que ocorrera nos finais do XVIII. Mas em 1824, com o fim da guerra, houve a repressão que ocasionou a retomada do engenho e a fuga dos revoltosos, os quais se aquilombaram nas matas próximas. Com o tempo, esse mocambo foi crescendo e tornando-se o destino de escravos fugidos das fazendas da região, sendo que em 1828 as autoridades**



***executaram uma repressão com o intuito de acabar com aquilo que era visto como um “elemento revolucionário entre os escravos”. Foi encontrado uma ampla produção agrícola entre elas 60 mil covas de mandioca, 6 mil pés de café, 4 mil de algodão, 2 teares, árvores frutíferas, muita farinha feita, sal, peixes e ferramentas de trabalho***<sup>576</sup>, algo que mostra significativa estrutura que se encontrava nesse mocambo. Pg164 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Alguns anos após esse movimento de 1789 houve outros dois levantes, um entre os anos de 1821-24 e outro no ano de 1828 em que os fatos chegaram a ser parecidos com os ocorridos nos finais do século XVIII, paralisaram o engenho e tomaram a posse das ferramentas por uma média de três anos , isso nos anos de 1821- 1824.*** Pg08 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

- 1821 - Já nos inícios do século XIX, mais especificamente nos anos de 1821-1824, e quatro anos depois, em 1828, novas rebeliões e atos de resistência tomaram de conta dessa mesma propriedade. As ações chegaram a ser parecidas com as de 1789, paralisaram a produção de cana de açúcar por alguns anos, tomaram a posse das ferramentas e se aquilombaram nas matas próximas, porém, não houve os mesmos registros e documentos como os que foram gerados nos finais dos setecentos. Pg167 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

- Engenho parado por 3 anos entre 1821 a 1824

- 1824 – Felisberto Brant empossado no domínio direto do Engenho de Santana - pg 332 – CAMPOS – João da Silva – Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus

***Rebelião no Engenho de Santana “atitude hostil dos negros, que eram em crescido número, armados de espingardas”*** – pg 333 – CAMPOS – João da Silva – Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus

***Por determinação da presidência e do comando das armas da província, uma força de três oficiais e 55 milicianos de Valência e de Santarém, para ali mandados a fim de reprimir a escravatura do engenho, que se achava sublevada. Deu-se a posse, nessa forma do acordão.*** Pg 333 – CAMPOS, Silva

- 1827 – Felisberto negociou o tratado comercial anglo-brasileiro sobre o tráfico de escravos. 1828 – Forte crise renal, foi para Londres.

- 1828 – Nova revolta no engenho, forte repressão, com a ocupação do engenho por tropas. Pg 104 - VINHÁES – José Carlos – São Jorge dos Ilhéus – da Capitania ao fim do século XX

- 1828 – Fuga de 34 escravos – haviam fugitivo dali e do engenho de Sant’Ana 34 escravos – pg 342 – CAMPOS, Silva

- 1828 – Invasão e repressão do engenho próximo ao Engenho de Santana. “Quilombo que sofreu a invasão no ano de 1828 – o qual detinha ampla produção de gêneros voltados para a provisão desses grupos e até para a comercialização. Pg168 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares



**Diferentes informações acima, cita Felisberto na posse do Engenho de Santa já em 1821 e outra só assumindo em 1824. O mais provável é já ter a posse em 1821, quando da primeira revolta e a documentação só saiu em 1824. (N.O.)**

- 1830 – Felisberto foi demitido do Ministério por D. Pedro I, em 18 de outubro, tendo um crédito de 1.326 Libras Esterlinas, o Tribunal do Tesouro reconhece a dívida de 1.405 Libras Esterlinas em 1836, valor recebido em 1838. “A demissão de Barbacena em 30 de setembro de 1830 representou a queda do Imperador. Sete meses após a saída de Barbacena do cenário político nacional, era o monarca que se despedia do poder, em 7 de abril de 1831 ao abdicar do trono brasileiro”. pg16 – “UMA LEI PARA INGLÊS VER”: O MARQUÊS DE BARBACENA NO JOGO POLÍTICO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA NORMA DE 1831. PEIXOTO, Rafael Cupello (UERJ)

- 1831 - A negociação do Tratado Comercial Anglo-Brasileiro gerou a lei brasileira de 7 de novembro de 1831, que proibia o Tráfico negreiro, a “lei para inglês ver”, decretada pela Regência de Feijó, devido a forte pressão dos ingleses que queriam o fim do Tráfico Negreiro para liberar mão-de-obra para servir de mercado comprador de seus produtos industrializados. Foi uma lei que criava o fim do tráfico negreiro, mas fazia tantas considerações e concessões que tornou difícil de ser cumprida, ela foi decretada sem qualquer intensão de que fosse cumprida, essa foi a realidade. Há época, Felisberto era o maior escravocrata de Ilhéus, dono do Engenho de Engenho, com cerca de 300 escravos de origem africana e todo ano importada boa quantidade de escravos. “Felisberto Caldeira Brant, marquês de Barbacena, autor da Lei de 7 de novembro de 1831, nos ajuda a explicitar o jogo político no processo de elaboração da “Lei para inglês ver”. A atuação política de Barbacena no campo político do período foi muito importante para a promulgação da referida lei”. pg08 – “UMA LEI PARA INGLÊS VER”: O MARQUÊS DE BARBACENA NO JOGO POLÍTICO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA NORMA DE 1831. PEIXOTO, Rafael Cupello (UERJ)

**- Em 31 de maio de 1831, ou seja, pouco mais de um mês após a queda de D. Pedro I, o marquês apresentou seu projeto de lei contra o comércio de escravos (AS, 31/05/1831, p.254).** pg16 – “UMA LEI PARA INGLÊS VER”: O MARQUÊS DE BARBACENA NO JOGO POLÍTICO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA NORMA DE 1831. PEIXOTO, Rafael Cupello (UERJ)

**“Ela foi feita tornando livres todos os escravos vindos de fora, com exceção daqueles que estivessem em embarcações no país e aqueles que tenham fugido do território nacional. A lei ainda previa a aplicação de multas aos traficantes de escravos e um prêmio aos que denunciassem a prática”.**  
<https://www.infoescola.com/historia/lei-para-ingles-ver/>

- 1832 – Felisberto Brant, vendeu o Engenho de Santana para a família Bittencourt Sá, a maior proprietária de terras e escravos de Ilhéus, à época, em troca da mina e terras em Caetés, Minas Gerais, terra dos Bittencourt Accioli.

**- Preço do Engenho de Santana em 1832 – Século XIX - Na compra do engenho, tinha 183 escravos, o valor da compra foi de 123:000\$0000.**  
GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéos, 1806-1888). Pg.72

- 1832 - Marques de Barbacena, mudou-se para Minas Gerais, Caetés, virou senador e discutiu a Reforma Constitucional.



- 1834 - O Marquês de Barbacena permaneceu como proprietário do Engenho até 2 de março de 1834, quando se registra o documento de posse do novo proprietário, o Brigadeiro José de Sá Bittencourt e Câmara, herdeiro do Dr. Bitencourt Accioli, figura de destaque na história oficial de Ilhéus. O negócio envolveu a permuta entre as terras da Sesmaria de Santana e terras que Bittencourt possuía em Minas Gerais. Na escritura do engenho consta a seguinte descrição dos bens: (...) que ele Marquez de Barbacena dá e sede já aos sobreditos contratistas o Engenho de Santa Anna com todas as terras, prédios, embarcações e duzentos e quatro escravos (...) as benfeitorias do engenho com moendas horizontais e roda de água, casas de caldeira, casa de esmagar com tanque de madeira para mel, uma casa de estolas com alambique novo de destilação contínua, tabuleiras de ferro quando para estufa, engenho de serrar madeira, olaria, barca de transportar cana e embarcação de coberta lavada para levar caixas à cidade da Bahia (...) (Citado em MONTEIRO, 1999, p. 23-24. Citado por Marcis, Teresinha, pg 73. Viagem ao Engenho de Santana . Data não bate
  - 1837 – O Marques de Barbacena, apresentou projeto sobre o tráfico negreiro, que foi mais tarde aproveitado como base para Lei Eusébio de Queiroz em 1850, depois do malogro da lei de 1831.
  - 1842 – Morte do Marques de Barbacena. Pg 94 –O Marquês de Barbacena – CALÓGERAS – Pandiá
- Morte do Marques de Barbacena morre em 13 de junho de 1842 aos 69 anos.

***Pode-se dizer, que Felisberto Brant foi proprietário absenteísta do engenho de Santana de 1810 a 1834, com uma pequena interrupção em 1822.*** Pg 24 - Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

## PERÍODO DOS BITTENCOURT SÁ CÂMARA – 1834-1950 – 116 anos

***José de Sá Bittencourt Accioli visitou a França e a Inglaterra voltando para a terra natal, onde se dedicou a trabalhos de cerâmica e de fundição de ferro.*** Pg 269 – CAMPOS, Silva

***De volta ao Brasil, José de Sá Bittencourt visita aos pais em Camamu, passa algum tempo no Rio de Janeiro e, em atenção ao pedido de sua tia e protetora, retorna a Caeté, dedicando-se de à fundição de ferro e a fabricação porcelana.*** <http://reioraculo.blogspot.com/2013/01/joaomagno-chaves-reinaldosantos-souza.html>

- ***José de Sá B. Accioli “...indo habitar o Engenho de Sant’Ana”*** – pg 269 – CAMPOS, Silva.

***Dr. João Ferreira Bittencourt e Sá, tio de José Bittencourt Câmara Accioli foi responsável pela supervisão da remoção dos padres jesuítas das propriedades de Ilhéus, Porto Seguro e Camamu, após tal “supervisão”. Teria sido o administrador dos bens confiscados dos jesuítas com sua expulsão em 1759, até a venda dos bens, por***

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**coincidência a família passa a ser proprietária de quase todos os bens dos jesuítas na região de Camamu e Ilhéus, a maior proprietária de terras da comarca. (N.O.)**

***Ao adquirir, em hasta pública, no início do século XIX, a maior parte das propriedades jesuítas, Sá e Bittencourt tornou-se o maior proprietário de terras da comarca. O patrimônio dos padres da Companhia de Jesus, na antiga capitania de São Jorge dos Ilhéus, ocupava a maior parte das terras aproveitadas pela agricultura. Pg 47/48 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa***

***Um dos membros da família, o Dr. João Ferreira Bittencourt e Sá foi Desembargador da Relação e Juiz de Fora para toda a província nas décadas de 1750 e 1760, foi responsável pela supervisão da remoção dos padres jesuítas das propriedades de Ilhéus, Porto Seguro e Camamu. Após o cumprimento da expulsão dos padres jesuítas, o Juiz de Fora e outros membros da família, como sua irmã, d. Francisca Antonia Xavier de Bittencourt e Sá, e seu cunhado, tenente Bernardino Cardoso, transferiram-se de Caeté, Minas Gerais, para o termo de Camamu. A propriedade adquirida nas proximidades de Camamu, o engenho Acaraí. Pg 42 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa***



JOHANN MORITZ RUGENDAS (1802-1858): Família de Fazendeiros, 1825

**Antes da prisão dos inconfidentes, toma o nome de Accioli e foge de Caeté em direção a Camamu, com escravos e muito pessoal, talvez pensando em levar a Inconfidência para a Bahia. É preso em Camamu. Julgado, é libertado. (N.O.)**

**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***De seu irmão José de Sá e Bittencourt, descendem diretamente todos os Sá do município de São Jorge dos Ilhéus.*** Pg 46 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

**Família do Inconfidente José de Sá Bittencourt Câmara Accioli: José de Sá Bittencourt e Câmara; Frederico Carlos de Sá; Josefa Amélia Homem d'El-Rei; Egidio Luiz de Sá Bittencourt e Câmara; Frederico Carlos de Sá Bittencourt e Câmara; Antônio Ferreira de Aguiar e Sá; Ana Bittencourt Sá Cardoso; Ignácio Ferreira da Câmara Bittencourt; Joaquina Ferreira da Câmara Bittencourt; Manuel Ferreira da Câmara de Bettencourt e Sá e 1 outro** (N.O.)

***Esteve implicado na Conjuração da Província mineira, onde ocupava o posto de coronel de milícias. Denunciado, foi obrigado a fugir, sertão adentro, para o engenho Acaraí, de onde tencionava partir para os Estados Unidos. Sá e Bittencourt havia estado na França pouco antes de sua revolução republicana, tendo-se correspondido com Thomas Jefferson.*** Pg 46 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

***José Bittencourt Accioli, o inconfidente, que tinha sido coronel de Milícia em Minas Gerais, “prestou inúmeros serviços a Coroa Portuguesa, com o plantio de novas culturas (cacau e algodão) e a abertura de estradas.*** Pg 47 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

***Entre as estradas construídas sob sua direção, está a que ligou Camamu a Monte Alto, para a fundação de uma fábrica de salitre. Sá e Bittencourt fundou no local uma fábrica de refinação do minério, cuja exploração ficou a seu cargo com o título de Inspetor. Construída entre 1799 e 1804, a estrada também visava a facilitar o transporte de madeira e gado para o litoral.*** Pg 47 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

***- O Salitre utilizado para a fabricação de pólvora era estratégico para a Coroa, e Accioli para a controlar a fábrica de tal produto.*** (N.O.)



Salitre: o produto químico estratégico no passado do Brasil

- Mapa da indicação de Montes Altos situado entre o rio São Francisco (que se vê à direita de acordo com legenda logo acima do carimbo oficial) e o rio Verde Grande indicado no topo da figura. De acordo com correto referencial geográfico; o ponto superior direito indica o local de abrigo do Conde dos Arcos; o Norte está na base da figura. [http://quimicanova.sbjq.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=9248](http://quimicanova.sbjq.org.br/detalhe_artigo.asp?id=9248)



# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***José Bittencourt Accioli, foi o responsável por importar a primeira máquina de serrar madeira que implantou no engenho em Itapacarica. (N.O.)***

- 1814 - O Inconfidente, José de Sá Bittencourt Câmara Accioli, recebe a Mina da tia de herança em Caeté, Minas Gerais em 1814. A Mina era a base da riqueza da família.

- 1821 – O Inconfidente, Luta contra a Restauração Portuguesa do Brasil.

- 1822 - junto com seus filhos, depõe o Governador português de Minas Gerais, Accioli, assim como o seu irmão, tinham sido colegas de José Bonifácio em Coimbra, Portugal.



Manuel Ferreira da Câmara Bittencour Aguiar e Sá, irmão do Inconfidente

<https://noticiaseca.com.br/tag/idos>



José Bonifácio, "patrono" da Independência do Brasil

<https://twitter.com/LucyenCosta/status/1375091774021107717?lang=es>

- 1822 – O Inconfidente, despacha tropas para apoiar a rebelião baiana contra os portugueses, a frente das tropas vão três filhos seus: Cristiano Manoel de Sá, Egídio Luis de Sá e Guilherme Frederico de Sá, esse último morreu na batalha de Pirajá, liderados pelo seu filho mais velho José de Sá Bittencourt e Câmara.

- 1828 – Faleceu na vila de São Jorge dos Ilhéus a 18 de outubro de 1861, estando seu corpo sepultado na capela do engenho de Santana, do qual foi o principal herdeiro. Pg 50 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

***Surge a dúvida de quando o Engenho de Santana passa para os Bittencourt, 1832 ou 1834. (N.O.)***

-1832 – O engenho de Santana passa para o coronel José de Sá Bittencourt e Câmara, filho do inconfidente José de Sá Bittencourt Accioli. pg 244, GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéus, 1806-1888). Teresinha Marcis fala em 1834.

- 1834 – Os filhos de Sá e Bittencourt compraram em permuta com Marechal Felisberto Caldeira Brant, trocou por terras em Caetés, Minas Gerais, pelo **engenho de Santana**. Passando para o tenente-coronel José de Sá Bittencourt Câmara. Pg 72– GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéus, 1806-1888)



- ***“seus doze filhos adquiriram o engenho Sant’Anna e outras propriedades em Ilhéus – pg 745 – MAHONY***

***A permuta entre o marechal Brant e a família, representados pelo tenente-coronel José de Sá Bittencourt e Câmara, futuro brigadeiro do Exército Imperial, foi realizada em 2 de março de 1834. A permuta do Santana foi feita pelas terras da família Sá, no município mineiro de Caeté.*** Pg 49 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

***Na compra do engenho, tinha 183 escravos, o valor da compra foi de 123:000\$0000.*** GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéos, 1806-1888). Pg.72

***“terras e prédios da Villa por vinte cinco contos de reis, as benfeitorias do engenho com moendas horizontais, roda d’água, cazas de caldeiras, com seis tachos e duas caldeiras, Caza de purgar com tanques de madeira para mel, uma caza de estilas com um alambique [...] engenho de serrar madeira, olaria, barco de transportar canas, embarcações de cobertura lavada para levar coizas a cidade da Bahia [...]duzentos e quatro escravos”.*** Pg 73, – GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéos, 1806-1888)

- ***6 tachos e 2 caldeiras***

- ***A Escrituração da troca foi lavrada no dia 02 de março de 1834, na casa do Brigadeiro José de Sá Bittencourt e Câmara, na fazenda Rosa Grande (Caeté-MG). De uma parte estava o Marques de Barbacena e da outra estava o Brigadeiro.*** Pg 25 - Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

***Com a morte do Brigadeiro em 1861, os seus bens foram divididos entre os seus 09 filhos. Porém, “o Engenho Santana veio a pertencer somente a 02 herdeiros; Eduardo e Ernesto de Sá Bitencourt e Câmara, ficando com o primeiro a maior parte, inclusive o local onde se localizava o engenho, no qual já predominava o cultivo do cacau”.*** Pg 26 - Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

***O Coronel Ernesto de Sá Bittencourt e Câmara era o filho mais velho do Brigadeiro. Foi Intendente de Ilhéus por dois períodos consecutivos, 1896 a 1904... Faleceu em 15 de março de 1904.*** Pg27. Pg 24 - Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

- Em 1906, seus herdeiros (do Coronel Ernesto) arrendaram a área por vinte e cinco mil réis, ao Coronel José Felix de Sousa Bittencourt e posteriormente venderam para o próprio ... 1919, a área foi descrito da seguinte maneira:

***uma casa coberta de telhas e um pasto cercado de arame em terrenos contíguos.*** pg 28 - Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso



***Assim sendo, a partir de 1919, a região onde se assentara o Engenho de Santana estava desmembrado.*** Pg 29 - Breve História do Engenho de Santana: a cadeia sucessória de 1537 a 1919 – MONTEIRO – Simone Correia Cardoso

***A aquisição do engenho de Santana pelos Sá Bittencourt e Câmara marca a hegemonia dessa família na região de Ilhéus. A partir da metade do século XIX foram os Sá e seus aliados os donos das maiores propriedades rurais e dos principais cargos políticos do município. (N.O.)***

***Todas as vias de comunicação terrestres e fluviais, em direção ao interior, saindo da costa ou vice-versa, passavam através das terras de um dos membros da família, assim como toda a produção era escoada pelos portos fluviais situados em suas propriedades, fazendas: Castelo Novo, no Almada,***

***Vitória, no Cachoeira e Santana, no rio do Engenho.*** Pg 73 – GONÇALVES, Victor Santos - Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéus, 1806-1888)

***Com a compra do Engenho de Santana, por meio de troca, o cacau passa a ser uma prioridade no engenho, visto que o tio de José de Sá Bittencourt, Ferreira Câmara, que morreu em 1835, era irmão do inconfidente, retorna para Camamu em 1830, e torna-se o grande incentivador do plantio de cacau. O engenho da família Bittencourt em Camamu, já tinha em 1784, 600 pés vingados de cacau. (N.O.)***

### **Ilhéus, porto ilegal para chegada de escravos**

***Os caminhos demonstrados no escrito desse autor setecentista mostram o papel central dos rios para o escoamento de produtos originados da comarca sulista em direção a pontos centrais na Bahia, como a própria baía de todos os santos, a ilha de Itaparica e o recôncavo como um todo, em que era distribuído as farinhas de mandioca, as madeiras para construção, entre outros produtos. Isso fornecia uma ampla vantagem para as atividades econômicas de Ilhéus, ao ponto de que sua posição possibilitaria um contato com o fluxo das exportações transatlânticas. Algo que exemplifica essa hipótese, no cenário do século XVIII, seria o fato dessa mesma região ter se tornado porto ilegal da chegada de escravos após o fim da legitimidade do tráfico de cativos africanos em meados dos oitocentos.*** Pg59 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

***1851 - Outro desembarque ocorreu neste mesmo ano na Vila de Ilhéus, como consta em correspondência do juiz de direito para o Presidente da Província, datada de 31 de janeiro de 1851. No dia 26 desses correntes mês e ano, uma embarcação cruzou o porto natural de Ilhéus com seus canhões preparados para algum inconveniente, em direção ao atual distrito do Rio do Engenho. O juiz novamente não conseguiu identificar a embarcação, que achou ser um palhaborde ou iate. O juiz relata que estava descansando a uma léguas distante da Vila, quando teve conhecimento de uma embarcação que havia chegado ao porto de Ilhéus, ao meio-dia de 25 de janeiro e naquele lugar permaneceu sem que nenhuma***



**providência fosse tomada por parte das autoridades locais. Era o “Hiate ou Palhabote que havia entrado no dia antecedente ao meio dia armado” à direção do rio Santana e somente procurou tomar informações sobre a embarcação quando o juiz voltou de seu “descanso” no dia seguinte. Como de praxe, foi requisitada força policial ao delegado, que conseguiu reunir apenas doze praças sob o comando do sargento Alexandre Francisco Martins.** Pg.11- NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da

*Se as autoridades não se achassem completamente em falta de recursos, como tenho ponderado á V.exa. em meus ofícios de 20 de setembro, e 8 de novembro estariam presos alguns indivíduos da tripulação. É fora de dúvida que estiverão em terra até mesmo [a nossa] chegada, e do delegado; que foi então quando ocultarão-se, e desaparecerão, indo para bordo deste navio, donde á muito fugio [pela] costa a tripulação, tomando uma baleeira que foi vista a barra, e tinha vindo, segundo se afirma acompanhando o Hiate. O certo é que (...) houve tempo para deixarem o navio como consta do auto exame, e busca levando o bote, que no dia seguinte foi embora pela barra com maré, como participou-me o delegado (...).* Pg.12 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da

***Tendo-se dirigido ao local o delegado, o juiz de direito e os praças de polícia, por quais razões a embarcação não foi inspecionada e a tripulação encarcerada? Não existia falta de homens para cercar a embarcação, eram poucos, mas o suficiente para fazer vigiar o iate ou palhabote e apreender a tripulação, caso alguém desejasse fugir durante a noite. Porém, não consta no relatório enviado pelo juiz ao Presidente da Província que o delegado se mostrava uma figura sempre impossibilitada de realizar suas funções, haja vista que, mesmo tomando conhecimento da fuga da tripulação em uma baleeira, nada fez para impedir que aqueles indivíduos fugissem 16. Dos autos que foram feitos a mando do juiz, encontramos indícios de estar a referida embarcação a serviço do tráfico negroiro. (N.O.)***

*Achamos quarenta e duas pipas de aguada, parte cheias...dois ditos com azeite de dendê, um cheio e outro com óbra de uma canada: quarenta e quatro telhas de flandes: cento e dezoito sacas de palha da costa com farinha: dois sacos de alinhagem com dita noventa e nove sacos da mesma palha com feijão...duas braçadas de carne salgada.* Pg.12 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da

*Os produtos encontrados no interior da embarcação são, em sua maioria, alimentos utilizados na “ração” dada aos cativos e que era geralmente consumida pela tripulação. O azeite de dendê, especialmente, estava sendo estimulado pelo governo britânico como uma das alternativas que substituiriam o comércio de escravos na África. O produto pode ter vindo em pouca quantidade, por estar servindo apenas para lubrificação das máquinas do embarcadicho ou para ser comercializado entre a população de origem africana, que absorvia cada vez mais os produtos de sua terra natal (SILVA, 2003, p. 54). Estes comerciantes foram para o comércio de azeite, em parte a fim de se garantir contra a crescente incerteza no tráfico de*



SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*escravos; mas eles também usaram o comércio de azeite para suas atividades escravistas. Um dos problemas centrais para os traficantes no comércio ilegal era a obtenção das mercadorias que seriam utilizadas para a compra de escravos. Anteriormente, eles tinham dependido da compra de bens britânicos na África Ocidental, com pagamento em dinheiro, mas agora tinham considerado mais convenientes obter estes bens vendendo azeite de dendê (LAW, 2002, p. 66). Pg.12/13 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da*

*A Vila de Ilhéus foi um dos últimos lugares do Brasil onde foram realizados desembarques de escravos. Nessa perspectiva, Mary Ann Mahony afirma: “Given the nature of smuggling if it is successful there is little mention of it in the historical record, so the lack of definitive evidence on the presence of newly arrived African slaves in Ilhéus in the 1850 should not be taken to mean that they were not there” (1996, p. 253)<sup>19</sup>. Nota-se também que a quantidade de africanos desembarcados nessa região não foi nada modesta para o período estudado. “Em 26 de janeiro de 1851 um navio negreiro passou pelo porto de Ilhéus e foi em direção ao rio do Engenho de Santana, com um navio britânico na perseguição. Naquele o momento o juiz passou a procurar o navio que pudera ter sido abandonado: mas os oficiais do navio, marinheiros, carga e os registros tinham desaparecidos e não havia sinal dos britânicos. O juiz assegurou aos seus superiores que os escravos não tinham sido descarregados em Ilhéus, mas tinha amplas suspeitas de que alguns foram desembarcados e divididos entre as principais famílias locais. Significativamente, a propriedade que ficava nos dois lados do rio onde ocorrera aquele incidente, fazia parte do Engenho de Santana, pertencente à família Sá” (Tradução do autor). Pg.14 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da*

*O próprio delegado de polícia, o tenente-coronel Egídio Luís de Sá, era membro da família de quem as autoridades suspeitavam ter comprado os africanos. Não seria esta uma das razões que contribuíram para o fracasso não só nesse primeiro como no segundo desembarque? Pudemos perceber que várias omissões foram cometidas pelo delegado durante a repressão ao tráfico. Pg.14 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da*

*Um detalhe que pode esclarecer facilmente a posição do delegado de polícia, o tenente-coronel Egídio Luís de Sá; em 1832, portanto 19 anos antes de 1851, quando ocorreu o tráfico ilegal de escravos; a família do delegado, a Família Sá, tinha comprado o Engenho de Santana do então Felisberto Brant, o Marques de Barbacena. Simplesmente, o delegado burlou as regras e encobriu o tráfico ilegal de escravos de sua família, em pleno ano de 1851, visto que já existia a lei Euzébio de Queiróz de 1850 que proibia o tráfico negreiro. (N.O.)*



**A Vila de Ilhéus foi um dos últimos lugares do Brasil onde foram realizados desembarques de escravos. Nessa perspectiva, Mary Ann Mahony afirma: “Given the nature of smuggling if it is successful there is little mention of it in the historical record, so the lack of definitive evidence on the presence of newly arrived African slaves in Ilhéus in the 1850 should not be taken to mean that they were not there” (op.cit.)<sup>19</sup>. Nota-se também que a quantidade de africanos desembarcados nessa região não foi nada modesta para o período estudado. (N.O.)**

***“Dada a natureza do contrabando se for bem sucedido deixam poucas menções em registros históricos, por isso a falta de provas definitivas sobre a presença de escravos africanos recém-chegados em Ilhéus a partir de 1850, porém isso não significa que eles não estavam lá”.*** (Tradução do autor). Pg.14 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da

***O azeite de dendê, especialmente, estava sendo estimulado pelo governo britânico como uma das alternativas que substituiriam o comércio de escravos na África. O produto pode ter vindo em pouca quantidade, por estar servindo apenas para lubrificação das máquinas do embarcadiço ou para ser comercializado entre a população de origem africana, que absorvia cada vez mais os produtos de sua terra natal*** (SILVA, 2003, p. 54).

***Estes comerciantes foram para o comércio de azeite, em parte a fim de se garantir contra a crescente incerteza no tráfico de escravos; mas eles também usaram o comércio de azeite para suas atividades escravistas. Um dos problemas centrais para os traficantes no comércio ilegal era a obtenção das mercadorias que seriam utilizadas para a compra de escravos. Anteriormente, eles tinham dependido da compra de bens britânicos na África Ocidental, com pagamento em dinheiro, mas agora tinham considerado mais convenientes obter estes bens vendendo azeite de dendê*** (LAW, 2002, p. 66). Pg.12/13 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da

**Nessa perspectiva, estaríamos analisando o tráfico de escravos sob a ótica do comércio bilateral. O azeite de dendê pode ter sido adquirido em grandes quantidades para ser permutado por produtos manufaturados na África Ocidental. Estando com os produtos utilizados no tráfico à sua disposição, os traficantes poderiam tê-los trocado por escravos, logo depois poderiam retornar à Bahia ou para o Sul da Bahia, a fim de vender os africanos do tráfico ilegal. Isso talvez fosse uma das razões para que existisse uma exígua quantidade de dendê na embarcação. Em relação aos africanos que se encontravam naquela embarcação, ficamos num impasse, pois o juiz de direito informou ao Presidente da Província que nenhum escravo havia desembarcado em Ilhéus, mas a pesquisadora Mary Ann Mahony encontrou evidências de escravos naquela embarcação (N.O.):**

**On the 26th of January in 1851 a slaver passed through the Ilhéus port and went right on up river to the Engenho Santana, with a British ship in pursuit. By the time the judge could locate and search the ship it been abandoned: o ship’s officers, sailors, cargo, and records were gone and there was no sign of the British. The judge assured his superiors that no slaves had been unloaded in Ilhéus, but is was widely suspected that several w ere landed and divided among the principal local families. Significantly, the property**



***on all sides of the river was part of the Engenho Santana, belonging to the Sá family*** (1996, p. 251- 252)18 .

***“Em 26 de janeiro de 1851 um navio negreiro passou pelo porto de Ilhéus e foi em direção ao rio do Engenho de Santana, com um navio britânico na perseguição. Naquele o momento o juiz passou a procurar o navio que pudera ter sido abandonado: mas os oficiais do navio, marinheiros, carga e os registros tinham desaparecidos e não havia sinal dos britânicos. O juiz assegurou aos seus superiores que os escravos não tinham sido descarregados em Ilhéus, mas tinha amplas suspeitas de que alguns foram desembarcados e divididos entre as principais famílias locais. Significativamente, a propriedade que ficava nos dois lados do rio onde ocorrera aquele incidente, fazia parte do Engenho de Santana, pertencente à família Sá” (Tradução do autor).*** Pg.13 - NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851- CRUZ - Ronaldo Lima da

- 1855 - Como agravante da situação, podemos considerar a concorrência com o açúcar de beterraba produzido na Europa e a epidemia de cólera morbus, que em 1855, se alastrou pela província da Bahia matando grande número de gente livre e escrava. PG 05 - Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. ANDRADE, Marcelo Loyola de

- 1861 - Morre José de Sá Bittencourt, brigadeiro do exército imperial e enterrado na capela do engenho de Santana, pg 50 – RIBEIRO, Família, Poder e Mito. O município de S. Jorge de Ilhéus (1880-1912).

- O engenho de Santana só tinha 60 escravos

***- Câmara, casado com Anna Gertrudes de Sá, nasceu em Camamu, a 23 de janeiro de 1797. Governou as Armas da Província da Bahia nos seguintes períodos: 1827 a 1829, 1838 a 1839, 1848 e 1851. Presidiu a Província de Sergipe e representou-a na Assembléia Geral. Em 1856, foi nomeado pelo imperador Pedro II como Diretor dos Terrenos Diamantinos da Bahia. Possuía as condecorações da Ordem de Aviz e da do Cruzeiro. Faleceu na vila de São Jorge dos Ilhéus a 18 de outubro de 1861, estando seu corpo sepultado na capela do engenho de Santana, do qual foi o principal herdeiro.*** Pg 50 – Família, Poder e Mito – O Município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912) –RIBEIRO, André Luís Rosa

- “em 1870, o presidente da província, Francisco Gonçalves Martins, declarava que a Bahia depositava grandes esperanças nas comarcas do Sul”. Assim, com o desenrolar da segunda metade do século XIX, um novo impulso econômico começa a ganhar forma naquela região. A política de incentivo à criação de colônias agrícolas, a transferência de senhores de engenhos arruinados do recôncavo para as vilas situadas abaixo da capital da província, juntamente com o desenvolvimento da lavoura cacaueteira vai marcar o início de uma nova fase para a economia Sul baiana. A expansão do cultivo do cacau fez com que esse produto

**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

correspondesse à maior parte das exportações do Estado da Bahia na última década do século XIX. Pg 5- Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. ANDRADE, Marcelo Loyola de. Nesse período a família Sá controlava a vida política e econômica de Ilhéus. Deve ter sido na segunda metade do século XIX que a Família Sá introduziu o cacau nas partes de morro e de mata na região do Engenho de Santana.

1880 – (Inventário) – Rita Constancia de Melo Sá – Fazenda Santa Maria e outros – Dono de Engenho - 1799 - e 1799 e 1822, as entradas de embarcações no porto carioca indicam que o abastecimento de farinha de mandioca, milho e feijão provinham, dentre outras regiões, do Sul baiano. Pg 6- Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. ANDRADE, Marcelo Loyola de. Acreditamos que nesse período, o Engenho de Santana, continuava a ser um dos maiores produtores de alimentos de Ilhéus, farinha, arroz, feijão, algodão. Não conseguimos identificar a presença do milho para exportação, nem do dendê, mas acreditamos que estiveram muito presentes e foram importantes no Engenho de Santana, especialmente o dendê para troca por escravos na África. Devemos observar que esse nome de Santana, teria desaparecido no Século XIX e passado a se chamar Santa Maria.



Enterramento na Sacristia da Igreja de Santana - 1880

- 1884 - João Baptista Homem Del Rey era proprietário do Engenho Santana em 1884, quando foi aberto o inventário da família, por ocasião da sua morte, sendo a fortuna avaliada em Rs. 11:219\$000. Nessa época ele possuía dez escravos (29% da riqueza), terras (44%) e móveis (17%). O engenho era movido por água, possuía alambiques, tachos de cobre, diversas madeiras, cochos e outros bens. Pg8-A EXPANSÃO DOS ENGENHOS NO SUL DA BAHIA: ILHÉUS, SÉC. XIX, Marcelo Loyola de Andrade

- 1896 – A posse do Engenho passa para os herdeiros do Brigadeiro, (SCHWARTZ, 1988, PG.394-398), citado por MARCIS, Teresinha, pg 78, Viagem ao Engenho de Santana

- **A partir do Século XIX passa a utilizar o nome de Engenho Santa Maria (N.O.)**



SALA  
**SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***Othon Coutinho Dias e Alice Maranhão Dias teriam comprado a Sesmaria Santana em 1950, incluindo a Ilha dos Frades e a Fazenda Santa Maria, vieram de Minas Gerais em 1943. (N.O.)***

***Othon morreu em 11.07 de 1956, aos 38 anos de doença de chagas, passando as terras ao controle de D. Alice, que morreu aos 82 anos e está enterrada na Igreja de Santana. (N.O.)***

***Othon e Alice quando chegaram, compraram a Sesmaria de Santana, a fazenda Providência, na estrada Pontal-Buerarema e a Ilha dos Frades. (N.O.)***

***Foram os responsáveis pela vinda da família Alvarenga (barcos menores de carga, puxados por rebocadores) da empresa de exportação de Cacau Debrucel, eram os responsáveis por tirar o cacau e cargas do porto pela barra. (N.O.)***



Othon Coutinho e Alice Maranhão

***“Ainda são raras informações do período de 1896 à 1960, ano em que Othon Coutinho Dias comprou a extensão da sesmaria de Santana”.*** MARCIS, Teresinha, pg 75 – Viagem ao Engenho de Santana

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## Mocambos

*A luta pela liberdade e pela melhoria das condições de vida, sempre foi uma constante no Engenho de Santana, seja por “barganhas”, revoltas, ou conchavos, temos registros desses movimentos, que geraram também a instalação de mocambos ou quilombos na região do Santana e muito mais além na região, um dessas unidades teria sido montado como do Catombo, Catongo, Katombo ou Kakombo. (N.O.)*



<http://www.poeteiro.com/2018/03/historia-do-brasil-os-quilombos-dos.html>

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<https://alekspalitot.com.br/quilombo-do-piolho-resistencia-afro-no/>



Figura 14 – Mocambos do Nordeste, desenho de Percy Lau para *Tipos e aspectos do Brasil*.  
Acervo da biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

<https://br.pinterest.com/pin/519673244493104425/>

SALA  
**SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*Os Mocambos eram comuns na região do Engenho de Santana, o mais famoso teria sido o de Catombo, Catongo Katombo ou Kakombo. (N.O.)*

*"A história da escravidão nas Américas foi marcada por uma resistência escrava ativa e pela criação de formas de sociabilidade, manifestadas através de danças, cantos, religiões ou mesmo reações ao cativo, como ataques aos senhores, sabotagem da produção, defesa das famílias constituídas nas fazendas e fugas. Nesse último caso, os historiadores chegaram a dividi-las em duas formas. A primeira seriam as fugas de ruptura, em que os escravos fugiam das fazendas e engenhos em busca da liberdade, criando quilombos e rompendo com o escravismo. Porém, havia ainda as fugas por reivindicação, em que os escravos fugiam das fazendas, mas sem o objetivo de conseguirem a liberdade. Muitas dessas fugas eram para que o escravo não fosse vendido ou mesmo pelo motivo contrário, que seu senhor se desfizesse dele, pois não tinha interesse em ficar sob seu controle. Outros ainda buscavam conseguir um descanso nas duras rotinas de trabalho. Houve ainda fugas em que os escravos tinham o interesse em mudar as condições de trabalho nos engenhos, pretendendo assim alterar os processos de trabalho e conseguirem uma margem maior de decisão sobre as formas de procederem durante a lida."*

"Resistência escrava: o Engenho de Santana de Ilhéus" em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/resistencia-escrava-engenho-santana-ilheus.htm>

*como visto por Carlos Magno Guimarães nas Minas Gerais do século XVIII, em que identificou a descoberta e destruição de 160 quilombos na área das Minas Gerais entre os anos de 1710-1798. Mas, tais mocambos cresciam com as trocas e barganhas econômicas com outros grupos, mesmo que sendo negócios feitos às escondidas, seja com taberneiros, comerciantes ou escravos das senzalas. O que demonstra a capacidade de construção de redes entre os grupos quilombolas com outros segmentos da sociedade colonial.* Pg144/145 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares





Monjolo comum, na pintura de Alfredo Norfini, utilizado para descascar arroz e moer grãos

***No ano de 1810, o brigadeiro dos reais Exércitos, Felisberto Caldeira Brant Pontes, o Marquês de Barbacena, habilitando-se como credor de Manoel Ferreira e sua esposa, solicitou o levantamento dos bens e da dívida do casal, tornando-se desde então o proprietário do engenho.133 Pag. 72 Durante o período em que pertenceu ao Marquês de Barbacena, os escravos fizeram uma nova rebelião e ocupação do engenho. Na correspondência oficial datada de 14 de julho de 1828, enviada pelo Juiz de Paz João Pereira Guimarães ao Visconde de Camamu, estão registradas as medidas tomadas para socorrer o administrador do engenho que alegava risco de vida. No documento, o Juiz de Paz relata os ataques feitos em mocambos da região, que eram acampamentos formados de escravos fugidos do engenho e de outras fazendas. Nesses mocambos, os escravos cultivavam roças de mandioca e cana para subsistência, que os soldados destruíram para impedir o esconderijo dos rebeldes. Relata também a luta ocorrida contra os escravos que se mantinham dentro do engenho, de onde saíram feridos soldados e escravos. A rebelião acabou com a prisão dos líderes*** (REIS e SILVA, 1989). MARCIS, Teresinha – Viagem ao Engenho de Santana.pg71/72

***Era comum a queixa dos padres de que a imposição de castigos físicos causaria a fuga dos escravos para os mocambos.*** .pg103. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***Entre estas revoltas do XIX, duas teriam novamente o engenho Santana como cenário. Em 1821, quando o engenho estava em posse de Felisberto Caldeira, houve um levante dos escravos – em meio a desordem ocasionada pelas guerras de independência, algo que contribuiu para o movimento desses cativos –, sendo que tomaram a posse das ferramentas e da própria propriedade, o qual permaneceu em suas mãos durante 3 anos – algo parecido com o que ocorrera nos finais do XVIII. Mas em 1824, com o fim da guerra, houve a repressão que ocasionou a retomada do engenho e a fuga dos revoltosos, os quais se aquilombaram nas matas próximas. Com o tempo, esse mocambo foi crescendo e tornando-se o destino de escravos fugidos das fazendas da região, sendo que em 1828 as autoridades executaram uma repressão com o intuito de acabar com aquilo que era visto como um “elemento revolucionário entre os escravos”. Foi encontrado uma ampla produção agrícola entre elas 60 mil covas de mandioca, 6 mil pés de café, 4 mil de algodão, 2 teares, árvores frutíferas, muita farinha feita, sal, peixes e ferramentas de trabalho576, algo que mostra significativa estrutura que se encontrava nesse mocambo.*** Pg164 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares



***Alguns anos após esse movimento de 1789 houve outros dois levantes, um entre os anos de 1821-24 e outro no ano de 1828 em que os fatos chegaram a ser parecidos com os ocorridos nos finais do século XVIII, paralisaram o engenho e tomaram a posse das ferramentas por uma média de três anos, isso nos anos de 1821- 1824.*** Pg08 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

- 1821 - Já nos inícios do século XIX, mais especificamente nos anos de 1821-1824, e quatro anos depois, em 1828, novas rebeliões e atos de resistência tomaram de conta dessa mesma propriedade. As ações chegaram a ser parecidas com as de 1789, paralisaram a produção de cana de açúcar por alguns anos, tomaram a posse das ferramentas e se aquilombaram nas matas próximas, porém, não houve os mesmos registros e documentos como os que foram gerados nos finais dos setecentos. Pg167 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

***Segundo Stuart Schwartz, havia mocambos em todas as áreas da Capitania baiana. As regiões de Camarogipe, Cachoeira, Iguape, Maragogipe, Jaguaripe, Porto Seguro, Cairú, Jacuípe, Camamu, Jacoruna, Rio das Contas, Jacobina, Geremoabo, Rio Vermelho, Itapicurú, Rio Real, Sergipe do Conde, Vila de São Francisco e Ilhéus, tanto no Recôncavo, próximo de Salvador ou como em regiões mais interioranas, eram áreas com conhecida tradição de constituição de comunidades quilombolas*** (Schwartz, 1987).pg 26- GOMES, Flávio dos -UM RECÔNCAVO, DOIS SERTÕES E VÁRIOS MOCAMBOS: QUILOMBOS NA CAPITANIA DA BAHIA (1575-1808)

***De outro modo, a insatisfação dos cativos de Santana naquele contexto de 1841-24, além das questões conjunturais como a guerra pela independência da Bahia, pode ter sido gerada, entre outras coisas - tal como em 1789 - pelo desejo dos cativos de aumentarem suas margens de autonomia no que diz respeito a suas economias próprias. As crises sócioeconômicas da Bahia, principalmente aquelas relacionadas ao abastecimento de alimentos, por exemplo, podem ter feito com que alguns senhores procurassem restringir e controlar mais a economia própria de seus escravos. Ao que se sabe a insatisfação em torno do episódio de 1824 e a conseqüente fuga para o quilombo contou com o apoio de outros escravos de plantações vizinhas. Àqueles quilombolas, constava ao Juiz de Paz de Ilhéus, “se tem ajuntado outros de outros destrictos” (Reis, 1979). A expedição contra esses mocambos de Ilhéus encontrou, de fato, uma economia camponesa solidificada. Três dias depois da primeira entrada foi encontrado outro acampamento dos quilombolas com: “sete ranchos e várias plantações de mandioca, e cana, algodão, duas rodas de pilar mandioca, e dois alquidades de cozer farinha, e uma porção de sal, uma***



**SALA  
SILVA CAMPOS**  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*panela com uma porção de pólvora que teria para mais de três libras”(Idem). A tropa punitiva dando seqüência à perseguição dos quilombolas, numa “distância de uma légua do 2º rancho, achara outra rancharia com quatro casas, e mandiocas que bem se poderia fazer para mais de mil alqueires de farinha”. Quanto à apreensão dos fugitivos pouco conseguiu-se. Depois de cerca de 12 dias de jornada pelas matas de Ilhéus e a destruição de acampamentos dos quilombolas foram presos somente 6 fugitivos, sendo 2 homens, 2 mulheres e 2 crianças. João J. Reis foi quem primeiro (inclusive, publicando o documento de 1828 sobre a expedição contra os mocambos) argumentou sobre a possibilidade de se analisar a gestação de comunidades camponesas a partir desses quilombos. pg 48/49- GOMES, Flávio dos - UM RECÔNCAVO, DOIS SERTÕES E VÁRIOS MOCAMBOS: QUILOMBOS NA CAPITANIA DA BAHIA (1575-1808)*

*“a Bahia, local de grande reduto de escravos negros e de número de fugas, as revoltas escravas estariam associadas ao que os historiadores José Reis e Eduardo Silva chamam de fugas-reivindicatórias. No Engenho Santana de Ilhéus, no século XVIII, os “direitos adquiridos” são desrespeitados e os negros fogem para as matas vizinhas, onde formam um quilombo. 13 (REIS e SILVA, 1989, p. 64). É uma formação resultado de negociações rompidas, e não contra o sistema escravocrata. Em casos semelhantes, o quilombo poderia se tornar uma formação temporária ou permanente, dependendo do atendimento às exigências dos revoltados. O quilombo podia ser pequeno ou grande, temporário ou permanente, isolado ou próximo dos núcleos populacionais; a revolta podia reivindicar mudanças específicas ou a liberdade definitiva, e esta para grupos específicos ou para os escravos em geral”. (REIS, 1995/1996, p.,16).pg 41 - OS QUILOMBOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA Da escravidão a disputa territorial na região da Pedra do Sal no Rio de Janeiro- MELCÍADES, Alexandre Luiz Barbosa*

*A apresentação dessas reivindicações foi realizada por escravos crioulos que haviam parado o trabalho, matado o feitor e adentrado nas matas da região com as ferramentas do Engenho Santana, em Ilhéus na Bahia. Segundo os historiadores Manolo Florentino e Márcia Amantino, as prudentemente chamadas fugas reivindicativas, ou escapadelas, tinham muitas vezes por objetivo final obter pequenas conquistas que incidiram em uma maior autonomia do escravo em seu trabalho, sendo uma melhoria das condições de labor na escravidão. Tal situação seria distinta das fugas-ruptura, em que o objetivo principal seria conseguir a liberdade,*



**geralmente nos quilombos. As fugas reivindicativas representariam uma forma de resistência cotidiana dos escravos.** FUGAS REIVINDICATIVAS DE ESCRAVOS NA COLÔNIA - PINTO, Tales

## Feitores

*Um exemplo claro seria o caso da função exercida pelo feitor, “lugartenente” do senhor e detentor de certo nível de poder de decisão que é delegado pela autoridade central. O senhor do engenho, nesse caso, concedia e distribuía certas competências para o melhor andamento dos trabalhos e para a real execução da disciplina indispensável para estes vínculos sociais. Aqueles que ocupavam o cargo de feitor tinham a função de impor a disciplina e de se usar da violência, contudo, como colocado por Antonil, o senhor deveria permanecer atento para que não ocorressem excessos vindos por parte do feitor, para que não se mostrassem como “lobos carniceiros”... Essa estratégia surtia o efeito de desenvolver uma aparência “paternal e benevolente” por parte do senhor<sup>530</sup>, viabilizando a construção de certo vínculo entre escravos e senhores.* Pg152 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

Estes também eram dispostos de maneira hierarquizada dentro de um engenho, ocupando posições diferenciadas, o que levava a formação de relações distintas para com o próprio senhor – havendo uma maior proximidade de alguns grupos entre os cativos em relação ao proprietário. Essa ordenação se pautava por aspectos de origem e inclusive de categorias de cor. Quando os escravos rebelados propuseram a negociação a Manoel, foi perceptível a maneira em que se referiram aos pretos Minas, com certo ar de desdém; e como visto, de fato haveria esse entendimento hierárquico entre crioulos e africanos. Determinadas funções eram direcionadas para os crioulos, já outras eram encaminhadas para os africanos. Antonil chegou a demonstrar em sua obra certa classificação que era utilizada para estes últimos escravos (N.O.):

*Os ardas e os minas são robustos. Os de Cabo Verde e de São Tomé são mais fracos. Os de Angola, criados em Luanda, são mais capazes de aprender ofícios mecânicos que os das outras partes já nomeadas. Entre os Congos, há também alguns bastante industriais e bons não somente para o serviço da cana, mas para as oficinas e para o meneio da casa.*

*Os encargos que requeriam um uso constante da força e de uma mão de obra puramente braçal eram voltados, não exclusivamente, mas de preferência, para tais cativos. As atividades que necessitava de maior nível de conhecimento e habilidade tendia a ser passado para os crioulos e*





*ladinos – escravos africanos que conseguiram aprender certos conhecimentos –, sendo indicados para exercerem as posições de “caldeiros, carapinas, calafates, tacheiros, barqueiros (...)”, ou era direcionado para os crioulos, que segundo Antonil eram vistos como que “valendo por quatro boçais”. Esses seriam cargos muito cobiçados, ao ponto de serem utilizados pelos senhores como forma de manipular, buscando obter colaboração e bons serviços por parte da população cativa. Estas funções, tanto os serviços de artesãos como de supervisão, em sua maioria, eram ocupados por escravos pardos/mulatos, mas isso chegava à um número de 20%, sendo que o resto era exercido por agregados e trabalhadores não escravos. Contudo, é perceptível que haveria certas brechas e a expectativa de uma ascensão social, mesmo que limitada e reclusa ao âmbito da vida social em um engenho e a condição de escravo, ainda assim seriam fatores cobiçados pelos próprios integrantes das senzalas... pautada nos privilégios, desigualdades e distinções. Ademais, haveria a existência daquilo que é chamado por Fragoso de “elites da senzala”, grupos de pardos cativos que possuíam vínculos – tanto de parentesco como de compadrio – com a nobreza da terra, tendo, assim, status diferenciados se comparado com os demais cativos; por parte dessa nobreza, o fato de se aparentar com pretos e pardos proporcionava a conquista de distinção social – com seus braços armados mestiços/africanos, etc.* Pg153/154 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

### **Linha Sucessória do Engenho de Santana**

- Grande parte dos grandes engenhos, os senhores não habitavam o local, geralmente moravam em Salvador ou mesmo em Portugal, especialmente até o século XVIII, como no caso de Mem de Sá – 1542-1572 – 30 anos, Lucas Giraldi, Fernão Alvares, Condessa (Felipa) filha de Mem de Sá – 1572-1618 – 46 anos; os jesuítas (1618-1759) – 141 anos, há alguns estudos que apontam que os jesuítas só assumiram o engenho 60 anos depois da morte da Condessa, devido uma ação judicial; os jesuítas mandavam padres para o engenho para administrarem o Engenho, geralmente em número de 2, podendo chegar a 4. Manoel da Silva Ferreira – 1770-1810 – 40 anos, Felisberto Caldeira Brant (Visconde de Barbacena) – 1810-1834, 24 anos. A partir da compra pela família Sá (1832-1956?), parece que os donos, pelo menos um da família moraria no engenho. Ao que parece José de Sá Bittencourt Accioli, o Inconfidente e patriarca da Família Sá na Bahia, teria morado no Engenho de Santana, provavelmente após a saída dos jesuítas em 1759, visto que ele ficou responsável por administrar e vender os bens dos mesmos, que acabaram na sua maioria nas mãos de sua família. A venda do Engenho de Santa, só ocorreu em 1770, 11 anos após a expulsão dos jesuítas do engenho e do Brasil.

*- Era comum o processo de endividamento progressivo das elites da terra – no caso dos senhores de engenho –, seja na compra de cativos por meio do*



*tráfico negreiro para haver a expansão da produção que, devido ao contexto macroeconômico, não gerava rendimento significativo. Costumeiramente ocorria a falência de donos de engenho, a perda de suas propriedades na venda com o intuito de sanar seus débitos. Sheila de Castro Faria já demonstrava que raramente havia a permanência de mais de três gerações de uma família na administração de uma fazenda e engenho de açúcar.* Pg19 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

## Mulheres no Engenho

*Aos finais do século XVIII, um censo revelou que o Rio de Janeiro tinha mais mulheres do que homens. Considerando o total da capitania, entre 1779-1789, havia um predomínio feminino na população livre. Num total de 86.526 livres, 52,6% eram mulheres. No recôncavo da Guanabara e Vila de São José, havia mais homens do que mulheres e em Angra dos Reis, mais escravas do que escravos. De 1779 a 1799, se manteve a desproporção entre sexos no conjunto da população livre de Campos, em favor das mulheres. Em Campos, em algumas freguesias, a proporção de escravas era superior. (N.O.)*

*Assim como estiveram à frente de fazendas e outras atividades agrícolas, as mulheres também dirigiram engenhos. Quando fez sua Descrição do Districto dos Campos Goiatacaz, em 1785, Couto Reis recenseou 124 engenhos dos quais 10 pertenciam a mulheres. Para além destas senhoras de engenho, o cartógrafo identificou inúmeras lavradoras, envolvidas com o cultivo de cana. Com pouquíssimas exceções, todas possuíam, no mínimo, um escravo ou escrava, e produziam anualmente milho, farinha de mandioca, mas, sobretudo açúcar. De dez arrobas, como o fazia Paula da Cruz, com um escravo, a 700 arrobas, como Marcela Soares que possuía 13 escravos: duas mulheres e onze homens. <https://historiahoje.com/engenhos-de-acucar-territorio-feminino/>*

*Caso parecido acontece no engenho de Santana, Segundo Schwartz (2001), uma escrava de nome Marcelina, perdeu um dos braços na moenda. Mesmo perdendo um dos membros, a escrava continuou sendo escalada para o trabalho, agora na função de jogar água nas engrenagens da moenda para diminuir o atrito dos tambores de madeira que esmagavam a cana. <http://oengenhodesantana.blogspot.com/2018/10/a-historia.html>*

*- As escravas eram as responsáveis pela moenda, como bem confirma a Declaração dos Revoltosos de 1789, o trabalho feminino era fundamental e de alto risco no engenho. (N.O.)*



***Dentre as estruturas do engenho, estava a casa de moer ou casa de engenho, onde se localizava a moenda; segundo Antonil, o lugar mais perigoso do engenho. (N.O.)***

***“se por desgraça a escrava que mete a cana entre os eixos, ou por força do sono, ou por cansada, ou por qualquer outro descuido, meteu desatentadamente a mão mais adiante do que devia, arrisca-se a passar moída entre os eixos, se não lhe cortarem logo a mão ou o braço apanhado, tendo para isso junto da moenda um facão, ou não forem tão ligeiros para fazer parar a moenda, divertindo com o pejador a água que fere os cubos da roda, de sorte que dêem depressa a quem padece, de algum modo, o remédio. E este perigo é ainda maior no tempo da noite, em que se mói igualmente como de dia, posto que se revezem as que metem a cana por suas equiparações, particularmente se as que andam nesta ocupação forem boçais ou costumadas a se emborracharem. (ANTONIL, p.47), André João. Cultura e opulência no Brasil por suas drogas e minas (1711). Paris: IHEAL, 1968. Pg 184***

***As mulheres, depois do parto ou quando estavam menstruadas, segundo um administrador do Engenho de Santana, "aproveitavam" para escapar das duras tarefas diárias e das obrigações religiosas, alegando que "o cheiro dos mortos na Igreja", prejudicava a saúde neste período (SCHARWITZ, 1988, p. 329). citado por MARCIS, Teresinha, 2000, pg 62 – Viagem ao Engenho de Santana***

***No décimo quarto parágrafo, retomavam questões vinculadas ao trabalho em si, citando o processo de moagem da cana: “Nas moendas há de pôr quatro moedeiras, e duas guindas, e uma carcanha”. As moedeiras eram referentes as escravas que inseriam as canas nas moendas, levando à extração do caldo, o qual era recolhido em um parol e carregado em guindas, sendo derramado em caldeirões para a fervura. As cativas responsáveis para a tarefa das guindas eram chamadas de guindadeiras; já a “Carcanha” ou “calcanha” eram as que mantinham os lampiões acesos, além de tirarem a espuma dos tachos. Pg109/110 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .***

***Submetido a tarefas repetitivas, desprovidas, em si, de qualquer sentido, o escravo era levado à loucura. Muitos observadores da época anotaram esse problema, considerando a moenda o lugar mais perigoso do engenho: “porques por desgraça a escrava que mete a cana entre os eixos, ou por força do sono, ou por cansada, ou por qualquer outro descuido mero desatentadamente a mão mais adiante do que devia, arrisca-se passar moída***



**entre os eixos". Segundo Antonil.** pg 164– FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

**As mulheres tinham preço baixo, eram adquiridas em menor quantidade e, além do serviço doméstico, trabalhavam especificamente em algumas tarefas (moenda, purga, balcão de peso).** Pg 203 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e

Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

-Entre 1730-1745, uma série de administradores jesuítas seguiu uma política de promoção de **casamentos**, que produziu uma comunidade escrava caracterizada por alta proporção das unidades residenciais comandadas por casais. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho\\_de\\_Santana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Engenho_de_Santana)

- a brasilianista Mary Ann Mahony traz a seguinte informação:

**“Em 1828, o contingente de escravos do Engenho Santana estava, de acordo com Stuart Schwartz, “bem equilibrado, com 109 homens e 113 mulheres”. Na fazenda de João Segismundo Cordier, havia sete escravos, quatro homens e três mulheres, em 1849. O contingente de escravos da Fazenda Victória compunha-se metade de homens e metade de mulheres em 1857: dos cento e doze escravos na propriedade, cinqüenta e seis eram homens e cinqüenta e seis eram mulheres. De forma similar, em 1861, no Engenho Castello Novo, havia vinte e seis mulheres e vinte e oito homens”.**

Pg08 – Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890 – ANDRADE, Marcelo Loyola

**Para as tarefas das moendas, da casa de purgar e do balcão de mascavar e pesar eram designadas mulheres** – pg 207 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O

Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

**Homens e mulheres aravam, plantavam e limpavam os canaviais igualmente, mas na colheita os homens cortavam a cana, enquanto às escravas cabia amarrar os feixes.** Pg 207 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo

dos Engenhos no Nordeste Colonial.

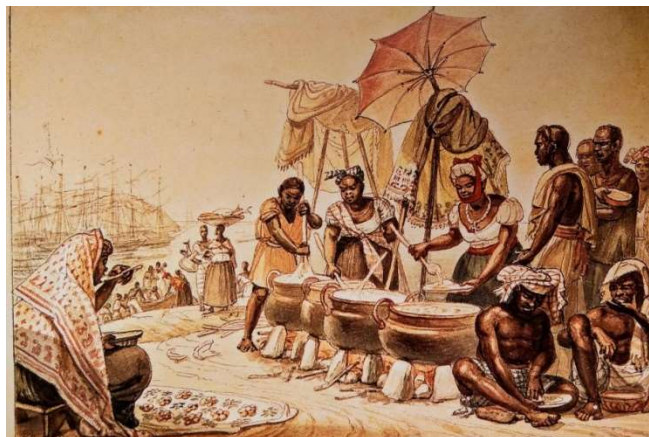
**Para as moendas eram designadas, normalmente, mulheres. Duas escravas deveriam encarregar-se, por turno, da limpeza da canas, que consistia na retirada das palhas e na lavagem dos roletes. Uma terceira cuidava de arranjar a cana perto da moenda, de forma a ficar acessível às moedeiras. Estas tinham a tarefa mais perigosa do engenho. Meter as canas entre os rolos. As mulheres designadas, duas necessariamente, passavam a cana e repassavam o bagaço, de modo a retirar todo o caldo. A repetição dessa atividade levada ao descuido e ao sono, o que poderia ser fatal, pois os**

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**movimentos dos rolos tragava a trabalhadora, vítima frequente desse acidente.** - pg 206 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

**Uma escrava (ou duas) para retirar o bagaço, jogando-o no rio ou na bagaceira para ser queimado.** - Pg 208 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

**... as principais domésticas eram escravas, envolvidas em diversas atividades como amas-de-leite, lavadeiras, cozinheiras, ganhadeiras, dentre outras. Este trabalho é bastante revelador do cotidiano dessas cativas, das lutas travadas por elas frente às imposições das autoridades e de suas formas de resistência na Bahia.** pg 02 – Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890 – ANDRADE, Marcelo Loyola



Trabalho das escravos nas cidades, junto ao porto



Jean Baptiste Debret – 1827 – Negras forras - <https://www.colegiocemp.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Apostila-de-Hist%C3%B3ria-pag.-16-a-23.pdf>

## Canavial

- Trabalho no canavial - Pg 203 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Chegada a época da safra (entre agosto e maio) os escravos eram organizados em duplas (um homem e uma mulher) para o corte.*** Pg 203 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. O homem cortava e a mulher carregada, era o que chamava de foice.

***Homens e mulheres aravam, plantavam e limpavam os canaviais igualmente, mas na colheita os homens cortavam a cana, enquanto às escravas cabia amarrar os feixes.*** Pg 207 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.



Escravos cortando cana. Nota-se que tanto homens e mulheres exerciam tal tarefa, pois erroneamente pensava-se que apenas os homens cortavam cana, embora que na maioria das vezes eram os homens que trabalhavam no canavial. <https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2013/12/o-engenho-e-o-fabrico-do-acucar-no.html?m=0>

***O trato dos canaviais era árduo. Iniciava-se com a derrubada e queimada da mata, trabalho para o qual não eram designadas mulheres. A tarefa de limpar a terra, tirando tudo que podia servir de embaraço, era o passo seguinte, feito igualmente por homens e mulheres...Depois de plantadas as canas, havia que continuamente limpar os terrenos.*** Pg 203 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

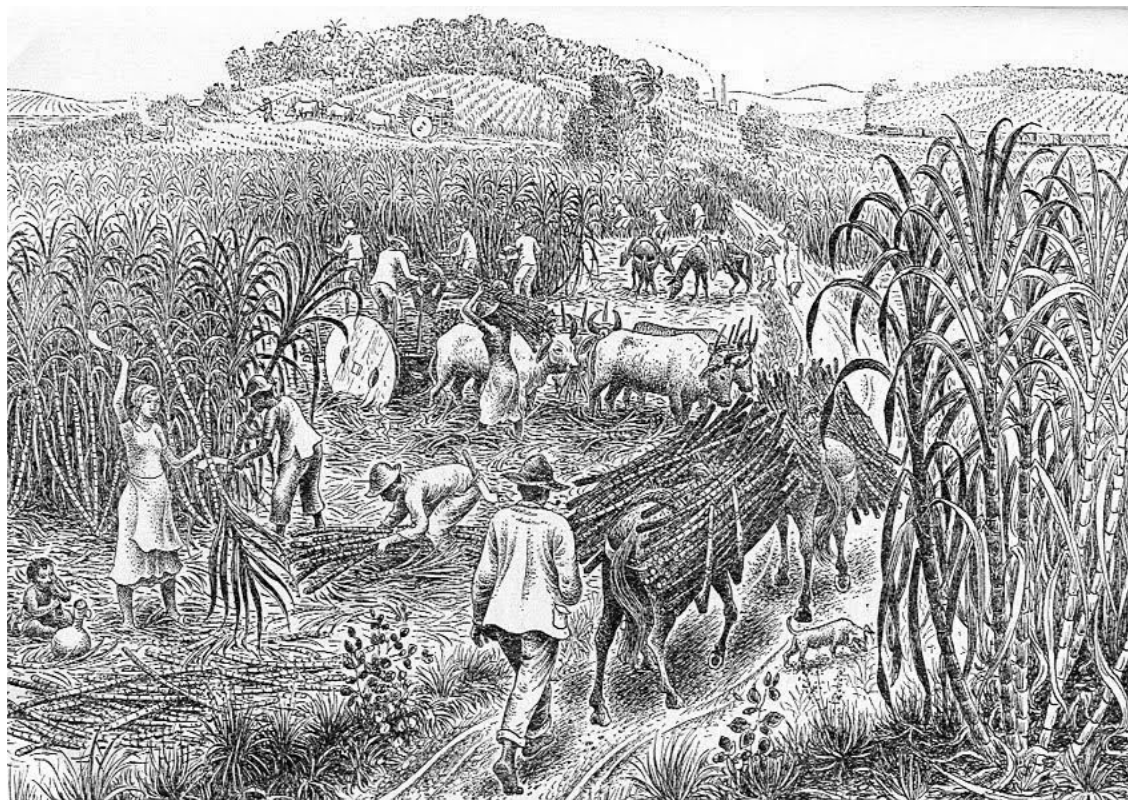
# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*Desse modo, apenas os terrenos situados entre o núcleo do engenho e o limite da sesmaria na direção do mar poderia ser cultivados. Quando essas terras se viram esgotadas, foi necessário adquirir novas áreas em locais que permitiam a interligação através da rede fluvial navegável. Primeiramente, foram adquiridas as terras do antigo Engenho Esperança, remanescente da primeira fase da economia açucareira na vila de Ilhéus, situado nas margens do rio Fundão (ANTT, CJ, 68:306). Posteriormente (início do século XVIII), o padre Manuel de Figueiredo obteve as terras do Getimani, localizadas nas margens do rio Taípe, atual Almada, nas curvas próximas ao atual distrito de Sambaituba (ANTT, CJ, 68;343). Apesar da relativa distância, navegava-se em maiores percalços pelas vias fluviais, à exceção do pequeno trecho que deveria ser transposto por terra, entre o rio Taípe e o porto de Itacanoeira, no rio Fundão, necessário para transportar as canas lavradas nas terras do Getimane.* pg 102 - Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de

Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

DIAS, Marcelo Henrique.



<https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2013/12/o-engenho-e-o-fabrico-do-acucar-no.html?m=0>

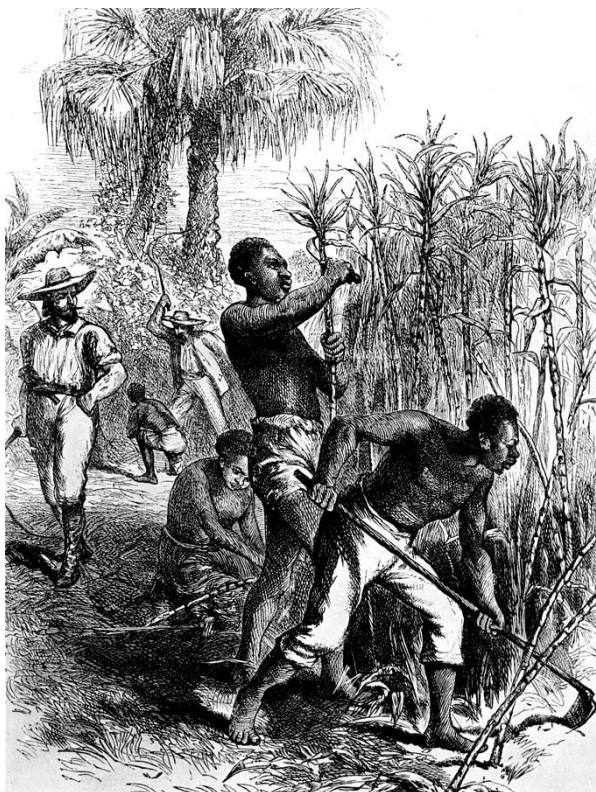
# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

***“depois de cortadas, elas precisavam ser processadas em no máximo 48 horas, sob pena de seu suco azedar”*** (CABRAL, 2014, p.143-144) – Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique, pg100.

***À época de Antonil, cada “foice” deveria cortar sete mãos de cana, sendo os feixes de 12 canas, o que representava o corte de 4.200 canadas, ou 350 feixes. Para se ter uma idéia da quantidade, esse montante equivalia a mais de dois carros de cana”.*** Pg 203/204 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.

***Não apenas a quantidade de canas a cortar sacrificava o trabalhador. Muitas vezes, a região dos canaviais era insalubre e tornava a tarefa difícil. Os escravos revoltosos estabeleciam que: “O canavial de Jabirú o hierios aproveitar por esta vez, e depois hade ficar pa. Pasto porque Pião podemos andar tirando canas pa. entre mangues”.*** Pg. 205 – FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial.



<https://www.coladaweb.com/geografia/plantation>

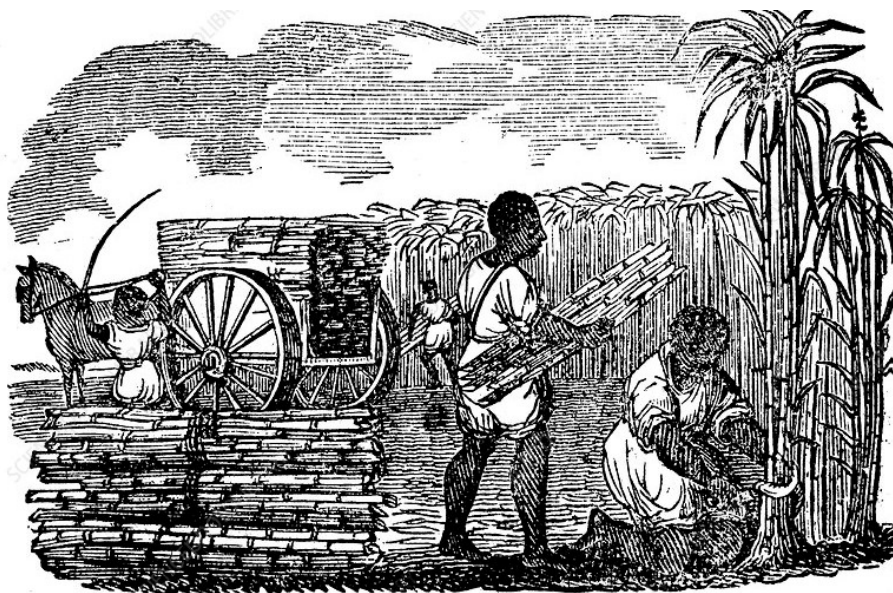
***No Tratado de 1789, os rebelados reivindicam que: “A tarefa de cana há de ser de cinco mãos, e não de seis, e a des canas em cada freixe”,***



# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*além de reduzir para 250 canas por feixe. Antonil, analisa o final do século XVII e início do XVIII, quando a quantidade era maior.*



<https://www.alamy.es/los-esclavos-la-cosecha-de-la-cana-de-azucar-en-luisiana-1833-artista-desconocido-image186106359.html>

*A quantidade de feixes e canas cortadas por escravo era muito elevada, como mostra o próprio Tratado de Paz de 1789. A revolta contra os manguês, canal de Jabirú, mostra que tais áreas que antes com os jesuítas não deveriam ser utilizadas, talvez para arroz. (N.O.)*

*Desde o cultivo até a colheita da cana, o trabalho, segundo variadas fontes, era extremamente extenuante, entrando noite adentro e chegando a atingir de 18 a 20 horas de trabalho contínuo, sob péssimas condições de vestimentas, de alimentação e tendo castigos severos. Sem embargo, a atividade dependia de fatores climáticos, e de certo planejamento dos trabalhos. A distribuição das funções e responsabilidades, a estipulação de cotas diárias de cana e dos serviços prestados, os escravos que iriam ocupar determinados afazeres e etc. tudo isso englobava a cadeia produtiva do **engenho**. Pg151 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares*

## Mandioca e Farinha

*“Na planta de mandioca, os homens queremos que só tenham tarefa de duas mãos e meia, e as mulheres de duas mãos. A tarefa de farinha há de ser de cinco alqueires rasos, pondo arrancadores bastantes para estes servirem de pendurarem os tapetes.”*

Trato de Paz



**- A mandioca era considerada o “pão da terra”**

***A mandioca, vista como uma das principais espécies alimentícias da dieta da América portuguesa dos setecentos, usada na produção de farinha, beijus/tapiocas, pirão, etc., era a principal fonte de carboidratos desse período<sup>351</sup>. Era cultivada pelos escravos do Santana para a finalidade do consumo interno, tanto para a mão de obra cativa, quanto para os demais sujeitos que atuavam no funcionamento do engenho. Aqui é perceptível o modo como era dividido e disciplinado a ordem dos trabalhos, visto que as quotas diárias de tarefas que eram executadas permaneciam medidas em “mãos”, um tipo de recurso mnemônico que facilitava a memorização e aprendizagem da quantidade que era cobrada diariamente.*** Pg104 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

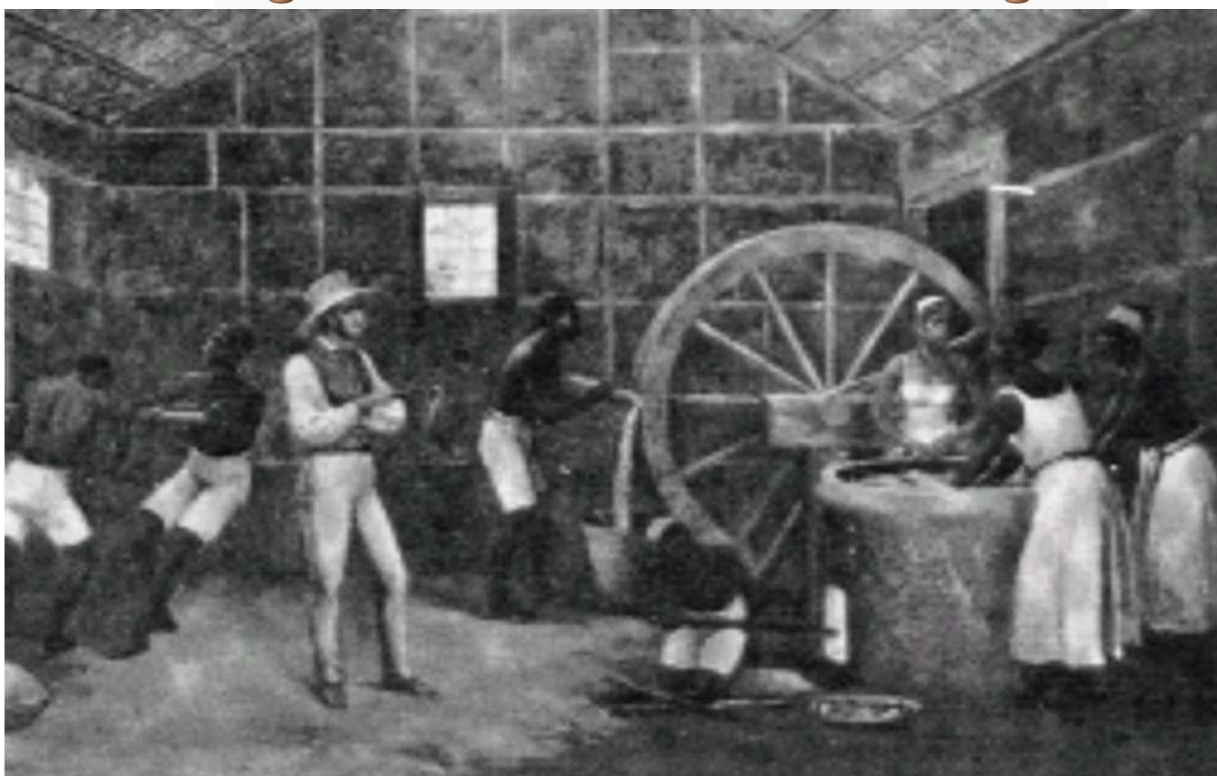
***Segundo Schwartz: O alqueire é uma medida de capacidade para sólidos igual a 36,27 litros, ou aproximadamente um bushel inglês. Os tipitis (“tapetes”) são as cestas longas e tubulares usadas para espremer a farinha de mandioca úmida para filtrar os venenos naturais nela contidos.*** Pg104 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

***Dessa forma, se um alqueire representava 36,27 litros, os escravos estabeleciam uma produção de 181,35 litros (36,27 x 5). Acerca dos tapetes, era pedido um número suficiente de “arrancadores” para pendurarem os tapetes que faziam a função citada pelo brasileiro: filtrar os venenos naturais da farinha de mandioca. O fato de pedirem “arrancadores bastantes” dá a impressão de que não era utilizado, até aquele momento, dessas ferramentas em uma quantidade considerada como razoável pelos cativos, com isso, o pedido desses instrumentos em um nível considerável poderia ser interpretado como o desejo de ampliar a produção de farinha, ou simplesmente, terem ferramentas adequadas e em bom número para a atividade.*** Pg105 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

**- As condições no interior dos engenhos e casas de farinhas eram úmidas e insalubres, favorecendo a proliferação das doenças.** (Brasil 500 anos, Vol. 7, p. 402).

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Casa de farinha com roda d'água para ralar a mandioca, parecida com a do Engenho de Santana que 3 rodas e teria chegado a mais.

- 1753- No ano seguinte, o padre Jerônimo da Gama informava que a casa estava quase em ruínas, com apenas uma roda d'água para ralar. pg110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***pretendia construir uma nova casa com duas rodas d'água para moer mandioca, pois, "em algum tempo havia três [rodas].*** pg110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***No ano seguinte, o padre Jerônimo da Gama informava que a casa estava quase em ruínas, com apenas uma roda d'água para ralar, o que não dava expediente aos escravos em dois dias por semana para a sua farinha, e perdia o Engenho muitos dias de serviço em cada semana.*** Pg110 - DIAS, Marcelo Henrique. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. (grifos nosso)

De acordo com os relatos dos padres jesuítas, não era esse o caso do Santana. Sua casa-de-farinha ficava no mesmo complexo dos demais engenhos, ao que tudo indica, conformando a última oficina entre as demais e as casas-de-vivenda. Assim como os demais "engenhos", era movido por uma roda d'água. A respeito do maquinário, é bem elucidativo o inventário do padre João Cortês, de 1752:

***Tem roda de água para ralar mandioca com seus ralos de cobre gastados. Tem os cochos precisos para fazer farinha. Tem 3 alguidares de cozer***

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**farinha assentados; um de cobre, e dois de barro. Tem 13 tapetes para espremer a massa, e uma gurupema [peneira de palha] para coar. Tinha mais o engenho outro alguidar de cobre [...]** (ANTT, CJ, 54: 52) pgs. 109/110.

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**podia ser pranchões de jacarandá, caixarias para o açúcar, peças de construção naval, como couçoeriras, e até troncos de cedro torneados para o trabalho de santeiros** (ANTT, CJ, 71: 142). pg109.

Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.



Produção de farinha – IBGE – Brasil 500 Anos

**Enquanto nas zonas mais dinâmicas da produção açucareira, como Pernambuco e o Recôncavo baiano, a primazia da produção de açúcar relegava a segundo plano a produção de subsistência e sua estrutura de produção, a condição de “engenho e fazenda” do Santana soerguia a casa-de-farinha a um patamar de maior importância.** pg109. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**Sabemos, de acordo com o inventário do Engenho feito após o falecimento de Mem de Sá, em 1572, que havia um engenho de mó, servindo para o beneficiamento da mandioca na produção da farinha** (INSTITUTO, 1956-63,

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

v. III, p. 88). pg109. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***Para suprir a demanda, pretendia construir uma nova casa com duas rodas d'água para moer mandioca, pois, "em algum tempo havia três [rodas]" (Idem). Constatou-se, à vista disso, que os escravizados se apropriavam de uma parcela significativa, senão a maior, da produção. Tinham prioridade para usar a casa-de-farinha, mesmo que isso representasse prejuízo para os rendimentos do Engenho.*** DIAS, Marcelo Henrique, pg.110. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.

***Analisando a representação dos engenhos de farinha nas obras do pintor holandês Frans Post, Mariza de Carvalho Soares destaca que cabia às mulheres a tarefa de arrancar, transportar e descascar a mandioca que em seguida seria transformada em farinha pelo trabalho dos homens<sup>29</sup>. Não podemos descartar, no entanto, a possibilidade dessas escravas estarem ocupadas nas lavouras de cana, arroz, cacau ou na agricultura de subsistência, cultivando hortaliças, feijão, dentre outros, ao lado de suas companheiras libertas.*** Pg 14 - Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. ANDRADE, Marcelo Loyola de



Produção de farinha – Para entender a história

***Mas, é perceptível e notável o fato de que no engenho Santana o cultivo de mandioca possuía seu espaço entre as atividades centrais e tendo um***



**papel importante para a alimentação dos cativos.** Pg105 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

**Contudo, havia o principal gênero alimentício que era empregado na alimentação cotidiana da sociedade colonial e principalmente da população baiana: a farinha de mandioca. Era tido como o “pão da terra”<sup>99</sup>, pois em toda prática da culinária ela era utilizada: desde o preparo da farofa ao pirão, até à refeição feita de charque com farinha, este produto era manuseado e degustado. Além de ser de consumo democrático, pois tanto à elite da terra como a população pobre e escrava possuíam uma dieta regrada desse alimento.** Pg34/35 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares .

- 1730 – Carta de padre Manoel de Figueiredo – 07.08

- Não tem galpão de telha para guardar 4 alqueres de farinha e arroz

**A mandioca, vista como uma das principais espécies alimentícias da dieta da América portuguesa dos setecentos, usada na produção de farinha, beijus/tapiocas, pirão, etc., era a principal fonte de carboidratos desse período. Era cultivada pelos escravos do Santana para a finalidade do consumo interno, tanto para a mão de obra cativa, quanto para os demais sujeitos que atuavam no funcionamento do engenho** Pg.104 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

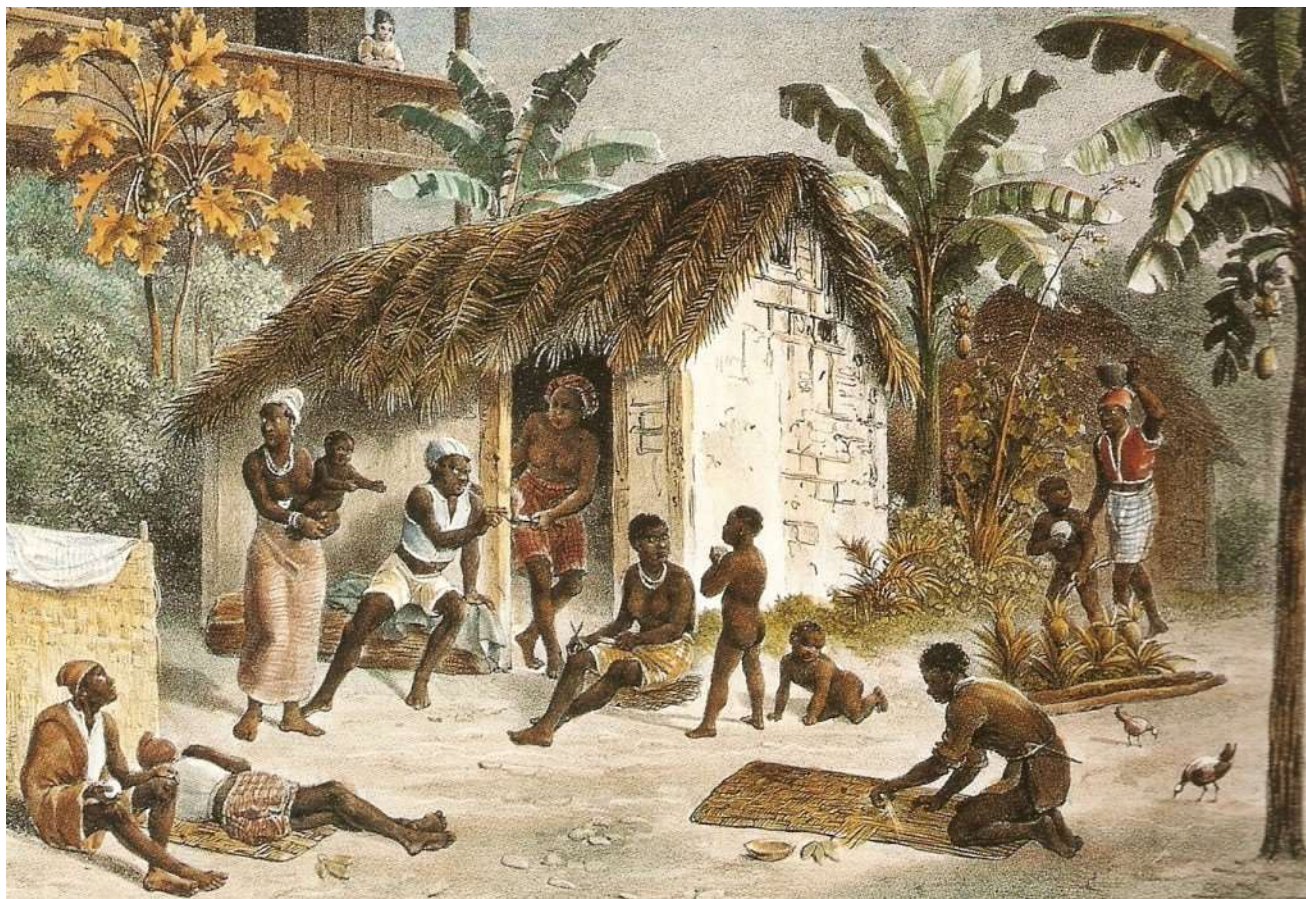
**Segundo Antonil, as quotas de mãos para o trabalho com a cana era estipulado da seguinte maneira: em dupla – um cativo e uma cativa – era executado o corte da cana, sendo que o escravo era responsável pelo corte e a escrava por amarrar os feixes; cada feixe era formado por 12 canas... sendo que cada feixe permaneceria com 10 canas e não 12. Ou seja, os revoltosos desejavam uma quota diária de 2.500 canas, ao contrário da anterior, de 3.600. Ambicionando uma redução de 30% na quota.** Pg.105/106 - Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789).PINTO - Andrey Soares

**Deveria “mandar fazer as tais farinhas que puderem fabricar, para com elas resgatar escravos em Angola”.** pg 183– FERLINI, Vera – Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial. Conde de Linhares, dono do Engenho de Santana.

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

## Senzala



***Habitação de negros. Rugendas, 1822-1825. Em algumas fazendas podíamos encontrar escravos com casa própria, embora fossem residências medíocres.***

<https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2013/12/o-engenho-e-o-fabrico-do-acucar-no.html?m=0>

***No Engenho de Santana, as senzalas ficavam no topo do morro, ou seja, longe dos olhares dos senhores de engenho e dos jesuítas, ao contrário do restante do país, onde os senhores ficavam controlando as senzalas. No Engenho de Santana, estudos de Marcelo Henrique Dias e do arqueólogo Walter Morales, mostram as senzalas em cima de um morro, longe da Casa dos jesuítas e do Engenho. (N.O.)***

***Apesar de informações de outra casa grande, no meio do morro, não observamos evidências arqueológicas ou informações de pesquisadores da área, o que deve ter ocorrido, foi a reutilização da Casa dos jesuítas por parte dos feitores, já que os senhores de engenho, com exceção dos Sá, não moravam no Engenho. (N.O.)***

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

*“Casa da senzala situavam-se em um morro íngreme, dispostas em três fileiras ou ruas, e não eram visíveis da residência do administrador, situação que deixava os cativos com demasiada liberdade, na opinião dele”.* (SCHARWITZ, 1988, PG 329), citado por Marcis, Teresinha, pg 52. Viagem ao Engenho de Santana

*Incorre, porém, que no Santana as “senzalas”, ficavam no alto do morro, tendo aos pés a casa dos padres. Segundo o padre Jerônimo, as casas dos escravos ficavam em um local elevado “como o castelo de Lisboa [...] em duas ruas e meia de Leste a Oeste, mais outra para a parte de Leste”* (ANTT, CJ, 54: 22). DIAS, Marcelo Henrique, pg.116. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.



Tijolo antigo da época do Engenho





# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

Corais encontrados que serviam para tinta



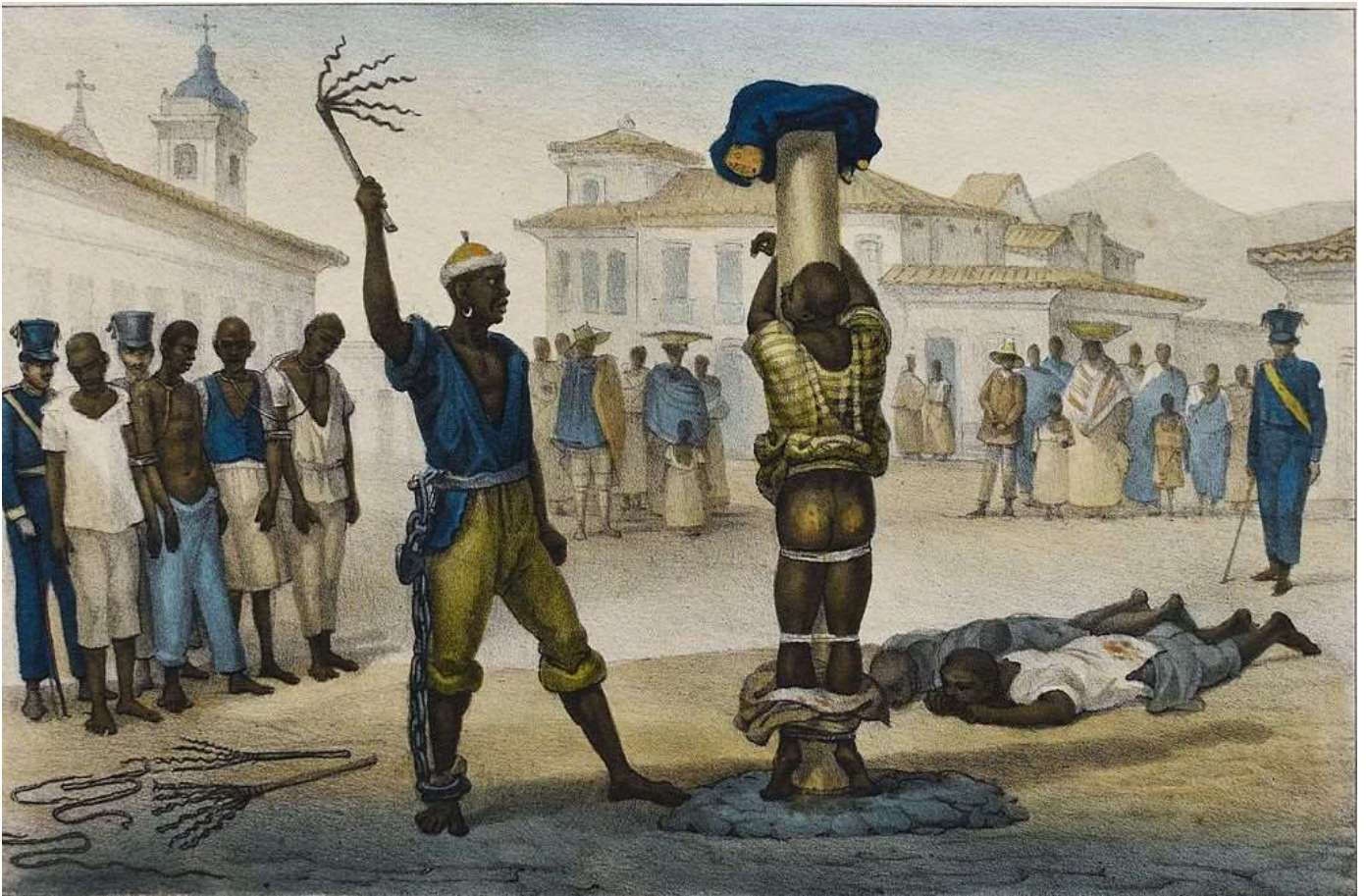
Tijolos e piso encontrados

***Viviam em unidades de moradia, agrupados em famílias de fato ou artificialmente arranjadas. O casamento entre eles era incentivado pelos jesuítas por várias razões de ordem moral, social e econômica: além do cumprimento do sacramento católico, promovia a geração de “crias” e a consolidação, pela família consanguínea e pelo compadrio, de uma rede de ajuda mútua que minimizava a obrigação dos jesuítas quanto ao tratamento de doentes e quanto ao sustento do grupo. Nessas condições, se estabeleceram laços de parentesco e de solidariedade que se mantiveram por gerações e consolidaram a comunidade.*** .pg103. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***Era comum a queixa dos padres de que a imposição de castigos físicos causaria a fuga dos escravos para os mocambos.*** pg103. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/alem-do-tronco-10-metodos-atrozes-utilizados-nos-engenhos-escravistas.phtml>

Eram evitados castigos físicos no período jesuíta no Engenho Santana?

As informações dão conta que sim, pois temiam revoltas e fugas.

***Nos relatos sobre fugas episódicas, os padres não fazem menção a qualquer tentativa de resgate, cabendo apenas esperar o retorno dos homiziados.***

pg103, DIAS, Marcelo Henrique - Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana..

***Incorre, porém, que no Santana as “senzalas”, ficavam no alto do morro, tendo aos pés a casa dos padres. Segundo o padre Jerônimo, as casas dos escravos ficavam em um local elevado “como o castelo de Lisboa [...] em duas ruas e meia de Leste a Oeste, mais outra para a parte de Leste” (ANTT, CJ, 54: 22). pg116. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.***

***O local, como denunciava o mesmo padre, ficava “fora dos olhos do superior”, impossibilitando a vigilância sobre os seus moradores.***



***Paradoxalmente, os escravos, estes sim, podiam “controlar” visualmente qualquer movimento que ocorria nas imediações da casa de vivenda, nas fábricas ou na capela. ).*** pg116. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**Essa disposição, que diferenciava o Santana de outros engenhos, sugere um papel central dos cativos na manutenção da segurança de todo o complexo produtivo.** pg116. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**em tempo chuvoso, as ruas eram inacessíveis, pois as ladeiras ficavam intransitáveis. Era impossível até mesmo acudir aos doentes e administrar-lhes os sacramentos nos momentos derradeiros, pois os escravos estavam acostumados a ficarem em suas casas quando doentes, sob os cuidados de um familiar (ANTT, CJ, 54: 22).** . pg117. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**Por outro lado, em razão do problema do acesso à mão-de-obra especializada de oficiais livres, como mestres-de-açúcar, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros etc., se recorria empenhadamente ao investimento na formação de oficiais escravos. Dessa forma, também participaram ativamente dos processos construtivos e de manutenção dos edifícios, maquinarias, embarcações, carros etc.** pg118. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***As construções não deveriam fugir a regra das palhoças de taipa ou pau-a-pique também comuns a outros engenhos jesuíticos, onde a vida em família Especiaria - Caderno de Ciências Humanas. v18, n.33, jul/dez. 2018 119 era incentivada.*** pg118. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

***As senzalas foram palcos de diversos atores que a esmagadora maioria não deixaram seus nomes na história, porém, construíram e desenvolveram o Engenho de Santana. Gregório Luís, um dos líderes da Revolta de 1789, teve seu nome na história, mas os outros 15 líderes, não tivemos acesso aos seus nomes. Outros nomes que aparecem são em inventários. As negociações, relatadas pelos jesuítas, “barganhas”, conquistas e constante luta pela sobrevivência marcavam o dia a dia do Engenho de Santana, um dos maiores engenhos do Brasil Colônia.***  
(N.O.)

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Estrutura das senzalas do Engenho de Santana



Porcelana encontrada nas estruturas da antiga senzala



Mulheres de açúcar: revirando o baú – História hoje –DEBRET -



© jantar no Brasil. DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1989. Tomo 2, prancha 7



# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

Negras forras e o comércio urbano colonial. Negras forras

## Cultura

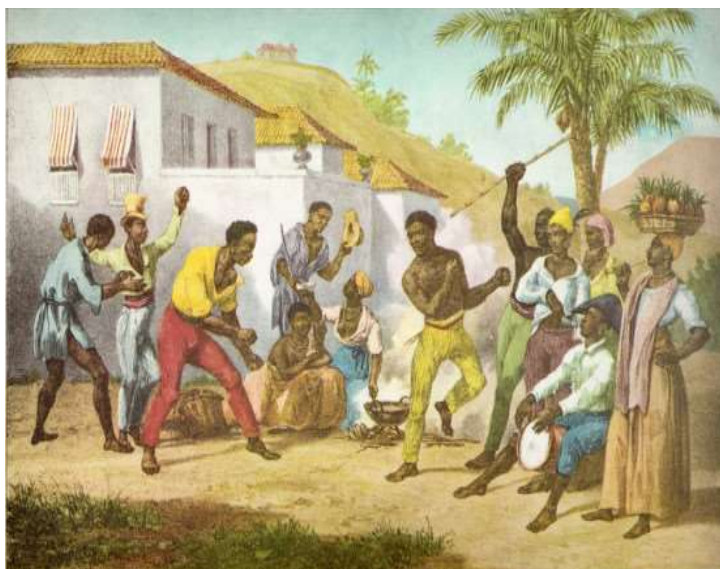
***No que tange à produção da cultura material e a gestão dos espaços, deve-se estar atento, portanto, às expressões de tensão, conflito e acomodação mediadas pelos suportes físicos dos espaços de trabalho, moradias, cultos e outros tipos de convivência.*** pg103. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

- Cantos música, dança, teatro, capoeira, etc.

## Capoeira, dança, luta e resistência



Capoeira – Para entender a História



História do Mundo – Luta de escravos

SALA  
SILVA CAMPOS  
PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

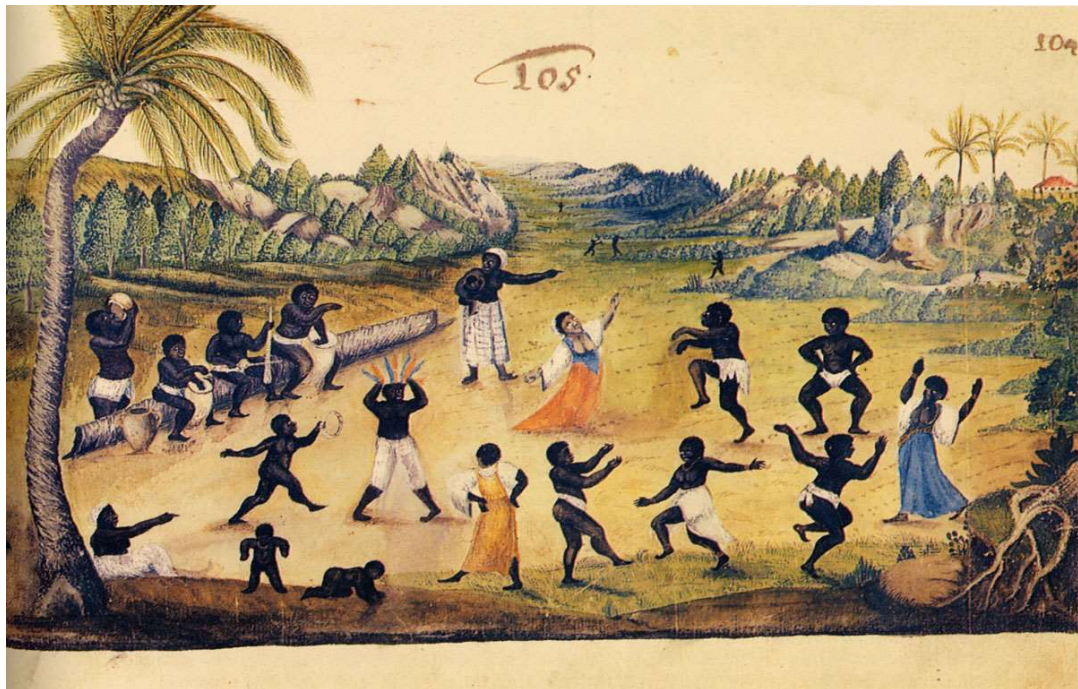


Aprendendo com a história da capoeira - Portal do professor



Jogo de Capoeira de Rugendas

## Rituais religiosos de matriz africana



Práticas tradicionais de caráter religioso afro – Universidade Federal do Paraná

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL



Práticas tradicionais de caráter religioso afro - Universidade Federal do Paraná

***O outro lado da história é que, segundo alguns documentos que foram levantados pelos pesquisadores Ana Cláudia e Márcio Goldman, da Universidade do Rio de Janeiro, este terreiro teve início em 1885. Foi quando Tiodolina Félix Rodrigues, lakidu, abriu, em uma localidade denominada Catongo, em Ilhéus, o candomblé chamado Aldeia de Angorô. Ela ficou à frente desse terreiro até 1914, ano de sua morte. Da Porteira para Fora, o mundo de preto em terra de branco – PÓVOAS, Ruy do Carmo, pg 58***

***Este terreiro, o Tombenci Neto, é o mesmo terreiro de minha família materna. De início, funcionou em vários lugares. Começou com Teodolina lakidu, funcionava num local chamado Catongo<sup>1</sup>. Esse lugar ficava para as bandas do Rio do Engenho. Era lá onde a minha avó vivia. Na época, ela chamava aldeia, não chamava terreiro. E nessa aldeia, ela acolhia escravos fugidos. Então, ela trabalhava no candomblé, nesse lugar. PÓVOAS, Ruy do Carmo, pg 60***

## **Meio Ambiente**

***O investimento constante em reparos e reconstruções associa-se ao alto nível das intempéries presentes naquele meio ambiente. Além da umidade excessiva característica da Mata Atlântica, que apodrecia até mesmo as***

<sup>1</sup> Catongo, por não saber a grafia e forma correta, pode também se referir a: Catombo, Katombo ou Kalombo. Nota do Organizador.

# SALA SILVA CAMPOS

PESQUISA EM HISTÓRIA LOCAL

**melhores madeiras.** pg106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**as frequentes e intensas chuvas causavam perdas materiais pelo efeito das cheias do rio e das enxurradas que desciam do morro, motivo da destruição de parte da capela, em 1674** (ANTT, CJ, 54: 7). pg106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

- 1731, o padre Pedro Teixeira lastimava pelo trabalho que teria para consertar o balcão da casa de purgar, “com quase todas as tabuas podres”, assim como os cochos de armazenar o melado. Já a casa de alambique, edificada junto à de purgar, também de madeira, encontrava-se da mesma forma “podre e toda cheia de buracos” (ANTT, CJ, 15: 23). pg106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.

**Naquele ambiente de alta lubricidade, insetos e crustáceos também contribuía para tornar a vida humana no Santana um exercício incessante de fazer e refazer as estruturas de produção e de convivência. O mesmo padre Teixeira reclamava das brocas que consumiam as pipas de aguardente. Já o padre Jerônimo da Gama (1753) se insurgia contra os guaiamuns que se entocavam por sob a canaleta de captação de água, chamada de aqueduto, exigindo constantes reparos. Comparava que essa estrutura estava mais arruinada no Santana do que no engenho de Sergipe do Conde, pois, no engenho de Ilhéus estava construída abaixo de grandes barrancas, pelas quais se precipitava em breves espaços; “[...] e as casas que fazem os guaiamuns, espécie de caranguejo, dão entrada à água que pouco a pouco vai comendo a terra e abre grandes cavidades pelas quais se despenha ao rio e diminuem muito a muita água necessária”** (ANTT, CJ, 54: 22). **A solução definitiva passava por uma nova construção: um paredão na parte do rio que não pudesse ser furado pelos guaiamuns, “tão nocivos”.** pg106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique. (grifos nosso)



Guaiamum, atual, próximo da antiga canaleta que leva água para o Engenho de Santana, fundos do Memorial de Santana





***Por conta da imposição de se realizar obras contínuas de manutenção, construção e reconstrução, os padres eram levados a investir na formação de mão de obra especializada entre os próprios escravizados. No inventário do padre Teixeira aparece dois ferreiros, “aplicados a esse ofício há bastantes anos”, um oleiro, dois calafates e um pedreiro, “que não sabe nada, mas é o que bem tapa os buracos” (ANTT, CJ, 15: 23). pg106. Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana. DIAS, Marcelo Henrique.***

***Chuvas, praticamente constantes, o ano todo, calor extenuante, sol que geravam a procura constante de sombra; mata de todos os lados, essa era a realidade do dia a dia do Engenho de Santana. Além do trabalho duro, o clima, na maior parte do ano, não ajudava muito. Temos que ter no horizonte, além do excesso de chuvas, do calor, as inúmeras doenças que se espalhavam com rapidez. (N.O.)***



## Número de Escravos por ano no Engenho de Santana

Ano/Período	Quantidade
1572	109 índios
Testamento Mem de Sá	132 – 125 índios e 7 negros de Guiné
1573	130
Século XVII	não há notícias da presença indígena como escravos no Santana
1616	17, pelas contas do documento 36
1730	178
1753	150
1753	182
Média entre final do século XVII e meados XVIII	120 – DIAS, Marcelo – pg 102
1759 expulsão dos Jesuítas a	1770 quando o Santana foi comprado Por Manoel da Silva Freire, o engenho foi praticamente paralizado
1770	300
1790	300
1815	270
1816	270
1818	260
1819	260
1828	222
1834	183 número real, Brant falava em 204
1861	60
1862	66 – Terezinha

- 1753 - A população cativa variou de um número de 17 indivíduos, em 1616, a pouco mais de 150, em 1753, mantendo uma média de 120, entre o final do século XVII e meados do XVIII. pg102, DIAS, Marcelo Henrique- Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana.



## **Fontes de Pesquisa Bibliográfica**

- Estruturas edificadas e paisagens do Engenho de Santana (Ilhéus-Bahia, séculos XVI-XVIII): um complexo produtivo colonial na Mata Atlântica sul-baiana, DIAS, Marcelo Henrique

**[file:///C:/Users/cultura/Downloads/2562-Texto%20do%20artigo-10610-1-10-20191209%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cultura/Downloads/2562-Texto%20do%20artigo-10610-1-10-20191209%20(1).pdf)**

- VIAGEM AO ENGENHO DE SANTANA – MARCIS, Teresinha

**<http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/vesantana.pdf>**

- A EXPANSÃO DOS ENGENHOS NO SUL DA BAHIA: ILHÉUS, SÉC. XIX, ANDRADE, Marcelo Loyola de

**[http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/10encontro/marcelo\\_andrade.pdf](http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/10encontro/marcelo_andrade.pdf)**

- Família, Poder e Mito. O município de S. Jorge de Ilhéus (1880-1912). RIBEIRO, André Rosas

**<http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/familia-poder-mito.pdf>**

- AFRICANOS ESCRAVIZADOS NA EXPANSÃO CACAUEIRA DE ILHÉUS-BAHIA, 1850- 1888, ANDRADE. Marcelo Loyola de

**[file:///C:/Users/cultura/Downloads/194846-Texto%20do%20artigo-540142-1-10-20220211%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cultura/Downloads/194846-Texto%20do%20artigo-540142-1-10-20220211%20(1).pdf)**

- Cachaça e escravidão em Ilhéus: 1850-1888- ANDRADE, Marcelo Loyola de

**<file:///C:/Users/cultura/Downloads/edivaldo,+23+Cachac%CC%A7a+e+escravid%CC%83o.pdf>**

- DEFINE O PERÍMETRO URBANO DA CIDADE DE ILHÉUS, ESTADO DA BAHIA.

**<https://leismunicipais.com.br/a/ba/i/ilheus/lei-ordinaria/1989/229/2296/lei-ordinaria-n-2296-1989-define-o-perimetro-urbano-da-cidade-de-ilheus-estado-da-bahia>**

- CONFLITOS E TENSÕES: CONQUISTAS DE ESCRAVIZADOS E LIBERTOS NO SUL DA BAHIA, 1880-1900- CRUZ, Ronaldo Lima

**<https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao---versao-final-para-a-defesa---copia.pdf>**

- Revolta, Negociação e Autoridade: O levante dos escravos do Engenho Santana, Ilhéus (1789). PINTO, Andrey Soares

**[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40329/1/2020\\_AndreySoaresPinto.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40329/1/2020_AndreySoaresPinto.pdf)**

- Revolta Indígena no Engenho de Santana na Capitania de Ilhéus:o Atlântico Açucareiro e o trabalho indígena (1602)- PARAISO, Maria Hilda Baqueiro



<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2015v16n24p103/7991>

- O USO DE BLOGS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DO ENGENHO DE SANTANA EM ILHÉUS-BA – SANTOS, DAGSON JOSE BORGES

[https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432840/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_ProfHist%C3%B3ria\\_Dagson\\_Borges%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432840/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_ProfHist%C3%B3ria_Dagson_Borges%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf)

- Identidade Escrava: A Revolta de 1789 no Engenho de Santana- SANTOS, Dagson José Borges

[https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502845187\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Dagson\\_Jose\\_Borges\\_Santos\\_Identidade\\_Escrava\\_Anpuh\\_2017.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502845187_ARQUIVO_Artigo_Dagson_Jose_Borges_Santos_Identidade_Escrava_Anpuh_2017.pdf)

- A viabilidade econômica de um engenho jesuítico: o Santana dos Ilhéus (séculos XVII e XVIII)- DIAS, Marcelo Henrique

<https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/17811/60748874>

- A Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil. Tomo I. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1945, PRADO, J. F. de Almeida.

<https://bdor.sibi.ufri.br/bitstream/doc/333/1/247%20T1%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>

- In Memoriam – RIBEIRO, André Luiz Rosa

[http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2020/in\\_memoriam.pdf](http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2020/in_memoriam.pdf)

- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS - PIACENTE, Fabrício José

[https://www.abphe.org.br/arquivos/fabricio-jose-piacente\\_pedro-ramos.pdf](https://www.abphe.org.br/arquivos/fabricio-jose-piacente_pedro-ramos.pdf)

- Terra, Trabalho e Poder – O Mundo dos Engenhos no Nordeste Colonial– FERLINI, Vera –

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5129982/mod\\_resource/content/1/Vera%20Lucia%20Ferlini%20-%20Texto%20Complementar.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5129982/mod_resource/content/1/Vera%20Lucia%20Ferlini%20-%20Texto%20Complementar.pdf)

Escravos e senhores na terra do cacau: alforrias e família escrava (São Jorge dos Ilhéos, 1806-1888). - GONÇALVES, Victor Santos -

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/17603/1/Dissertacao%20%20de%20Victor%20Santos%20Gon%C3%A7alves.pdf>

- Nos Labirintos da Liberdade, ANDRADE – Marcelo Loyola –

[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26022014-144848/publico/2014\\_MarceloLoyolaDeAndrade\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26022014-144848/publico/2014_MarceloLoyolaDeAndrade_VCorr.pdf)



- Mulheres escravas de Ilhéus: população, economia e sociedade, 1872-1890. ANDRADE, Marcelo Loyola de

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300668351\\_ARQUIVO\\_SIMPOSIOANPUH.1.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300668351_ARQUIVO_SIMPOSIOANPUH.1.pdf)

- "UMA LEI PARA INGLÊS VER": O MARQUÊS DE BARBACENA NO JOGO POLÍTICO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA NORMA DE 1831. PEIXOTO, Rafael Cupello (UERJ)

<https://www.seo.org.br/images/Anais/Luana/RafaelCupelloPeixoto.pdf>

- NO LADO DE CÁ: O TRÁFICO CLANDESTINO DE AFRICANOS NA VILA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS, 1851-CRUZ - Ronaldo Lima da

<https://1ecc43507c.clvaw-cdnwnd.com/2eb9931fb1b91b0a57f266bbd5bd443a/200000050-d6997d7923/No%20lado%20de%20c%C3%A1%20escravos%20em%20ilh%C3%A9us.pdf>

- Tráfico Clandestino de Escravos: A Atuação do Juiz de Direito de Ilhéus na Apreensão dos Africanos Desembarcados na Praia de Mamoan, CRUZ - Ronaldo Lima da

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12779919/trafico-clandestino-de-escravos-a-atuacao-do-juiz->

- CONFLITOS E TENSÕES: CONQUISTAS DE ESCRAVIZADOS E LIBERTOS NO SUL DA BAHIA, 1880-1900. CRUZ, Ronaldo Lima da

<https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao---versao-final-para-a-defesa.---copia.pdf>

- Reformas no beneficiamento do açúcar no final do século XVIII por Jerônimo Vieira de Abreu. REIS - Alexander Lima.

[https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545081210\\_ARQUIVO\\_Reis,AlexanderL.ReformasnobeneficiamentodoacucarnofinaldoseculoXVIIIporJeronimoVieiradeAbreu.AnaisdaSBHC\(rev\).pdf](https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545081210_ARQUIVO_Reis,AlexanderL.ReformasnobeneficiamentodoacucarnofinaldoseculoXVIIIporJeronimoVieiradeAbreu.AnaisdaSBHC(rev).pdf)

- OS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRAÇÃO DE SACAROSE DE CANA-DEAÇÚCAR ATÉ A HEGEMONIA DAS MOENDAS COM TRÊS CILINDROS – PIACENTE, Fabrício José

[https://www.abphe.org.br/arquivos/fabricio-jose-piacente\\_pedro-ramos.pdf](https://www.abphe.org.br/arquivos/fabricio-jose-piacente_pedro-ramos.pdf)

- Cultura e Opulência no Brasil por suas drogas e minas (1711). ANTONIL, André João.

[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580735/000921829\\_Cultura\\_opulencia\\_Brasil.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580735/000921829_Cultura_opulencia_Brasil.pdf)

- Conchas valem dinheiro, escravos são como zimbos: a efemeridade da extração do zimbo no Sul da Bahia. CRUZ, Ronaldo Lima da

<file:///C:/Users/cultura/Downloads/flavianeribeiro,+Editor+da+revista,+Conchas+valem+dinheiro,+escravos+s%C3%A3o+como+zimbos+A+efemeridade+da+extra%C3%A7%C3%A3o+do+zimbo+no+sul+da+Bahia+Cruz+L+da.,+Ronaldo.pdf>



- Tráfico Clandestino de Escravos: A atuação do Juiz de Direito de Ilhéus na Apreensão de Africanos Desembarcados na Praia de Mamoan – CRUZ, Ronaldo Lima da

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12779919/trafico-clandestino-de-escravos-a-atuacao-do-juiz->

-Revolta Indígena no Engenho de Santana na Capitania de Ilhéus:o Atlântico Açucareiro e o trabalho indígena (1602)- PARAISO, Maria Hilda Baqueiro

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2015v16n24p103/7991>

- UM RECÔNCAVO, DOIS SERTÕES E VÁRIOS MOCAMBOS: QUILOMBOS NA CAPITANIA DA BAHIA (1575-1808)

file:///C:/Users/cultura/Downloads/galmeida,+74-157-1-CE.pdf

- OS QUILOMBOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA Da escravidão a disputa territorial na região da Pedra do Sal no Rio de Janeiro- MELCÍADES, Alexandre Luiz Barbosa

<http://objdig.ufri.br/21/teses/786118.pdf>

- FUGAS REIVINDICATIVAS DE ESCRAVOS NA COLÔNIA - PINTO, Tales

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/fugas-reivindicativas-escravos-na-colonia.htm>